



Lívio Rodrigues Gomes

Entre campos e cantos: para uma sociologia do futebol amador

Dissertação de Mestrado, sob orientação da Professora Doutora Ana Lúcia Modesto, apresentada ao Programa de Pós Graduação em Sociologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais

Universidade Federal de Minas Gerais

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

Departamento de Sociologia e Antropologia

Belo Horizonte, Minas Gerais.

Abril 2013

Agradecimentos

Agradeço primeiramente aos meus pais, sobretudo à minha mãe, Maria Cristina Rodrigues Gomes, cujos posicionamentos críticos, opiniões perspicazes e conselhos pontuais tanto influenciaram minhas escolhas ao longo da vida. Não poderia deixar de agradecer à minha amada noiva, e brevemente esposa, Thassia Brazil que, com muito carinho e um apoio incondicional, não mediu esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida. Agradeço ao meu irmão Tarso por sempre ser meu amigo e companheiro.

Um agradecimento especial à minha brilhante orientadora Ana Lucia Modesto pelo convívio, pelo apoio, pela compreensão, pela paciência e incentivo que tornaram possíveis a conclusão desta dissertação de mestrado. Sua sensibilidade e humanidade extrapolaram em diversas oportunidades as meras atribuições de orientadora.

A todos os professores do Departamento de Sociologia e Antropologia e do Programa de Pós Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais, os quais foram tão importantes na minha vida acadêmica e no desenvolvimento desta pesquisa.

Agradeço ao Colegiado do Programa de Pós Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais e à CAPES pela concessão da imprescindível bolsa, sem a qual seria impossível o desenvolvimento desta dissertação.

Agradeço, ainda, aos amigos e colegas da graduação, principalmente aos amigos para toda a vida Sardinha, Carioca, Léo e Silvio. Foi impressionante perceber que se pode aprender muito mais no Cabral do que na sala de aula ou na biblioteca. E também os colegas da pós graduação, especialmente, Alan que demonstrou ser um grande amigo.

Peço desculpas de antemão àqueles que, por ventura, tenha esquecido de agradecer.

SUMÁRIO

1	Introdução.....	5
2	Objeto de estudo, objetivo da pesquisa e divisão metodológica	10
3	Metodologia.....	12
3.1	Valiosas contribuições teóricas: as referências bibliográficas	13
3.2	Velha questão, desafio renovado	16
3.3	Por que dois estudos de caso?	22
3.3.1	O Social Olímpico Ferroviário	23
3.3.2	O Mineirinho Esporte Clube	25
3.4	Dificuldades do trabalho de campo	26
4	Desenvolvimento histórico e social do futebol	28
4.1	Futebol histórico e social	29
4.1.1	Que <i>football</i> é este que chega ao Brasil?	32
4.1.2	O <i>football</i> transforma-se em futebol.....	35
4.1.3	Institucionalização do futebol à brasileira.....	40
4.1.4	Institucionalização/“Clubicização” do futebol nas Minas Gerais	41
4.1.5	Aspectos da profissionalização do futebol em Belo Horizonte.....	46
4.2	Esporte e Jogo: duas expressões	50
4.2.1	O jogo huizingiano	52
4.2.2	Esporte: uma perspectiva eliasiana	58
4.3	Futebol ou futebóis?.....	68
5	A escolha do Social Olímpico Ferroviário	75
5.1	Caracterização do Social Olímpico Ferroviário	80
5.1.1	A Família Mansur	82

5.1.2	O Trailer	86
5.1.3	O campo	92
5.1.4	Categorias de base	97
5.1.5	Relações institucionais	99
5.1.6	Grupos sociais que compõem o Social Olímpico Ferroviário.....	105
6	Dificuldades dos clubes amadores.....	110
6.1	Apreciação dos aspectos relacionados às transformações do futebol amador em Belo Horizonte: uma referência ao Ferroviário	113
6.2	Tendências e/ou alternativas às dificuldades encontradas pelos clubes de futebol amador	124
6.2.1	Clubes semi profissionais.....	125
6.2.2	Clubes financiados por traficantes.....	128
7	Mineirinho Esporte Clube: o contraponto.....	132
7.1	Dimensão comunitária	134
7.2	Dimensão administrativa.....	141
8	Considerações finais	150
9	Referências bibliográficas	162
10	Anexos.....	168

1 INTRODUÇÃO

O futebol vem conquistando um espaço cada vez maior no interior das ciências humanas, se tornando um objeto de estudo muito requisitado. Entretanto, apenas alguns poucos pensadores considerados consagrados se voltaram para o estudo do futebol. João Lyra Filho (1974) foi, provavelmente, o primeiro sociólogo brasileiro a dedicar uma obra exclusiva a uma sociologia do esporte, com especial atenção ao futebol. Embora não tenha dedicado nenhuma obra exclusiva ao futebol, ao esporte em geral, como fizera João Lyra Filho, Gilberto Freyre (1947) - entusiasta assumido do futebol nos tempos em que não havia, ainda, a unanimidade atualmente verificada - também escreveu algumas páginas sobre este esporte tentando compreendê-lo a partir da perspectiva da mistura de raças, da democracia racial¹. Além deles, destaca-se Anatol Rosenfeld que em três estudos sócio-antropológicos, reunidos na obra *Negro, Macumba e futebol* (1993), assume a difícil empreitada de desvelar e compreender o processo de democratização do futebol em terras brasileiras, o qual incorporou elementos das classes pobres, sobretudo dos negros. Não poderíamos deixar de alocar Roberto da Matta (1979) neste panteão de grandes cientistas sociais que, em algum momento das respectivas obras se prestaram a pensar, a discorrer ou pesquisar o futebol. Suas ideias acerca do modo como através do futebol subverte a lógica das relações sociais no Brasil, baseada em éticas únicas e duplas, as quais, tipicamente, são verificadas em sociedades em que se mesclam elementos modernos e tradicionais. É importante notar que havia uma preocupação comum entre estes grandes autores em compreender mais aprofundadamente como se processou e como se processa o grande apego do brasileiro por este esporte, discutindo minuciosamente a construção do que ficou conhecido como “jeito brasileiro” de se vivenciar, de se praticar o futebol, ou seja, eles tentaram entender como o futebol ganha no Brasil os contornos e as proporções atuais, se tornando o que Nelson Rodrigues chamou de “a pátria de chuteiras”.

Para o sociólogo brasileiro, o estudo do futebol configura-se em tarefa desafiadora. Enquanto esporte, como valor social, como símbolo nacional ou como bem

¹ Para maiores informações acerca da influência da perspectiva freyreana - inclusive, sobre a obra de Mario Filho, a qual foi, e ainda é, largamente utilizada no trato do futebol pelas ciências sociais – ver interessante artigo de autoria de Antônio Jorge Soares presente na obra *Futbologías: fútbol, identidad y violencia en América Latina* (2003).

cultural, o futebol deve ser estranhado de modo que o sociólogo - apaixonado por futebol como outras tantas pessoas - obtenha um distanciamento necessário para a análise deste esporte. Elementos que são familiares, os quais aparentemente são facilitadores da pesquisa (como informações prévias, facilidades de acesso aos dados e etc.), podem se converter em obstáculos, pois a familiaridade pode ser, e geralmente é, “o resultado de ideias preconcebidas, deformadas (...) errôneas” (Magnani: 1984, p.10). Nesse sentido, o pesquisador deve se esforçar para estranhar o familiar (Bourdieu: 2005) e, assim, captar os significados de certos comportamentos banais associados a este esporte. Estranhar o futebol requer por parte do sociólogo, um distanciamento saudável no sentido de abdicar, não permitir que o gosto ou o envolvimento com o esporte seja algo nocivo à pesquisa. A paixão pelo futebol deve ser um combustível da tenacidade, do interesse, da curiosidade, da imaginação sociológica (Mills: 1975). O futebol será aqui encarado como um fenômeno social e cultural, que se manifesta em uma época específica, num contexto histórico particular e, como qualquer fenômeno social, que se produz e se reproduz, que é produzido e reproduzido pela sociedade, que opera sobre determinados símbolos e valores.

Não são poucos os momentos em que os brasileiros se deparam com conversas em torno deste esporte. O futebol é um meio pelo qual várias situações, vários contextos, várias épocas, vários lugares são abordados. O futebol cumpre importante função no que tange o encontro com colegas e vizinhos para que se realizem as conversas, as discussões em torno de assuntos da comunidade: quem se casou, quem ganhou o jogo, quem é o craque do time e o “perna de pau”. Fala-se de futebol mundial, de futebol continental, de futebol nacional, de futebol regional, de seleções, de clubes profissionais, de clubes de várzea, das peladas disputadas sagazmente aos finais de semana. Devido ao apego do brasileiro por este esporte – ou jogo como se verá -, o futebol acaba por se constituir como atividade dotada de grande potencial de congregar, arregimentar, de mobilizar pessoas, sendo, portanto, elemento que contribui demasiadamente para os processos de socialização e sociabilidade (Magnani: 1984). Desta forma, o futebol no Brasil se configura enquanto parte integrante do cotidiano de grande contingente da população, seja acompanhando notícias acerca do dia a dia do clube do qual é adepto, seja assistindo programas de TV e rádio que tratam especificamente do futebol, seja participando de times de futebol de várzea, seja

praticando o futebol na escola, seja brincando com uma bola de meia nas ruas e vielas da periferia das grandes cidades, seja fazendo parte de uma torcida organizada (Toledo: 2000).

Foram inúmeras as conversas em que meus antigos vizinhos, moradores do bairro Serrano, localizado na regional Noroeste, na periferia de Belo Horizonte, contavam “causos” saudosos em que eram proferidas as proezas do Imperial Serrano, clube de futebol amador que mandava seus jogos no antigo campo do Conjunto Lagoa. O tom de saudosismo se dá devido ao fato de que depois que o campo de futebol aberto à comunidade do bairro Serrano deu lugar a um clube privado aos sócios, a saber, o Clube 7 (sete), o clube se enfraqueceu e logo encerrou as atividades. A comunidade ao redor daquele espaço - e nas conversas com os vizinhos e moradores da região isso fica latente - sabe que perdeu um precioso espaço para a prática do futebol, para a convivência, para o lazer. Diante destes relatos, muitos deles emocionados, não conseguia deixar de pensar nos vários, nos inúmeros campos de futebol que deixaram de existir, tal como aquele, ao longo de toda a cidade; pensava nos clubes de futebol de várzea que encerraram suas atividades em decorrência do fim de seu campo. Estes campos de futebol e o futebol amador – ou futebol de várzea - centralizam parte da vida comunitária, sendo concebidos enquanto espaços aos quais o conjunto da sociedade brasileira atribui grande importância. Enquanto “equipamento de uso coletivo” estes campos de futebol já representam por si só um valioso objeto de estudo sociológico, uma vez que neste espaço se verificam manifestações coletivas de todos os gêneros: quermesses, festas juninas, rodeios, shows, feiras de artesanato e etc. Segundo Gilmar Mascarenhas de Jesus:

“O Núcleo de Sociologia do Futebol da Uerj encaminhou em maio de 1993 consulta a todos os municípios brasileiros então existentes, indagando sobre a disponibilidade de equipamentos de uso coletivo inclusive nas sedes distritais. Tal levantamento revelou o ‘campinho’ de futebol como elemento da paisagem mais frequente que a igreja ou qualquer equipamento de uso coletivo. E como o espaço mais importante da vida comunitária, onde se realizam reuniões diversas (incluindo assembleias) e os eventos do calendário festivo, social e mesmo religioso” (Jesus: 2001, nota 1. *in* “A violência e o futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje”).

Como afirma Gilmar Jesus, este espaço deve ser concebido para além do futebol, como um espaço de socialização e sociabilidade privilegiado - em se tratando da comunidade em que se localiza – em que se dá o encontro entre homens e mulheres, entre adultos e crianças, entre católicos, evangélicos e umbandistas; cabe, então, ao sociólogo perceber que estes “campinhos” são dotados de qualidades que perpassam as quatro linhas, que extravasam seus limites. O conceito de *pedaço* elaborado por José Magnani pode contribuir para um melhor entendimento acerca do lócus ocupado pelo campo de futebol – e pelo próprio futebol amador, futebol de várzea - e das relações estabelecidas pelos moradores de determinada região de uma metrópole a partir dele. Há dois elementos básicos que constituem o pedaço, um de ordem espacial e outro referente às redes de relações sociais estabelecidas. O pedaço corresponde a certa região, bairro, ou comunidade localizado na metrópole, nos quais se verificam uma rede de relações sociais de vários tipos, como por exemplo parentesco ou não, amizades, inimizades, coleguismos, rivalidades, rixas e etc. Para “ser do pedaço” não basta morar, residir ali, é necessário viver *o* e *no* pedaço, isto é, “é preciso estar situado numa particular rede de relações que combina laços de parentesco, vizinhança e procedência” (Magnani: 2003, p. 115). Em outros termos, fazer parte desta rede de relações sociais estabelecidas no âmbito do pedaço significa frequentar o núcleo deste pedaço, o qual é composto por alguns pontos de referência, tais quais uma padaria, um bar, uma sinuca, as casas de comércio, os templos religiosos, o campo de futebol. Enquanto ponto de encontro, locais de passagem obrigatória ou lugares de manifestação de atividades de entretenimento e lazer, esses núcleos do pedaço são essenciais para a constituição das relações sociais percebidas no âmbito do pedaço, do bairro, da comunidade, já que são nestes locais que se tece a trama do cotidiano.

O campo de futebol se constitui como um dos principais núcleos do pedaço na medida em que um grande número de pessoas se interessa de alguma forma por este esporte e, por isso, participa dos times, acompanha os jogos realizados, vibra com os gols marcados, se decepciona com as derrotas. O campo de futebol, o futebol amador, de várzea, é uma das formas por meio das quais estas populações periféricas expressam seu universo simbólico, configurando-se então como relevante problema de pesquisa. Nesse sentido, o campo de futebol e o futebol amador podem ser entendidos,

compreendidos, definidos e delineados, sob inúmeras facetas: como espaço público utilizado para além das atividades esportivas de um modo geral; como lócus de socialização e sociabilidade, isto é, como ferramenta que contribui sobremaneira para o processo de socialização, como um dos vários espaços de sociabilidade em que a vida social, entendida no âmbito da coletividade, se manifesta (Magnani: 1984); como espaço adequado à prática de um esporte determinado; como campo em que times de futebol amador, de futebol de várzea mandam seus jogos; como reflexo da rápida popularização do próprio esporte, ou seja, como construção social, como resultado de processos sociais, políticos, econômicos, culturais contraditórios (Pereira: 2000), os quais, somados, são responsáveis pelo apego de grande parte dos brasileiros a este esporte; como espaço de atuação de grupos de interesse ou agremiações (políticos, traficantes, clubes de futebol amador); como meio de produção e reprodução do jogo (Huizinga: 2004); como uma importante ferramenta de ressignificação, revalorização, reinvenção do futebol (Damo: 2005); como reflexo da configuração social específica à qual pertence (Elias: 1992); como espaço de disputa entre interesses públicos e privados no âmbito urbano (Martins: 2006); como espaço em que se manifestam atividades de trabalho; como lugar de disputa por prestígio e poder frente à comunidade (Bourdieu: 1983) e etc.

2 OBJETO DE ESTUDO, OBJETIVO DA PESQUISA E DIVISÃO METODOLÓGICA

Como se viu acima, o campo de futebol aberto às comunidades é um importante espaço social ao qual os moradores de determinado pedaço da metrópole atribui grande importância. Por este motivo, é muito comum que esses mesmos moradores da própria comunidade, do próprio bairro em que se localiza o campo se organizem formando clubes de futebol amador. O clube de futebol amador é, talvez, o principal ator social por meio do qual se pode traduzir o futebol amador, assumindo, portanto, papel central neste estudo.

O futebol amador, os campos de futebol e os clubes de futebol amador podem ser encarados e estudados a partir de inúmeros elementos, cada um dos quais apresentando grande potencial. Nenhum estudo seria capaz, contudo, de analisá-los em sua imensa amplitude de possibilidades. Assim sendo, torna-se essencial definir com maior rigor os elementos para os quais o pesquisador lançará seu olhar neste estudo e, assim, recortar o objeto e os objetivos propostos nesta pesquisa. Devido ao crivo sociológico, alguns elementos, que podem ser relacionados ao campo de futebol e ao futebol amador, saltam aos olhos em detrimento de outros. Cada um deles define diferentes abordagens e olhares sobre o mesmo objeto, são eles:

- a) O campo, os clubes e o futebol amador como reflexos da rápida popularização do próprio esporte no Brasil durante as primeiras décadas do século XX, ou seja, como construção social, como resultado de processos sociais, políticos, econômicos e culturais contraditórios, os quais, somados, são responsáveis pelo apego de grande parte dos brasileiros a este esporte e, conseqüentemente, pela disseminação dos campos de futebol por todo o território nacional;
- b) O campo, os clubes e o futebol amador como meios de produção e reprodução do jogo;
- c) O campo, os clubes e o futebol amador como importantes ferramentas de ressignificação, revalorização, reinvenção do futebol;
- d) O campo, os clubes e o futebol amador como reflexos da configuração social específica à qual pertence;

- e) O campo como lugar em que clubes de futebol amador, de futebol de várzea mandam seus jogos e ali estabelecem, com variados atores sociais, uma série de relações de diferentes tipos (rivalidades, disputas, conchavos, alianças, parcerias e etc.);
- f) O campo e os clubes enquanto lócus e o futebol amador como meio de socialização e sociabilidade, isto é, como ferramenta que contribui sobremaneira para o processo de socialização, como um dos vários espaços de sociabilidade em que a vida social, entendida no âmbito da coletividade, se manifesta.

O objeto deste estudo é, pois, o campo de futebol e o futebol amador ou de várzea analisado a partir dos aspectos elencados acima. Desta forma, este estudo tem por objetivo contemplar cada um destes diferentes elementos associados ao campo de futebol e ao futebol amador de um modo geral – seja o campo de futebol em si, sejam as qualidades que o perpassam e que a ele estão associadas - entendendo que, assim, poderá tornar-se clara a forma pela qual estes elementos se interagem na realidade concreta, contribuindo, para as pesquisas sobre o futebol amador como um todo. Podemos definir os objetivos desta pesquisa da seguinte forma:

- **Objetivo geral:** estudar o futebol amador, como um todo, em Belo Horizonte, ou seja, tomado em sua amplitude, complexidade e riqueza;
- **Objetivo específico:** estudar os campos de futebol abertos e os clubes de futebol amador que se formam, a partir destes campos, nas comunidades e bairros da cidade.

Espera-se com isso desvelar as formas pelas quais o futebol amador se manifesta no mundo atual: como os clubes de futebol amador se organizam, quem deles participam, suas dificuldades, as transformações inerentes ao processo, as estratégias adotadas pelos atores que a ele estão envolvidos, o entendimento desses atores em relação ao futebol amador, a leitura que fazem estes atores da atual situação do futebol amador e etc.

3 METODOLOGIA

É sabido que não é possível tratar separadamente cada um daqueles diferentes elementos enumerados anteriormente, na medida em que todos eles fazem parte de um mesmo emaranhado de comportamentos, símbolos, gestos e códigos, que operam de acordo com normas, regras e valores sociais - enfim, respeitam as contingências específicas à sociedade a qual pertencem - isto é, na realidade da vida social, estes elementos não se oferecem separados uns dos outros, cabendo, assim, ao sociólogo promover esta delimitação. Sendo algo puramente analítico, esta delimitação, esta separação é apenas uma estratégia metodológica utilizada no sentido de tornar a pesquisa mais eficaz naquilo que se propõe. Alguns destes aspectos poderão ser contemplados a partir de uma abordagem pautada pela apreciação teórico-bibliográfica e outros a partir de observações sistemáticas levadas a cabo em trabalhos de campo. A metodologia, portanto, pode ser definida a partir de dois momentos, cada um dos quais correspondendo a determinados elementos:

1º) Definição, delimitação, desenvolvimento do objeto de estudo - a saber, campos, clubes e o futebol amador - através de uma apreciação teórico bibliográfica;

2º) Observação sistemática - orientada pela discussão teórica levada a cabo no momento anterior - das atividades realizadas e das relações estabelecidas no campo e no clube de futebol amador pelos atores sociais que dele fazem uso.

É necessário neste momento discorrer pormenorizadamente acerca dos procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa para que fique claro quais foram as estratégias utilizadas durante as diferentes etapas da pesquisa, facilitando a visualização posterior dos resultados. A seguir pretende-se demonstrar e justificar a escolha de certa metodologia, ou de certas estratégias metodológicas em detrimento de outras. Esta escolha se deu a partir da própria natureza do objeto deste estudo e se pautou por ideias de grandes pesquisadores cujos trabalhos, questionamentos, estratégias e conceitos serão, mesmo que de forma não muito aprofundada,

contemplados e apresentados para se ter uma noção mais clara acerca dos fundamentos metodológicos que orientaram a pesquisa. Serão também apresentadas as dificuldades encontradas pelo pesquisador não só durante o trabalho de campo, como também no que tange a escassez de esquemas teóricos ou mesmo trabalhos que conhecem no futebol amador seu objeto de estudo. Esta escassez foi algo que forçou o pesquisador a buscar nas ideias de autores consagrados - que, de uma forma ou de outra, se debruçaram sobre o futebol ou mesmo sobre o esporte em suas pesquisas e obras – contribuições para um recorte mais eficaz do objeto de estudo favorecendo, assim o desenvolvimento da pesquisa. Podemos, pois, definir a metodologia desta pesquisa a partir da contemplação dos seguintes tópicos, cada qual com sua relevância e utilidade específica:

1. Revisão bibliográfica;
2. Estratégias metodológicas utilizadas;
3. Por que estudar casos?;
4. Dificuldades e percalços da pesquisa;

3.1 Valiosas contribuições teóricas: as referências bibliográficas

Não há uma bibliografia que trate especificamente do futebol amador. Há, na verdade, um pequeno número de trabalhos acadêmicos (artigos, ensaios, monografias e dissertações²) que lidam diretamente com este tema, tendo neste tipo de futebol seu objeto de estudo. Desta forma, não há uma unidade, não há um padrão para estudos que conhecem no futebol amador seu objeto. Este padrão, esta unidade não é algo imprescindível, porém é capaz de diminuir as incertezas inerentes a este tipo de estudo.

² Ver, por exemplo, BERVARI, Rafael Firmino (2009) em *Futebol de Várzea: Berço de Insubordinações* (Monografia); GOERG, Marcelo (2010) em *Futebol de Várzea: uma investigação sobre os valores no cotidiano da prática* (Monografia); GONÇALVES, Alana Mara Alves (2002) em *Futebol Amador: campo emergente de sociabilidade* (Dissertação); LOPO, Rafael Martins; ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. (2010) em *Trabalho e Futebol da várzea nos jogos da memória: ensaio etnográfico sobre as relações de trabalhadores urbanos e o futebol de várzea na cidade de Porto Alegre* (Ensaio).

Embora as estratégias metodológicas sejam bem semelhantes³ nestes diferentes trabalhos, há uma grande diversidade de conceitos e teorias utilizados pelos pesquisadores. Esta utilização depende diretamente das preferências do próprio pesquisador, o qual pode ser mais afeito a esta ou aquela obra, a este (a) ou aquele (a) autor e, também, da própria dinâmica da pesquisa. Portanto, a escolha de determinados autores, de determinadas obras, se deu devido ao fato de que as ideias ali presentes contribuíram para um melhor entendimento do objeto, na medida em que foi possível definir com maior rigor para o que o pesquisador lançará seu olhar e direcionará seus esforços.

Dito isso, foi possível perceber que o interesse da sociologia, e das ciências sociais de um modo geral, sobre o futebol vem crescendo substancialmente nos últimos anos. Com isso, o que se nota é uma multiplicação de trabalhos e de pesquisadores que voltam suas atenções para a produção de conhecimento sobre o futebol. Estes pesquisadores sofreram influência de diversos pensadores (sociólogos, historiadores, antropólogos, filósofos) que são considerados a vanguarda dos estudos de futebol, sendo assim, citados e referendados como quase obrigatórios para aqueles que buscam estudar este fenômeno. Este crescimento se deve, em larga medida, ao trabalho daqueles que se atreveram a considerar o futebol como um objeto de estudo relevante e merecedor, portanto, da atenção dos pesquisadores. Talvez o mais notório destes autores seja Norbert Elias. Não se pode tratar sociologicamente o futebol sem utilizar, em algum momento da pesquisa, a obra deste grande pensador. Um exemplo análogo seria um pesquisador que estuda as relações entre as diferentes classes sociais não se utilizar em algum momento das ideias de Marx, mesmo que não concorde com elas. Elias fornece uma interpretação muito lúcida do futebol em relação à época moderna: seu significado, sua correlação com um contexto social mais amplo, as conseqüências do crescimento e da mobilização deste esporte, dentre outras coisas. Algumas das ideias de Elias serão, pois apresentadas neste estudo de modo a contribuir para o desenvolvimento da pesquisa e para o recorte do objeto.

³ A maior parte dos trabalhos produzidos, que se relacionam à temática do futebol amador ou de várzea, se vale de empreitadas pretensamente etnográficas – algumas delas mal sucedidas – enquanto metodologia de coleta de dados.

Outro grande pensador que será utilizado enquanto um aporte teórico relevante capaz de fornecer elementos valiosos para a análise do futebol amador enquanto um jogo é Iohhan Huizinga. Este autor trata o jogo em seu sentido amplo enquanto um elemento que constitui e é constituído pela cultura. Define, ainda, as características estruturais do jogo e as formas pelas quais estas características se manifestam quando da consecução do jogo. Estes elementos e características foram utilizados como ferramentas de observação e análise das pelepas disputadas no campo de futebol amador no qual o trabalho de campo se realizou.

Uma das maiores referências em se tratando do estudo do futebol no Brasil é, sem dúvidas, o antropólogo Arlei Damo. Este autor é largamente citado e aclamado por diversos pesquisadores das mais diferentes áreas de pesquisa científica que tratam do futebol. Suas ideias são de grande valia para este estudo, já que ele criou uma tipologia por meio da qual foi possível tratar o futebol com maior refinamento e precisão conceitual. Para ele o futebol não pode ser concebido de maneira uniformizante, mas, ao contrário, deve ser entendido e compreendido a partir de sua grande diversidade de formas e de manifestações. Estas diferentes formas e manifestações foram canalizadas em quatro tipos de futebol – ou matrizes futebolísticas nas palavras do próprio autor - cada qual com suas peculiaridades e similaridades. São eles: futebol espetacularizado, futebol escolar, futebol comunitário e futebol bricolado. Verificou-se que em relação a este estudo, as matrizes futebolísticas para as quais o pesquisador deveria concentrar suas atenções e esforços eram, justamente, as matrizes bricolada e comunitária. São estes os tipos de futebol que se manifestam de forma mais direta no âmago do campo de futebol e do futebol amador.

Além da inequívoca contribuição destes autores – que como se poderá perceber ao longo do estudo são as principais referências teóricas utilizadas nesta pesquisa – as ideias de José Magnani presentes na obra “Festa no Pedaco” foram de grande valia para este estudo, devido ao fato de que sua pesquisa revelou a grande importância do futebol de várzea (como ele chama o futebol amador) para as comunidades e bairros periféricos das grandes cidades. Esta obra foi utilizada como um parâmetro comparativo e também forneceu conceitos importantes para o desenvolvimento da pesquisa, sobretudo o

conceito de “pedaço”. Além disso, as reflexões metodológicas enunciadas por Magnani em sua obra foram imprescindíveis para este estudo.

3.2 Velha questão, desafio renovado

Cabe discorrer neste sobre a opção metodológica adotada pelo pesquisador para a consecução deste estudo. Quando se trata de discussões metodológicas em sociologia, é quase impossível não pensar na dicotomia e nas diferenças entre metodologias qualitativa e quantitativa. Isso se deve ao fato de que estas duas maneiras de se fazer ciência em sociologia advêm das distintas naturezas dos dados e do próprio objeto de estudo. Ora, podemos afirmar que para determinados objetos de estudo determinadas metodologias se mostram mais adequadas, ou seja, a metodologia deve ser desenvolvida de modo a contribuir para a produção e construção de conhecimento acerca do objeto de estudo e não se tornar um empecilho ao mesmo. Considerando enquanto objeto deste estudo o campo de futebol e o futebol amador em si, optou-se por uma abordagem qualitativa, na medida em que esta seria, levando em conta a escassez de dados secundários⁴, a forma mais adequada de levantamento de informações e dados. Em outros termos, a utilização de metodologia qualitativa deve-se ao fato de que não existe um banco de dados do qual o pesquisador poderia extrair informações sobre o futebol amador, logo há a necessidade de adentrar nas entranhas deste tipo de futebol a fim de coletar as informações e dados necessários a pesquisa.

Foram recolhidos muitos dados durante o trabalho de campo, porém não houve tempo hábil para quantificá-los ou tabulá-los. Podemos definir esta pesquisa, portanto, enquanto um trabalho de sociologia compreensiva, na medida em que os dados obtidos foram interpretados diante da realidade social vivenciada e observada.

⁴ Considero enquanto dados secundários as informações já existentes - tabuladas e/ou analisadas - que podem ser utilizadas com o objetivo de complementar novas investigações. Estes dados secundários advêm de diversas fontes e/ou publicações, como IBGE, livros, relatórios, seminários, congressos, associações, sindicatos, além de outras instituições que de alguma forma se relacionam com os objetivos da pesquisa em questão.

Além disso, pode-se dizer que esta necessidade em se imprimir métodos de natureza qualitativa se dá pelo fato de acreditar que existem determinadas nuances, determinadas sutilezas do plano simbólico que os instrumentos metodológicos, tradicionalmente associados a técnicas de natureza quantitativas (*surveys*, por exemplo), são incapazes de traduzir. José Magnani (1984) durante sua incursão na periferia da cidade de São Paulo constata a deficiência do *survey* em decodificar os comportamentos sociais concretos. Segundo ele, sua experiência em campo revelou uma curiosa limitação do instrumento questionário para captar de que forma se dava o lazer na comunidade Três Corações. De acordo com os dados obtidos dos questionários, o futebol não figurava como lazer para as mulheres, porém quando foi realizada uma observação em campo ficou evidenciada a intensa participação das mulheres nos campeonatos de várzea. Nas palavras de Magnani:

“(...) pode se argumentar que o interesse [das mulheres] é menos pelo esporte em si do que pela movimentação criada em torno da partida, acontecimento que reúne pessoas conhecidas da vila e gente de outros bairros.” (Magnani: 1984, p. 134)

Desta forma a pesquisa qualitativa é essencial para os objetivos aqui propostos, já que eles serão alcançados apenas mediante incursão em campo; o pesquisador deve vivenciar o futebol amador, deve estar presente no campo de futebol, deve participar das conversas e das brincadeiras, da mesma forma como um antropólogo que estuda tribos indígenas deve viver com os índios, o sociólogo que estuda o futebol amador deve participar das atividades no campo de futebol. Segundo William Foote White (2005) a única maneira de se obter um conhecimento sociologicamente aceitável acerca de certo objeto de estudo seria conceber este objeto (para ele o bairro, para mim o futebol amador) como composto de “seres humanos”, sendo necessário, portanto, viver ali e “participar das atividades de sua gente”, distanciando-se de perspectivas estereotipadas, pré concebidas e vendo as pessoas no cotidiano. Mesmo que para o caso de minha pesquisa não tenha sido possível – por razões óbvias – viver no interior de meu objeto de estudo, como fizera White, suas lições são demasiado importantes.

É necessário discorrer e refletir, mesmo que de maneira rasa, acerca do potencial e das limitações das técnicas qualitativas de coleta de dados e, ainda, compreender de que forma e em que contexto se deu sua aceitação no interior da comunidade acadêmica.

No interior das ciências sociais a dicotomia entre métodos qualitativos e quantitativos é latente, sobretudo, pela herança positivista (Cardoso: 1986, p. 96). Por isso, desde seu início a sociologia sempre tivera suas preocupações voltadas para o aprimoramento do método científico e o conseqüente reconhecimento da comunidade científica mundial. Tal reconhecimento só foi possível graças ao empenho de cientistas que imprimiram uma nova forma de se fazer ciências humanas, uma forma tentou primar, assim como as ciências duras, pela racionalidade e objetividade. Desta forma, a objetividade sempre fora perseguida por sociólogos, de modo que os métodos desenvolvidos respeitaram esta lógica. O binarismo sujeito do conhecimento/objeto do conhecimento é a marca deste momento. Considerar a sociedade, a cultura, as instituições, o futebol amador, enfim qualquer coisa que se queira estudar, como objeto no sentido estrito da palavra pode ser proveitoso para as ciências humanas – como realmente foi, haja vista as contribuições teóricas e metodológicas de Durkheim, por exemplo – mas por outro lado pode ser prejudicial, na medida em que lidamos com seres humanos, com seres pensantes que avaliam e refletem acerca das situações da vida social. Pensar que poderíamos, a partir de um patamar de sujeitos do conhecimento, traduzir, exprimir, descrever a vida social configura-se no mínimo como uma postura prepotente que pouco tem a contribuir para a ciência como se verá.

O bom rendimento das técnicas qualitativas depende inteiramente desta desconfiança em relação aos métodos e conceitos macro sociológicos. Influenciados por essa onda de críticas e desconfianças em relação às perspectivas macro estruturais, o que se notou foi um uma avalanche de trabalhos de investigação empírica qualitativa, os quais muitas vezes eram reducionistas por elaborarem estudos de caráter particularista. Em outras palavras, tentar imprimir aos métodos qualitativos uma lógica de construção do conhecimento positivista – princípios de neutralidade e objetividade, principalmente – preservando a natureza objetiva dos dados, cuja existência se daria independentemente dos atores, seria incurrir em erro. A subjetividade dos atores e do próprio pesquisador,

além é claro, dos grandes sistemas simbólicos que orientam o comportamento, devem ser ajustados de modo que a pesquisa científica em sociologia seja cada vez mais abrangente. Nesse sentido, a dicotomia clássica sujeito/objeto perde propriedade. O que se chamou de objeto são pessoas, é bem verdade imersas num contexto histórico e cultural próprios, que, no entanto, transbordam subjetividades, opiniões, posicionamentos. A classificação de objeto é obsoleta, uma vez que desconsidera estes elementos de ordem subjetiva, cuja relevância em termos de pesquisa e análise é indiscutível. O objeto (que na verdade também é sujeito) deve ser concebido pelo pesquisador enquanto interlocutor. Esta perspectiva impede a criação de uma hierarquia, a qual verticaliza o conhecimento e é danosa às ciências humanas, ou seja, o outro – sobre o qual se pretende produzir conhecimento – é interlocutor, é sujeito pensante e sujeito falante; sua subjetividade, extenalizada através da fala (evidenciada numa entrevista ou observação) deve ser entendida a partir desta horizontalização do conhecimento. Estabelecer o elo entre subjetividade e as formas de se externalizá-la – sobretudo por meio da linguagem - é tarefa delicada que requer muita atenção por parte do pesquisador.

Não se pode criar modelos austeros que procuram compor a relação entre subjetividade e linguagem, já que a análise da linguagem, do discurso por si mesma mostrou-se incapaz de apreender os meandros simbólicos que orientam o comportamento dos indivíduos e grupos. A observação seria um meio pelo qual este déficit seria suprimido, pois se pressupõe que o pesquisador poderia estudar o comportamento do outro não apenas pelo que lhe foi dito, mas também a partir daquilo que ele mesmo (o pesquisador) vivenciou, que ele mesmo compartilhou com o outros; isso significa mergulhar num lugar inacessível aos olhos positivistas ou estruturalistas. Em outros termos, o material discursivo originário de entrevistas ou observações na maioria das vezes aparece de forma fragmentaria e redundante. Neste caso, o pesquisador se vê obrigado a:

“ (...) ‘normalizá-lo’ [o material discursivo] antes de submetê-lo aos refinados mecanismos de análise, isto é, fazia-se necessário fornecer uma estrutura adequada aos fragmentos, eliminar os ‘resíduos’, ‘ruídos’,

transformar, enfim, a matéria bruta em matéria prima – agora sem as arestas que podiam pôr em perigo as engrenagens e a eficácia do modelo” (Magnani: 1984, p. 53).

Essas entrelinhas do discurso sobre as quais se refere Magnani, o discurso fragmentado, as redundâncias, os silêncios, o gesto, o não dito são tão ou mais significativos do que aquilo que é expresso discursivamente. Isto é o que Magnani chamou de armadilhas do discurso: o que é dito e o que é feito pode divergir muito do que é feito de fato. Por isso a análise semântica deve vir sempre acompanhada da análise de conteúdo. Durante a observação levada a cabo por ele num bairro periférico de São Paulo isso ficou evidente. De acordo com o que fora revelado em sua obra os presidentes da associação do bairro quando indagados acerca da política diziam que política “é coisa suja”, mas quando sua comunidade precisava de algum auxílio, não hesitavam em recorrer a mecanismos de ordem política para a resolução de demandas. Nesse sentido, o que deve ser focalizado pelo pesquisador no trabalho de campo que se orienta a partir de metodologias qualitativas? O que é dito ou o que é praticado? No discurso que nega ou no comportamento que afirma? O pesquisador deve voltar sua atenção tanto para o material discursivo quanto para o material concreto, observável. A grande questão que se apresenta é exatamente o que perceber, para o que olhar. Não é tarefa fácil apreender a partir de observações de comportamentos, os sistemas de ordem simbólica que organizam e dão sentido à vida social. Ora, apreender a vida social a partir de metodologias qualitativas revela-se, portanto, como algo desafiador, representando riscos para a eficácia da pesquisa científica.

O discurso e o comportamento concreto não devem ser analisados como algo exterior ao indivíduo, como *coisa* no sentido durkheimiano, isto é, esvaziado de sentido subjetivo. O pesquisador não pode se esquecer de que uma entrevista, por exemplo, é uma relação intersubjetiva entre pesquisador e informante. Esta interação de subjetividades produz uma relação de comunicação entre duas pessoas, as quais procuram entendimento; ambos se divertem, se chateiam, se entediam e no fim o discurso é construído a partir desta situação específica. Tal entendimento depende muitas das vezes da qualidade desta interação: o pesquisador deve, antes de tudo,

elaborar estratégias que garantam a fluidez da interação, tais como amizades, parcerias, coleguismos, afinidade e etc. Este mergulho no mundo do interlocutor garante acesso aos significados atribuídos ao comportamento social, os quais se vêem obscuros. Isso não é muito diferente do que ocorre na vida social ordinária, pois todo o tempo os indivíduos produzem e reproduzem estratégias – não só no sentido da economia clássica, isto é, estratégias que visam maximizar os benefícios próprios – para operar de maneira aceitável sobre determinadas estruturas sociais e simbólicas, tornando possíveis as mais diversas relações sociais.

A análise social a partir do indivíduo entrevistado ou observado remonta ao fato de que o ele – o indivíduo - é uma metáfora da sociedade e, nesse sentido, o conceito de indivíduo pode ser lido de modo que as concepções atribuídas pelo ser humano sobre o próprio ser humano, e suas relações, são reveladoras da natureza da cultura daquela sociedade. Uma questão se faz presente neste momento, como garantir que esta pesquisa não seja nada mais do que uma compilação de relatos subjetivos e opiniões sem correspondência social alguma? O objetivo do pesquisador deve ser a “busca de objetos unificados que podemos esperar que se apresentem como o mesmo para muitas pessoas” (Willis: 1976). Nesse sentido diz Cardoso (1986)

“A relação intersubjetiva não é o encontro de indivíduos autônomos e auto-suficientes. É uma comunicação simbólica que supõe e repõe processos básicos responsáveis pela criação de significados e de grupos. É neste encontro entre pessoas que se estranham e que fazem um movimento de aproximação que se pode desvendar sentidos ocultos e explicitar relações desconhecidas” (Cardoso: 1986, p.103)

Desta forma, o que merece a atenção e o investimento intelectual do sociólogo é exatamente o que, ou melhor, aquilo que torna o indivíduo parte de um complexo sistema de instituições, símbolos, valores, leis, regras, normas, crenças, hábitos e costumes, aquilo que torna o indivíduo um ser social.

Podemos então definir a metodologia desta pesquisa a partir de três estratégias metodológicas básicas, a saber, observação sistemática em campo, entrevistas informais com pessoas que frequentam o lugar e entrevistas semi estruturadas com os mandatários dos clubes. A utilização destas três estratégias, destes dois instrumentos metodológicos se deu de modo a – como afirmado acima – preencher as eventuais lacunas deixadas por um ou outro: aquilo que não for apreendido pela observação deve ser apreendido pelas entrevistas e aquilo que não for apreendido pelas entrevistas deve ser apreendido pela observação.

3.3 Por que estudar casos?

“(...) cabe sempre lembrar que um estudo de caso não pretende, necessariamente, encontrar o típico ou o médio, mas sim, através de um trabalho mais demorado e intensivo, perceber mecanismos e estratégias sócio-culturais difíceis ou impossíveis de serem captadas através de grandes amostragens de enormes universos. (...) Nesse sentido, (...) volta-se para o estudo da visão de mundo e do ethos de um grupo social particular, preocupado que estava não só em perceber uma racionalidade, mas também em captar um tom, uma maneira de ser, um estilo de vida.”
(Velho: 1978. p. 113).

As palavras de Gilberto Velho inscritas acima são de grande valia para os estudiosos que pretendem desenvolver suas pesquisas através de estudos de caso. Não se busca a partir deste tipo de estratégia metodológica o *típico* ou o *médio*, ou seja, não se pretende elaborar afirmações generalizantes acerca do objeto de estudo de maneira indiscriminada. O que se pretende através deste tipo de estudo é uma compreensão mais aprofundada acerca de determinada realidade social. Cada caso pode apresentar suas peculiaridades, porém há uma série de elementos que são compartilhados pelos indivíduos ou grupos que participam de uma mesma atividade, como por exemplo, o futebol amador. Mesmo que Velho tenha promovido sua pesquisa em um edifício

apenas, em um sem número de edifícios as condições da vida e das relações sociais terão absoluta correspondência. Da mesma maneira, mesmo que tenha sido realizado um estudo mais aprofundado em dois clubes de futebol amador, há uma realidade semelhante noutros vários clubes. O estudo de dois casos pode, nesse sentido, enriquecer sobremaneira a discussão promovida nesta pesquisa, já que se definirão parâmetros de comparação a partir dos quais analisar-se-á com maior propriedade o futebol amador, de um modo geral.

Levando em consideração o que foi dito acima e os objetivos aqui propostos, optou-se pelo estudo de caso de dois clubes de futebol amador de Belo Horizonte. O estudo de apenas dois casos pareceu ser a opção mais adequada devido ao curto período disponibilizado aos estudantes de mestrado para a empreitada de campo a ser realizada. Seria prudente, portanto, escolher dois dentre os vários clubes de futebol amador da cidade e tentar explorar ao máximo o universo de relações sociais que se constroem nestes espaços, nestes clubes. Foi possível através desta opção, mergulhar na realidade vivenciada pelos diversos atores sociais e perceber que eles se agrupam em torno de um clube de futebol amador a partir de diferentes motivações e interesses. Desvelou-se uma realidade que extrapola o contexto específico dos clubes em questão e fez refletir acerca de um quadro mais amplo compartilhado por diversos clubes e pessoas que se entregam ao futebol amador. Isso foi possível já que há um grande intercâmbio entre os clubes de futebol amador entre os quais, inequivocamente, se estabelecem íntimas relações, seja para a organização de um jogo, seja pelo compartilhamento de dificuldades e angústias.

3.3.1 O Social Olímpico Ferroviário⁵

Foi realizado trabalho de campo no campo do Social Olímpico Ferroviário (Estádio Ernane Cotrin), tradicional clube de futebol amador de Belo Horizonte cuja fundação remete ao ano de 1928. A escolha por este clube se deu a partir de uma triagem cuidadosa sendo que, diferentemente de épocas anteriores em que havia grande quantidade de clubes e times de futebol amador com força suficiente para levar quatro, cinco mil pessoas a um jogo qualquer, atualmente há um quadro de dificuldade

⁵ Ver imagens em “Anexo 1”.

compartilhado por grande parte dos clubes e times de futebol amador na capital mineira, o que restringiu minhas opções. Por se tratar de um clube tão antigo com uma trajetória histórico e social que atravessa quase todo o século XX e início do século XXI espera-se que este caso possa, de alguma forma, contemplar os objetivos aqui propostos, levando em conta o fato de que por meio de informações e observações obtidas no âmbito deste campo, deste clube amador, possa ser possível compreender de forma mais substancial as diferentes relações sociais estabelecidas a partir do futebol amador e que podem ser melhor observadas nos campos de futebol espalhados na cidade, assim como as formas através das quais o clube em questão lidou com as transformações sociais que se processaram ao longo dos anos e, ainda, como estas transformações manifestaram-se neste clube, no futebol amador como um todo.

Vale ressaltar que o trabalho de campo fora realizado durante os finais de semana, período em que há maior pujança em relação às atividades no campo de futebol. Isso é justificado por se tratar da esfera amadora cuja característica primordial remete ao fato de que as pessoas que dela participam o fazem nos momentos em que não estão trabalhando, nos momentos de lazer, marcadamente, portanto, nos dias de sábado e domingo. O campo de futebol e o futebol amador figuram para estas pessoas enquanto uma opção de lazer disponível na metrópole. Este campo de futebol se mostrou enquanto importante locus em que se dá a formação de grupos sociais voltados a atividades que de alguma forma se relacionam ao futebol amador.

3.3.2 O Mineirinho Esporte Clube⁶

Diante das características do Ferroviário e diante dos dados e informações obtidas até aquele momento, tornou-se necessário explorar outro caso de clube de futebol amador da cidade de Belo Horizonte, cuja situação escapasse, em alguma medida, daquela verificada no Ferroviário. Nesse sentido, buscou-se por um clube de futebol amador da zona leste de BH, mesma região da cidade em que se localiza o Social Olímpico Ferroviário⁷. Trata-se do Mineirinho Esporte Clube, localizado na comunidade do Alto Vera Cruz, uma das maiores favelas da cidade de Belo Horizonte. Esperava-se, assim, perceber com maior clareza de que forma os clubes de futebol amador – da mesma região da cidade - e os atores sociais que dele fazem parte interagem com espaço urbano ao qual pertencem. Além disso, poder-se-ia compreender com maior profundidade quais estratégias são adotadas pelo clube diante das dificuldades que lhe são impostas, como se produz e se reproduz o vínculo da comunidade com aquele clube e etc. Enfim, seria possível através de uma comparação, através de uma perspectiva relacional, entre a situação em que se encontra cada um dos clubes pesquisados, entender, compreender de que maneira o contexto social no qual o clube de futebol amador se insere influencia ou até mesmo determina a ação e o comportamento do clube no cenário do futebol amador da capital mineira.

Era preciso, portanto, um adendo metodológico, uma nova incursão em campo. É bem verdade que não seria possível dedicar muito tempo ao estudo do Mineirinho Esporte Clube devido ao curto período que restava para o término da pesquisa. Por isso, era imprescindível elaborar um roteiro de observações bem definido e objetivo que fosse capaz de fornecer dados e informações suficientes à dissertação. Desta forma, procurou-se conversar e/ou entrevistar as pessoas certas, pessoas chave no clube. Assim sendo, foi realizada uma entrevista formal com o atual presidente do clube e também diversas entrevistas informais, inclusive, com o vice presidente do Mineirinho. Além disso, durante alguns finais de semana o pesquisador se dirigiu para o campo para acompanhar, para observar as atividades que ali eram realizadas naqueles dias.

⁶ Ver imagens em “Anexo 2”.

⁷ Ver imagens em “Anexo 3”.

3.4 Dificuldades do trabalho de campo

Não foram poucas as dificuldades encontradas durante este trabalho de campo. Entre estas dificuldades podemos destacar a resistência por parte dos mandatários do Ferroviário em conceder entrevistas, as quais se mostraram enquanto preciosa fonte de dados e informações. Além disso, houve certo desapontamento devido ao fato de que a realidade previamente concebida pelo pesquisador não se confirmou na realidade concreta, principalmente, por causa da situação em que se encontra o futebol amador como um todo, situação desmobilizante em que a adesão ao clube e ao futebol amador se vê ameaçada. Willian Foot White viveu situação semelhante quando passou a estudar a comunidade de Cornville, pesquisa essa que deu origem à sua tese de doutoramento e à clássica obra “Sociedade de Esquina”. Como se sabe esta obra passou a ser referência teórica e metodológica para pesquisadores que pretendem estudar comunidades urbanas. O autor diz que o planejamento inicial era fazer um estudo de comunidade sobre Cornville. Este estudo seria bem abrangente abordando diversos aspectos da vida social daquela comunidade:

“Tratava-se claramente de um grande empreendimento. Meu primeiro esquema previa pesquisas especiais sobre a história do distrito, economia (padrões de vida, habitação, marketing, distribuição e emprego), política (a estrutura da organização política e suas relações com os gângsteres e a política), padrões de educação e recreação, a igreja, saúde pública e - quem diria - atitudes sociais. Obviamente isso era mais que um trabalho para uma pessoas só...” (White: 2005. p. 287)

Com o desenrolar da pesquisa e do trabalho de campo, White percebeu que esta tarefa se demonstrou muito grandiosa. Não seria possível promover uma pesquisa tão ampla como a que se propunha inicialmente. Houve um movimento semelhante em minha pesquisa, já que pretendia um estudo amplo que abarcasse diversos aspectos relacionados ao futebol amador, muitos dos quais foram construídos a partir de um

conhecimento prévio que detenho por participar desde muito jovem de times e clubes de futebol amador; esperava, ainda, presenciar vários jogos e campeonatos, ver o campo lotado de torcedores, observá-los e entrevistá-los.

As pretensões antes atribuídas a este estudo foram de certa maneira frustradas, ou seja, entre o que se pretendia fazer e a realidade encontrada em campo se constituiu um abismo através do qual não foi possível fazer uma pesquisa tão ampla quanto o esperado a princípio. Em outras palavras, pode-se afirmar que as expectativas pré campo foram cumpridas apenas em parte, já que quase não se presenciou grandes eventos, grandes jogos, com grande público, ao contrário, o que se viu foram poucos ou quase nenhum jogo, a ausência quase que total do “torcedor” autêntico do clube, aquele que acompanha os jogos, que participa da vida do clube; o que se viu foi um clube que luta contra seus algozes metropolitanos – tais quais a urbanização e especulação imobiliária - os quais pressionam, expulsam e exterminam os clubes de futebol amador da cidade.

Apesar disso, fui privilegiado pelo fato de que presenciei um momento de transição, de mudanças em relação ao futebol amador como um todo – as quais inequivocamente manifestaram-se com veemência no Social Olímpico Ferroviário, seja através das próprias condições estruturais precárias ou mesmo dos posicionamentos e dos discursos elaborados e externalizados pelos atores sociais que se utilizam do campo de futebol e do futebol amador enquanto local de encontro, de socialização de sociabilidade. Este estudo tratará, dentre outras coisas, das transformações do futebol amador percebida nos últimos anos, as quais ganham ainda mais relevo por remeterem a um quadro mais amplo de crescimento urbano e diversificação das atividades de lazer.

4 DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO E SOCIAL DO FUTEBOL

É necessário, antes de qualquer coisa, uma leitura histórica e social da trajetória inicial do futebol no Brasil, em especial em Belo Horizonte. Trazer à tona esta trajetória histórica e social do futebol é importante uma vez que podemos perceber com maior clareza a forma pela qual o futebol deixa de ser um passatempo das elites abastadas e se torna a expressão maior de um país de pobres e negros.. Entender como se deu a popularização do futebol pode ser relevante no sentido de compreender a dispersão dos campos de futebol pelo Brasil inteiro (para que houvesse o “campinho” em todas as cidades e distritos foi necessário que o país se apaixonasse por este jogo, por este esporte). Além disso, esta apreciação histórico-social do futebol pode ser de grande valia para se conhecer com maior profundidade as formas pelas quais o futebol se torna um grande formador de grupos sociais, um inequívoco arregimentador de pessoas pautado pelo modelo de clubificação, de formação de clubes de futebol – amadores ou profissionais. Perceber-se-á também de que forma a popularização esteve diretamente vinculada à profissionalização de 1933, e que esta profissionalização não significou o sepultamento de outras formas de se praticar o jogo. A profissionalização do futebol no Brasil é a porta de entrada para que jogadores advindos das classes baixas pudessem viver do futebol, tendo neste esporte sua profissão.

É preciso também fazer uma distinção entre as noções de *jogo* e *esporte*. Não é intenção deste trabalho de pesquisa promover uma espécie de antagonismo entre essas noções. Acredita-se que através da referida distinção pode-se desenvolver com maior propriedade o objeto e os objetivos deste estudo; tal distinção será levada a cabo no sentido de compreender a forma assumida pelo futebol na modernidade, assim como, o locus ocupado por ele na sociedade brasileira. As noções de jogo e esporte serão relevantes no que tange parâmetros para criar um contraponto entre o futebol amador e o futebol profissional. As ideias de Johan Huizinga (2004) e Norbert Elias e Eric Dunning (1992) são valiosas nesse sentido, sendo que estes autores tratam das atividades lúdicas ou desportivas - a partir de posições demasiadamente distintas, é verdade, porém - valendo-se da sociedade como unidade de análise. Esta distinção conceitual será muito útil no sentido de definir com maior sofisticação algumas noções e categorias caras a este estudo (como por exemplo, tensão, dinâmica, competitividade,

isolamento, limitação, ordem, seriedade, desinteresse, grupos e subgrupos e etc.) as quais orientarão o olhar do pesquisador quando do trabalho de campo e, além disso, oferecerá elementos para uma leitura histórico-social da trajetória inicial do futebol no Brasil.

A partir desta distinção entre jogo e esporte, notar-se-á que o futebol ora pode ser jogo e ora pode ser esporte. Desta maneira, o termo futebol não pode ser utilizado como algo unívoco; não existe somente “o futebol”, mas, ao contrário, existem “os futebóis”. Arlei Damo (2005) desenvolve e conceitua cada um destes futebóis, demonstrando como cada um deles é diferente entre si, embora apresentem algumas características comuns, como era de se esperar. Segundo Damo, existem quatro tipos de futebol ou quatro matrizes: bricolada, comunitária, escolar e espetacularizada. Cada uma destas matrizes é dotada de valores e significados próprios: a prática de uns é mais rígida e rigorosa que de outros, dependendo de equipamentos (chuteiras, caneleiras, meias, uniforme) e espaços adequados (campo gramado, estádio), enquanto que outros tipos podem ser praticados em ruas e becos, em terrenos baldios, no quintal de casa ou na escola, de chinelo ou mesmo com os pés descalços. Ora, as ideias de Damo são decisivas no sentido de definir com maior precisão qual (is) tipo (s) de futebol (óis) o pesquisador está se referindo e sobre qual (is) tipo de futebol (óis) está lançando seu olhar.

4.1 Futebol histórico e social

“O tempo de um processo de difusão e adoção [de um desporto] é sempre um dado significativo no contexto de um diagnóstico sociológico”⁸.

Ao longo desta pesquisa, em diversas oportunidades, fui questionado sobre a utilização – ou não - da trajetória histórica e social do futebol no Brasil. Estes questionamentos fundamentaram-se, sobretudo, na relevância do tema em relação ao objeto deste estudo. Tendo a concordar com Elias quando esse diz que o tempo de um processo de difusão e adoção de um desporto é um dado significativo e relevante para

⁸ ELIAS, Norbert: 1992. p. 188. A gênese do desporto: um problema sociológico in A busca da excitação

qualquer diagnóstico sociologicamente constituído. Estes dados histórico-sociais acerca da adoção e difusão do futebol no Brasil fornecem uma visão mais abrangente do objeto de estudo. Através desta apreciação pode-se compreender de maneira mais satisfatória qual foi o modelo de introdução e disseminação do futebol percebido no Brasil e em que medida este modelo definiu os parâmetros sobre os quais se constituiu o futebol amador aqui. Ora, o processo de difusão e adoção do futebol no Brasil se deu a partir da formação dos clubes de futebol. Desta forma, o clube assume grande importância no referido processo, caracterizando, assim, uma tendência de “clubicização” do futebol. Estes clubes nascem não somente como clubes de futebol, mas enquanto clubes sociais e de lazer que não eram especializados apenas nesta atividade esportiva. O clube passa a ser uma espécie de grupo social ao qual o indivíduo se filia voluntariamente, ou seja, o futebol se torna um meio de formação, de produção de grupos sociais aos quais os membros se associam e ali passam a estabelecer diversos tipos de relações sociais. Estes grupos sociais, tais quais os clubes de futebol – os quais eram todos amadores até meados de 1933, como mais à frente se verá – se tornam locais para os quais os indivíduos se dedicam e neles formam vínculos, laços sociais consideráveis. Pode-se argumentar, ainda, que uma apreciação do futebol enquanto construção histórico-social se faz necessária no sentido de se compreender com mais clareza de que forma surgiu no Brasil cada um destes diferentes futebolis. Desta forma, poder-se-á perceber de que maneira se deu a diferenciação entre futebol profissional e amador no Brasil e como esta diferenciação está vinculada ao processo de popularização deste esporte, fornecendo, assim, categorias de análise para o objeto de estudo. Torna-se necessário compreender a dispersão no futebol no Brasil. Entender de que forma o futebol deixou de ser um esporte reservado às elites e através de um processo de popularização rompe as estabelecidas barreiras sociais e étnicas, tornando-se algo que é parte inegável da vida cotidiana das pessoas independentemente de classe social, credo ou raça. Por que o futebol, e não o turfe, se transformou neste fabuloso fenômeno social? Dito de outra forma, a compreensão do lócus e do ethos ocupado pelo campo de futebol e pelo futebol amador esbarra necessariamente no entendimento acerca da popularização do futebol, pois para um melhor entendimento e análise acerca do campo de futebol e do futebol amador é preciso compreender de que forma se deu a popularização deste esporte.

A forma pela qual o campo de futebol e o futebol amador são concebidos no Brasil é reflexo da aceitação e assimilação do futebol por parte dos brasileiros: grande parte dos brasileiros apropriou-se de alguma forma deste esporte de modo que ele é parte integrante de suas relações cotidianas. Portanto, refletir sobre campos de futebol e sobre o futebol amador é refletir sobre a trajetória sócio-histórica do futebol. Entender de que forma se estabelecem as relações sociais a partir dos campos e do futebol amador significa entender a perpetuação do próprio futebol no Brasil. Só depois de feito este levantamento histórico e social acerca da implantação e perpetuação do futebol - no Brasil de um modo geral e em Belo Horizonte em particular - tornar-se-ão claras as causas que levaram este esporte a se popularizar de tal maneira que a instituição permanente, constante, infalível em todas as cidades, em todos os distritos, em todos os arraiais, em todos os cantões deste imenso país é o campo de futebol. Para tanto algumas páginas serão destinadas a isso. Não são poucos os trabalhos históricos ou sociológicos que tratam deste processo, por isso uma revisão da bibliografia existente deve ser capaz de contemplar este objetivo.

A análise dos estudos relativos ao futebol no Brasil revela a presença de uma perspectiva generalizante, por meio da qual os casos de implantação e perpetuação do futebol nas duas principais cidades brasileiras, a saber, Rio de Janeiro e São Paulo, são tomados como *tipo ideal* de implantação e perpetuação do esporte. É inegável o fato de que São Paulo, mas, sobretudo, o Rio de Janeiro foram, e ainda são, concebidos enquanto modelos culturais (políticos, econômicos, simbólicos e etc.) para o restante da nação brasileira (Pereira, 2000). Nesse sentido, Pesavento (2002), afirma que a sedução por Paris, no caso do Rio de Janeiro, respeita a criação de uma “coerência de sentido, na qual a adoção do modelo parisiense é sintoma da modernidade desejada e representa a possibilidade de assumir um padrão identitário que, metonimicamente, passa da cidade para o país”. Sabe-se, contudo que perspectivas deste tipo obscurecem e simplificam demasiadamente o referido processo. O regionalismo, as características peculiares a cada região, a cada estado brasileiro são inequivocamente elementos que não podem ser desprezados pelo sociólogo. Levando-se em conta os objetivos que este trabalho propõe, torna-se necessária a apreciação do regionalismo em relação à implantação do futebol.

Dessa forma, analisar-se-á o futebol sob a perspectiva da criação de um *campo esportivo* em Belo Horizonte a partir de 1904 até meados da década de 1920 (Ribeiro:

2007), período em que a nova capital mineira conhece e se encanta pelo esporte bretão e, além disso, compreende a criação de uma estrutura institucional que, mais tarde garantiu o sucesso do processo de profissionalização, definindo e polarizando as categorias “amador” e “profissional, as quais, inequivocamente são caras a este estudo. O futebol em Minas Gerais deve ser pensado paralelamente ao futebol no restante do Brasil; isso não impede que as importantes particularidades relativas a Minas sejam levadas em conta. Além do mais, se percebe que apesar da existência destas peculiaridades regionais, a trajetória inicial do futebol no Brasil de um modo geral (1900-1933) segue uma lógica muito semelhante: o esporte fora introduzido por meio de jovens de uma elite abastadas, que viam *football* uma forma moderna e sofisticada de se divertir e que deveria ser reservada a eles como forma de distinção.

4.1.1 Que *football* é este que chega ao Brasil?

O futebol enquanto objeto de estudo sociológico deve ser encarado sob a égide da modernidade. Isso significa que o futebol é uma manifestação esportiva que conhece na época moderna sua existência. Na segunda metade do século XIX, as formas de lazer consideradas modernas ganham nova configuração (Elias e Dunning: 1992). Até aquele momento, grande parte das práticas de divertimento e lazer estavam ligadas à violência física. O pugilato (cujas lutas muitas vezes terminavam com a morte de um dos lutadores), rinhas de galo, de cães, de ursos e até mesmo variantes do futebol “primitivo” eram regadas e alimentadas por sangue e pelas apostas que sempre estiveram vinculadas a estes esportes. A violência e as apostas eram o que de fato sustentava estas práticas. Nos jogos de futebol “primitivo”, por exemplo, era usual os jogadores carregarem punhais, que podiam eventualmente causar ferimentos sérios tanto acidental quanto intencionalmente. Desta mesma forma, eram comuns socos, pontapés na canela e lutas diversas, muitas das quais para resolver algum tipo de antiga rixa entre os jogadores; “ossos quebrados, ferimentos graves e mortes eram conseqüências esperadas” (Elias e Dunning: 1970. p. 119-120). Não havia juízes, regras ou número de jogadores fixos, tampouco era possível diferenciar com precisão quem eram os espectadores e quem eram os jogadores.

Apesar de sempre atrelados à violência, estes momentos cumpriam uma importante função social, a saber, era aqui que os indivíduos conheciam e alcançavam a *excitação*. A busca pela excitação inexoravelmente passava pela prática de esportes violentos, assim como pela adesão voluntária de grande contingente de adeptos. Quando um pugilista era golpeado até a morte ou quando havia disputas mais ríspidas durante uma partida de futebol “primitivo” com dose extra de violência – disputas essas que hoje seriam tidas como inconcebíveis -, os espectadores deliravam em aplausos, gritos, alegria e tristeza. Estes momentos eram verdadeiros turbilhões de emoções para os espectadores e também para os jogadores. Ora, a perspectiva weberiana pode lançar luz sobre a análise do processo de modernização/racionalização do futebol, se se levar em conta a inexistência, em se tratando do futebol “primitivo” é claro, de qualquer instituição – burocrática ou não – ou mecanismo de centralização e monopólio da organização do esporte, instituições que são reconhecidas atualmente como detentoras e mandatárias legítimas do futebol, como por exemplo, FIFA, CBF, Uefa, Concacaf, Federação Mineira de Futebol e etc. (Damo, 2005: p. 41-42).

Foi a partir de 1828, quando Thomas Arnold, tornou-se diretor de uma escola na cidade de Rugby, no interior da Inglaterra e implementou um programa de valorização do esporte no currículo escolar que podemos começar a pensar na formulação do futebol moderno (Giulianotti: 2002). Os jovens endinheirados ingleses tiveram a partir da intervenção deste educador uma formação moral e física, pois os “novos cavalheiros cristãos deveriam manter a ordem política e econômica no lar e, mais tarde, dar sustentação ao império no exterior” (Hargreaves: 1986, p. 39). Este fato é uma comprovação inequívoca de que as práticas esportivas se tornam valores sociais arraigados, institucionalizados. Nesse sentido, pode-se dizer que praticar esportes significava naquele momento vivenciar a própria modernidade. Contudo, para que o esporte fosse agregado ao currículo escolar como agente educador foi necessária a intensificação do processo de racionalização através da criação de regras gerais e da supervisão dos jogos feita pelos próprios professores das escolas. Esporte e educação são a partir daqui inseparáveis. O advento do esporte enquanto ferramenta pedagógica instalou-se no Reino Unido e alastrou-se rapidamente pelo mundo, como modelo de “educação moderna”. Vale destacar que como maior potência imperialista da época, o Reino Unido ostentava uma posição privilegiada não apenas no cenário político e

econômico, como também na esfera cultural. O “ser moderno” e sofisticado no século XIX, em qualquer esfera da vida social, era sinônimo de “ser” e viver como os britânicos.

O futebol “primitivo” não era o que se pode chamar de jogo singular, na medida em que era praticado de diferentes formas, com diferentes regras, dependendo da região. Esta incongruência ficava evidente quando eram realizadas partidas envolvendo equipes de locais diferentes. O jogo, da forma como conhecemos hoje (racionalmente organizado), tornava-se impossível e ao mesmo tempo se via como cada vez mais necessária a padronização das regras. Não havia qualquer tipo de instituição com a finalidade estrita de gerir, organizar e regulamentar o jogo. Neste contexto houve uma separação crucial e decisiva em relação aos modos e regras do futebol primitivo. A proibição do uso das mãos resultou na formação de esportes que hoje são dois dos grandes mobilizadores de multidões no campo esportivo, a saber, o rugby – em que o uso das mãos e dos pés são permitidos - e o futebol – esporte que como se sabe permite o uso das mãos apenas pelos goleiros.

A criação do primeiro clube de *football* em 1854 pela classe dos “novos ricos” (industriais e comerciantes), o Sheffield FC, é entendida como divisor de águas entre o futebol primitivo e o futebol moderno. Menos de uma década depois várias escolas e universidades adotaram as regras e o modo de jogar o “jogo do drible” e foi criada a FA (Associação de Futebol), instituição responsável pela organização do futebol inglês ainda hoje. Já em 1872 a FA organizou um torneio de eliminatórias entre escolas públicas (este torneio é considerado a primeira edição da FA Cup - Copa da Associação de Futebol – e é ainda hoje disputado na Inglaterra). Este fato evidencia a adesão – sustentada pela criação de vários clubes ou equipes praticantes do *football* - de vários clubes à FA, assim como a aceitação e o crescimento desta prática esportiva. A FA monopoliza o controle e a organização do esporte e teve no Estado inglês sua garantia de legitimidade. Esta modernização/racionalização do futebol possibilitou a emergência de torneios, cujas disputas eram realizadas entre escolas públicas, mas que num momento posterior passam a ser jogadas entre clubes de futebol institucionalmente consolidados, que representavam determinado grupo de adeptos, de determinada região da cidade, do país e, no limite, do planeta.

4.1.2 O *football* transforma-se em futebol

O *football* - enquanto forma de lazer, como prática pedagógica ou como expressão do novo modo de vida, o moderno *modus vivendi* - assim como as mercadorias produzidas nas cidades industriais, passa a ser produto de exportação do império britânico. O crescimento do capitalismo foi acompanhado de um intenso processo de globalização. As fronteiras nacionais não pareciam ser tão distantes como eram a 50 ou 100 anos antes. Se até certa época os indivíduos passavam toda sua vida no local de nascimento, os indivíduos modernos, socializados em ambientes urbanos, gozavam de certo cosmopolitismo devido ao constante intercâmbio político, econômico e cultural (cabe aqui ressaltar que não foram poucos os casos de indivíduos abastados economicamente que seguiam para a Europa para estudar em suas universidades mesmo nos séculos XVII e XVIII). Indivíduos de ascendência inglesa criavam colônias em todas as partes do globo.

No Brasil em particular, a colônia britânica é especialmente marcante, sendo que desde os tempos coloniais as relações entre estas nações se mantiveram estreitas. Foi através dos jovens de uma elite endinheirada que seguiam à Inglaterra para estudar em suas escolas e universidades que o *football* chegou ao Brasil (Pereira, 2000). Os jovens estudantes empolgados com toda a sofisticação das novidades inglesas, não hesitaram em aprender rapidamente como praticar aquele *sport* bretão e não tardaram a voltar para o Brasil munidos com um livro de regras do jogo, com bolas e chuteiras. Não foram as grandes instituições, representadas nas grandes nações, as responsáveis pela introdução do *football* no Brasil, mas, ao contrário, foram jovens como o paulista Charles Miller ou como o carioca Oscar Cox ou, ainda, como o carioca de nascimento Victor Serpa que viveu boa parte de sua vida em Belo Horizonte.

Os estudos sobre o futebol no Brasil revelam um fato curioso. Há uma perspectiva generalizante acerca da introdução do futebol no país, ou seja, os casos de introdução e desenvolvimento do futebol nas consideradas principais cidades brasileiras, Rio de Janeiro e São Paulo, são concebidos enquanto tipos ideais de introdução e desenvolvimento do futebol. Em outros termos, a construção do imaginário relativo ao processo referido acima, sempre esbarra em Charles Miller como aquele responsável por introduzir esta prática esportiva em todo o Brasil. Este fato é

especialmente produzido e reproduzido pela crônica esportiva de âmbito nacional. Não foram poucas as vezes em que escutei, sobretudo na televisão, expressões como, “o inventor do futebol brasileiro Charles Miller (...)”, revelando um tipo de etnocentrismo regional acerca do futebol. Não se discute aqui a importância de figuras como o paulista Charles Miller ou do carioca Oscar Cox para a formação de um campo esportivo no Brasil. Entretanto, estes homens são apenas dois entre os vários *sportmen* brasileiros que desempenharam papel decisivo para que o *football* se transformasse em futebol. Se os casos paulista e carioca forem adotados e legitimados enquanto modelo de implantação do *sport* bretão em terras brasileiras, as nuances e características regionais particulares de cada estado da nação - as quais são decisivas em se tratando deste processo - se perdem em meio a uma simplificação e reducionismo que podem ser nocivos aos propósitos deste estudo. Como se deu a formação de um campo esportivo em Belo Horizonte, em Salvador, em Recife, em Porto Alegre, Florianópolis, Manaus ou Curitiba? Há uma regra geral no que diz respeito à introdução e desenvolvimento do esporte no Brasil? A resposta a esta pergunta é não! Não há uma regra geral, mas houve processos que dialogaram e em muitas das vezes se confundiram por apresentar características semelhantes.

Todavia, o objetivo aqui proposto compreende apenas a apreciação da formação do campo esportivo na nova capital das Minas Gerais, Belo Horizonte. A nova capital mineira foi uma das poucas cidades brasileiras construídas de maneira planejada. Na última década do século XIX, a cidade fora planejada para ser um expoente de uma nova era para o Brasil. A recém proclamada República, buscava formar novos indivíduos: indivíduos modernos. Como dito anteriormente, ser moderno em fins do século XIX e início do século XX era sinônimo de viver como os ingleses (e\ou como os franceses). Os modos de vestir, os modos de falar (uma análise mais cuidadosa dos termos utilizados pela imprensa do início do século XX, revela que expressões em inglês apareciam com grande frequência nos textos jornalísticos), de pensar, de se portar publicamente, eram diretamente influenciados pela modernidade personificada nos britânicos. Os novos moradores da capital das minas importavam com afã os bens materiais e culturais advindos do Reino Unido. É este o contexto em que o *football* é introduzido no Brasil.

Havia uma preocupação evidente por parte dos brasileiros em produzir formas de lazer condizentes com a época moderna. O lazer tradicionalmente esteve ligado ao ambiente privado, porém é na modernidade que ele transfigura-se e se locomove gradativamente para a esfera pública. Em Belo Horizonte as novas práticas de lazer e divertimento, entendido como expressão moderna, conhecem, sobretudo, no cinema e no esporte seus principais expoentes. Desta forma, pode-se inferir que a construção de novas formas de lazer respondia a demandas deste novo tipo de brasileiro, a saber, o moderno. Se divertir em BH em princípios do século XX correspondeu diretamente à criação de um *campo esportivo* na cidade (Abrahão, Santana, Silva e Nicácio: 2007). A prática esportiva era em si uma prática de lazer. Havia no projeto urbanístico da cidade, espaços reservados exclusivamente para as atividades atléticas. Duas áreas foram pensadas para tal prática, uma destinada à construção de um Hipódromo e outra para corridas de bicicletas, no Parque Municipal (Ribeiro: 2007). Estas áreas figuram como de fundamental importância em relação ao estímulo a práticas esportivas, já que foram ali que as primeiras ações no sentido de criação do campo esportivo desenvolveram-se. O Clube Atlético Mineiro, criado em 1908, por exemplo, realizou seus primeiros jogos no Parque Municipal e o Hipódromo, transformado posteriormente em Prado Mineiro, recebeu inúmeras pelezas já na década de 1910 e 1920.

Houve um tremendo esforço e atuação decisiva do acadêmico de direito Victor Serpa, considerado como o primeiro *sportmen* da nova capital e maior entusiasta do *sport* bretão até então. A introdução do *football* em Belo Horizonte, diferentemente do Rio de Janeiro ou São Paulo, foi levada a cabo por brasileiros sem necessária ascendência inglesa. Isso se deve, dentre outros motivos, por uma questão estrutural: a capital era ainda uma cidade nova contando em 1904/05 com cerca de 15.000 habitantes apenas, com uma população homogênea de burocratas, funcionários públicos e profissionais liberais advindos principalmente da antiga capital Ouro Preto. Rio de Janeiro e São Paulo já eram cidades populosas, etnicamente diversas e socialmente desiguais. Este fato tem grande relevância, pois define uma maior diversidade de olhares e possíveis significados atribuídos ao esporte. Em Belo Horizonte, portanto o processo de introdução e desenvolvimento do futebol se deu de forma mais harmônica, ao contrário das outras duas cidades citadas, nas quais se verificou um processo tenso, controverso e dialético.

Mas por que o futebol e não o turfe ou o ciclismo lograram grande sucesso e aceitação em Belo Horizonte e em todo o Brasil? Esta é uma pergunta delicada e difícil de obter resposta unânime. Não obstante o fato de os historiadores estudiosos do futebol não demonstrarem muito interesse em responder a esta questão, os sociólogos sempre se depararam e se empenharam em respondê-la. Mensurar o que tornou o futebol tão irresistível para os mineiros, mas também para os paulistas, cariocas, capixabas, goianos, não é tarefa fácil. No entanto, algumas evidências saltam aos olhos. A primeira delas diz respeito à simplicidade das regras, das técnicas corporais do jogo e de seus equipamentos. Das 17 regras do jogo muitas delas são bastante flexíveis, como o tempo das partidas, o número de jogadores, os critérios para marcação de pênaltis, dentre outras. A exigência de equipamentos simples sempre foi uma atração a mais para as classes sociais baixas. O jogo pode ser praticado em locais públicos, tais como praças ou ruas, não requer nenhum tipo de traje especial ou tecnologia sofisticada, a não ser um objeto esférico, o qual muitas das vezes pode ser feito de meia, papel, borracha ou couro. Além disso, este esporte é talvez o mais democrático no sentido de que não exclui de sua prática os diferentes tamanhos e formas corporais. As características de imprevisibilidade e incertezas acerca de uma partida é elemento que desperta o interesse das pessoas (Daolio: 2005). O futebol tem ainda o poder de se adaptar a toda e qualquer cultura em que é praticado. Isso quer dizer que as características valorizadas no jogo são reflexo inequívoco da cultura em que está presente (Matta: 1982). No Brasil, por exemplo, diferentemente da Inglaterra, o que é valorizado pelos adeptos em se tratando do jogo em si, não são as rígidas disposições táticas dos times ou a estabilidade defensiva, mas sim o jogo ofensivo, com passes rápidos e muita técnica. Formas particulares de identidade (bairristica, regional ou nacional) são construídas sob esta perspectiva de diferentes interpretações do jogo. O futebol mais do que qualquer outro esporte tem este potencial.

Como último elemento definidor da arrebatadora popularidade do futebol encontra-se ainda o argumento de que isso se dá devido ao fato de que através dele uma massa de pessoas, alijadas dos processos políticos e econômicos que não encontram nas grandes instituições, como o Estado, o amparo necessário nem tampouco a valorização de seu modo de vida, recorreram ao esporte, pois na arquibancada o indivíduo se sente parte relevante, essencial ao espetáculo (Matta: 2006). Quando profere um cântico da

torcida, o indivíduo acredita que o fato dele cantar ou não fará toda a diferença no resultado final da partida. Desta forma o futebol cumpre um papel de pertencimento e participação social. Em outros termos, o futebol tem o poder de romper com barreiras de ordem econômica, cultural e social, sendo capaz de promover um sentimento coletivo, “a sociedade brasileira experimenta um sentido singular de totalidade e unidade, revestindo-se de uma universalidade capaz de mobilizar e gerar paixões em milhões de pessoas” (Helal: 1997, p. 25). Nesse sentido, o futebol cria uma inversão dos valores culturais da vida ordinária, já que através dele as relações tradicionais percebidas na sociedade brasileira, baseadas numa ética dupla (Matta: 2006), numa austera hierarquia, na pessoalidade, nas amizades, nos compadrios são pulverizadas. O futebol possui um credo democrático, através do qual os desiguais se tornam iguais. Essa mensagem democrática subjacente ao universo futebolístico juntamente com o êxito do escrete nacional e as conquistas de 5 campeonatos mundiais são as principais causas da perpetuação do futebol como este esporte capaz de romper as referidas barreiras.

O futebol é um meio através do qual o “dilema brasileiro,” baseado em éticas únicas e duplas que permeiam sociedades modernas e tradicionais, é corrompido. O dilema brasileiro reside de acordo com Roberto da Matta (1979) na ética dupla verificada nas relações estabelecidas na sociedade. A este respeito, diz Helal:

“A sociedade brasileira entrou na modernidade possuindo múltiplos e diferenciados códigos. (...) No domínio moderno encontramos o ideal de igualdade, direitos dos cidadãos, individualismo e leis impessoais e universais, enquanto que no domínio tradicional, encontramos a ética da hierarquia baseada nas relações pessoais, privilégios familiares, conexões sociais e paternalismo.” (Helal: 1997, p. 29)

Estas éticas permeiam não apenas a esfera econômica, mas também a social, podendo ser retido na dicotomia entre tradição e modernidade. O dilema brasileiro pode ser entendido como uma latente tensão existente “entre relações pessoais que garantem um mundo relacionado e feito de gradações; e leis universais que exigem o justo oposto, pois conferem uma igualdade teórica para todos e demandam a liquidação dos privilégios pessoais e de família” (Matta: 1982, p. 36). A ideologia do esporte em geral e do futebol em especial (baseada na competição e no mérito) aproxima-se muito à

doutrina do capitalismo liberal. Por isso os esportes nas sociedades modernas tentam resolver simbolicamente as desigualdades econômicas e sociais do cotidiano. Nesse sentido, a relação entre o dilema brasileiro e o futebol reside, exatamente, no fato de o futebol subverte a ética tradicional ao enfatizar metaforicamente um ideal de igualdade, justiça social e democracia, invertendo, assim, grande parte dos conflitos diários baseados no código tradicional das relações pessoais. Desta forma, “Se a competição da vida diária se apresenta como um jogo de cartas marcadas, as competições esportivas resolvem essa injustiça apresentando-se como justas e democráticas” (Helal: 1997, p. 31).

4.1.3 Institucionalização do futebol à brasileira

O futebol enquanto jogo, atividade esportiva e de lazer, que expressa o modo de vida moderno, é por si só racional, ou seja, como visto anteriormente, o esporte que chega ao Brasil em fins do século XIX já havia sido concebido racionalmente (Elias e Dunning: 1992). Pode-se dizer que a prática do futebol, e de qualquer outro esporte, é possível apenas na medida em que há a formalização de regras e de instituições capazes de fazer valer tais regras através das quais a tensão e o conflito inerentes ao jogo são controlados racionalmente; percebe-se, ainda, a criação de entidades administrativas/burocráticas com a função de gerir o futebol, controlando sua prática. Isso é o que diferencia as práticas esportivas modernas daqueles jogos percebidos em épocas anteriores. Mas de que forma pode o futebol brasileiro ser analisado a partir do processo de racionalização baseado na institucionalização e na clubicização que culmina na profissionalização verificada no ano de 1933?

Ora, o critério de institucionalização/clubicização do futebol no Brasil, como em qualquer outra parte, passa necessariamente pelo progresso em direção ao funcionalismo burocrático – tanto nos clubes, quanto nas torcidas ou ainda nas federações – baseado em contrato, salário, pensão, carreira, treinamento especializado e divisão do trabalho, competências fixas, documentação e ordem hierárquica. É sabido que atualmente o futebol espetacularizado (Damo: 2005) no Brasil encontra-se em alto grau de burocratização, haja vista a forma como os clubes, as federações e as torcidas são organizadas: estes três atores orientam suas ações estrategicamente aos moldes de

uma empresa. Não à toa, o princípio que rege as relações a partir do futebol respeita a máxima do “futebol empresa”. Os clubes, as federações ou as torcidas comportam-se socialmente como grandes empresas, repletas de funcionários especializados e sedentas por lucros (Damo: 2005). Para que hoje o futebol brasileiro tenha alcançado atualmente este grau de profissionalização, foi necessária a superação de processos contraditórios ao longo de todo o século XX.

Os estudos históricos e sociais acerca do futebol no Brasil mostram que dois momentos são especialmente marcantes em se tratando deste processo. O primeiro deles pode ser percebido durante as décadas de 1910-20, quando o esporte bretão ainda dava seus primeiros passos aqui. Já o segundo momento pode ser considerado como divisor de águas para o nosso futebol, sendo que marca a profissionalização, isto é, a transição do futebol amador para o futebol profissional. Vale ressaltar, contudo, que a profissionalização do futebol não significou o sepultamento de formas não profissionais de prática deste esporte; o futebol praticado profissionalmente é tido como uma entre tantas outras formas de se praticar este esporte. Segundo Damo (2005) a prática do futebol no Brasil não pode ser resumida ao profissionalismo, mas ao contrário, o futebol brasileiro deve ser encarado a partir dos vários *futebóis* que o compõe, isto é, como derivações do *football association*, que no Brasil corresponde a uma diversidade de *futebóis* praticados nos espaços das grandes, médias e pequenas cidades. Buscar-se-á, portanto ampliar a visão sobre a institucionalização do futebol no Brasil a partir da apreciação destes dois significativos momentos.

4.1.4 Institucionalização/“Clubicização” do futebol nas Minas Gerais

Muitos anos separam a introdução e a consolidação/popularização do futebol em Minas Gerais e, conseqüentemente, no Brasil. Para que esta consolidação/popularização fosse possível foram necessários esforços por parte de todos os atores envolvidos, sejam os *sportmen*, os adeptos, os clubes e até mesmo o Estado. No caso específico de Belo Horizonte algumas questões figuram como relevantes, nesse sentido.

A criação de um campo esportivo em Belo Horizonte no princípio de século XX - pautada principalmente pelo futebol - esbarra na criação dos próprios clubes de futebol. A primeira experiência em torno de um clube de futebol é percebida quando em 1904 é

criado o primeiro clube de futebol em Belo Horizonte pelo *spotmen* Vitor Serpa. Entretanto o *Sport Club* teve curta vida, já que o apelo pelo futebol não era ainda tão pujante; adeptos, *players* (jogadores) e até mesmo *referees* (árbitros) eram tão escassos quanto o asfalto nas ruas da nova capital. Mesmo sem continuidade, a experiência desta agremiação pioneira (e de algumas outras aqui não citadas) serve como modelo para a criação de novos *clubs*. De acordo com Ribeiro (2007):

“Uma perspectiva de organização institucional no âmbito dos clubes (...) a ocupação e criação de campos de jogo, a constituição do perfil do praticante da modalidade e a definição de parâmetros de distribuição de prestígio foram algumas das contribuições deixadas por aqueles primeiros entusiastas do futebol em Belo Horizonte. Suas vivências não seriam ignoradas pelo novo grupo que rapidamente retomou a atividade, apropriando-se de todo conhecimento prévio que havia sido deixado. Bases para a construção de um campo esportivo na capital mineira foram lançadas de forma definitiva naqueles anos.” (Ribeiro: 2007, p. 60-61)

Não seria de espantar se com o fracasso das primeiras experiências em torno da criação de clubes de futebol, este esporte – como foi o caso de muitos outros ao longo, sobretudo do século XX – fosse de uma vez por todas sepultado. O que se percebe é justamente o contrário, já que este fracasso figura como mote de aprendizado e críticas por parte dos entusiastas do futebol para que os mesmos “erros” verificados durante os primeiros anos do século XX não fossem repetidos. As bases para a formação de novos clubes ou agremiações já estavam doravante lançadas. Nos anos que se seguiram o futebol passa a ocupar lugar de destaque no que tange as esferas do lazer, figurando como uma das principais opções de divertimento para as “distintas famílias mineiras”. A consolidação do campo esportivo se confunde, assim, com a consolidação do próprio esporte bretão em Minas.

A partir deste momento várias outras agremiações e clubes são criados nos mais variados bairros da cidade e pelos mais diferentes tipos de atores sociais. Clubes de acadêmicos locais, clubes de garotos ainda na puberdade, clubes de descendentes de italianos, clubes de operários e etc. Nota-se que havia uma preocupação comum entre todos os clubes que são criados: todos eles desenhavam seus estatutos de forma a definir

o valor das taxas de mensalidade (este valor era por si só elemento que distinguia quem poderia fazer parte do clube), multas referentes a ausências em treinos, reuniões ou jogos, em alguns casos delineava idades máximas e mínimas para que o indivíduo tornasse sócio (Ribeiro, 2007). Dentre as agremiações criadas entre 1908/12 que seguiam este padrão, este modo institucionalizado de organizar suas atividades destacam-se: o Sport Club Mineiro, o Athletico Mineiro Football Club (rebatizado posteriormente de Club Athletico Mineiro), o Gymnasio Football Club, Republicano Football Club, o Horizontino Football Club, o America Football Club, o Dom Viçoso Football Club, o Palmeiras Football Club, o Yale Athletic Club. Independentemente do fato de que a maioria destes clubes teve curta duração, o que ganha relevo é a dispersão do esporte, ou seja, é o apego ao futebol por parte dos belo-horizontinos, o interesse dos mesmos por aquele gênero do esporte cresce nos primeiros anos da década de 1910.

Vale destacar neste momento que a atuação dos *sportmen* é decisiva para a dispersão da prática esportiva, já que como qualquer novidade o futebol era praticamente desconhecido pela maioria das pessoas e a atuação destas figuras – cujos conhecimentos sobre as regras, sobre a forma de se praticar ou sobre os significados atribuídos ao jogo conferiam a eles grande prestígio – sendo necessária a atuação destes indivíduos no sentido de ensinar as regras, os movimentos com a bola nos pés, os códigos corporais e ainda a maneira correta de se usar os equipamentos.

Estes *sportmen* como grandes entusiastas do futebol transitavam entre os vários clubes oferecendo seus conhecimentos sobre o jogo àqueles que queriam aprender. Um exemplo deste tipo de relação que extravasava os limites dos clubes é a atuação dos *sportmen* Eduardo Frieiro e Rômulo Joviano que eram associados ao Sport Club Mineiro e mesmo assim atuavam junto ao Yale para ensinar os sócios desse clube questões relativas ao jogo. A competência esportiva era nesse sentido fator relevante em relação à aquisição de prestígio; o conhecimento dos *sportmen* conferia a eles grande prestígio entre os círculos esportivos locais.

Outro ator importante em se tratando da consolidação do campo esportivo em Belo Horizonte foram os próprios órgãos de imprensa. Diariamente os jornais da época (o principal deles era o *Minas Geraes*) destacavam notícias acerca das atividades dos clubes e também sobre a realização de jogos, sendo estas notícias importantes fontes documentais para estudos históricos e sociológicos posteriores. O Estado é outro ator

que pode ser concebido como fundamental para a perpetuação do esporte em Belo Horizonte. Isso por que os locais em que eram realizados os jogos normalmente foram conseguidos pelos clubes através de concessões junto à prefeitura da cidade. As concessões eram adquiridas com certa facilidade devido ao fato de que na cidade recém inaugurada havia grandes espaços vazios, lotes vagos, sem nenhum proveito para a população e, além disso, havia por parte dos belo-horizontinos, como se nota acima, grande interesse em aumentar e disseminar a prática do futebol. O Estado configura-se também como entusiasta dos esportes em geral, pois como afirma Ribeiro:

“A instalação de um *rink* de patinação na Praça da Liberdade constituiu em interessante experiência esportiva nos anos 10. Medida tomada pela prefeitura municipal, numa tentativa de estimular a frequência da população àquele logradouro, tal empreendimento apontou para o desejo do poder público de se envolver com o incentivo à atividade física. Esse era um fato pouco usual na cidade, que presenciava, principalmente, iniciativas de cunho particular, ainda que, em alguns casos, elas contassem com apoio governamental.” (Ribeiro: 2007, p. 77)

Se durante os primeiros anos da década de 1900 o futebol conheceu o fracasso, nos primeiros anos da década de 1910 este quadro se inverte. As pelepas entre os clubes foram aumentando gradativamente e estes jogos movimentavam o noticiário esportivo e as chamadas colunas sociais, pois como se sabe o futebol constituía-se enquanto opção de divertimento e lazer para as distintas famílias mineiras. Não foram poucos nestas épocas os confrontos interestaduais. As partidas entre os clubes mineiros e paulistas ou cariocas movimentavam a cidade e conseguiam especial apego do público, reunindo considerável quantidade de espectadores. Estes momentos traziam à tona elementos que demonstravam que o futebol caminhava a passos largos para sua consolidação, haja visto, espaços esportivos, público assistente e comprometido grupo de praticantes. A cada dia os clubes ansiavam pela criação de uma liga capaz de medir qual era o melhor clube da nova capital. Com a intensificação das pelepas, surgiu uma dúvida acerca de qual era o melhor clube da cidade.

Foi então em 1914 organizada pela recém criada Liga Mineira de Sports Atleticos (LMSA) a Taça Bueno Brandão envolvendo os três clubes mais bem

organizados (organização essa evidenciada pela posse de campo próprio e pela constante atuação em partidas que envolviam clubes de Belo Horizonte, de outras cidades de Minas Gerais ou contra equipes de outros estados) da cidade: o Athletico, o América e o Yale. Os jogos foram disputados no Prado Mineiro, local que ocupava o posto de principal arena esportiva da cidade e o torneio fora vencido pelo Athletico. É importante notar que o futebol passava a ser encarado de forma mais “séria”, fato evidenciado pela criação da LMSA entidade responsável por gerir o futebol no estado. Em outras palavras, tornava-se cada vez mais imprescindível a criação de grandes instituições especializadas na gestão esportiva, para controlar a prática deste esporte, tornando possível a construção de torneios e campeonatos. Pouco tempo depois, em 1916, era criada no Rio de Janeiro a Confederação Brasileira de Desportos, entidade de âmbito nacional responsável por organizar o futebol no Brasil. A LMSA contava, no início de suas atividades em 1915, com apenas quatro clubes, porém este número logo aumentou, já que o Cristovam Colombo Football Club se filia à entidade. Uma das primeiras medidas da LMSA foi a criação e organização de um campeonato para seus associados. O campeonato organizado pela LMSA em 1915 é considerado ainda hoje como o primeiro Campeonato Mineiro de futebol e fora vencido pelo Athletico. A realização do segundo campeonato em 1916, contando com um número maior de clubes, indica a delimitação de um calendário fixo em relação às atividades dos clubes.

Os clubes passam a orientar suas atividades ao longo do ano a partir do calendário proposto pela LMSA e, ainda, todo e qualquer clube que quisesse disputar o campeonato e, por conseguinte, disputar jogos com os clubes associados deveriam também associar-se à entidade, conferindo grande prestígio e poder à LMSA frente ao esporte, aos esportistas e aos próprios clubes. A consolidação/popularização do futebol em Belo Horizonte respeita, então, vários elementos considerados inerentes a todo e qualquer processo de institucionalização, tais como entidade diretiva, calendário e especializações de funções. Se durante os primeiros anos do futebol aqui, os indivíduos além de jogadores eram também árbitros, dirigentes e torcedores, a partir deste momento os mesmos indivíduos passam a desempenhar apenas uma entre estas várias funções. Esta especialização verificada nesta fase de desenvolvimento do futebol é verificada também nos órgãos de imprensa, os quais passam a dedicar maior espaço ao esporte e também dedica espaços exclusivos para as notícias referentes ao esporte

bretão. A cobertura jornalística precisava acompanhar as novas demandas dos moradores da nova capital, os quais se mostravam cada dia mais interessados pelo futebol.

Percebe-se que o futebol passa a integrar o cotidiano das pessoas em Belo Horizonte. Para que isso fosse possível foi necessário o esforço de vários atores sociais direta ou indiretamente. Cada qual contribuiu da forma como se fazia possível. Os *sportmen* ensinando as regras do jogo e fundando clubes, o Estado cedendo terrenos para a construção de campos para treinos e jogos ou ainda para a construção de sedes sociais, a imprensa dedicando espaços em seus jornais para a cobertura das atividades ordinárias dos clubes e, também, a população de um modo geral que aceitou o fato de o futebol integrar suas vivências cotidianas na cidade, fato este ilustrado pelos fantásticos públicos que iam ao “longínquo” Prado Mineiro para assistir aos jogos.

Como se viu o futebol foi submetido a um gradativo processo de institucionalização/“clubicização” – criação dos clubes, construção de espaços adequados à prática do futebol, criação de uma entidade gestora que passa a organizar o calendário esportivo que movimenta a cidade como um todo – sem o qual dificilmente este esporte teria se tornado o que é hoje. A preocupação dos primeiros entusiastas do esporte em lançar bases sólidas, racionais sobre as quais o futebol mineiro e brasileiro foi construído revelou-se de fundamental importância para que o futebol caísse no gosto popular, tornando-se desta forma o esporte preferido dos brasileiros.

4.1.5 Aspectos da profissionalização do futebol em Belo Horizonte

Os estudos sobre o processo de profissionalização do futebol em Minas Gerais – sobretudo em Belo Horizonte e cidades próximas – e no Brasil, durante o início da década de 1930, revela que foi um momento de controvérsias e contradições. A legislação da época definia o futebol como esporte amador, ou seja, era proibido viver de futebol, ter no futebol um emprego, concebê-lo enquanto trabalho: o futebol deveria ser apenas um passatempo das pessoas, praticado nos momentos de lazer, nos momentos para além da esfera do trabalho. Nota-se a tentativa clara das elites em manter sob seu julgo este esporte - cuja popularidade já era nas décadas de 1910/20 evidente - preservando os valores e significados construídos a partir de uma lógica

elitista de se conceber o jogo: jogo elegante e sofisticado que exprimia a tenacidade e a intenção “do Brasil e dos brasileiros” em considerar-se modernos. O profissionalismo ecoava com assombro nos membros da elite abastada, a este respeito diz Mario Filho:

“O jogador branco, de boa família, não tinha medo só de se tornar profissional, tinha vergonha também. O medo era de perder aquela vida gostosa de amador. O jogador mandando no clube, jogando a pedido, todo mundo atrás dele, jogue, jogue, e ele se fazendo de rogado. Acabava entrando em campo se sacrificando mais uma vez” (Filho: 2003, p. 196)

Há de se ressaltar que havia traços de profissionalismo no futebol desde os anos de 1920, porém era algo velado. O chamado “profissionalismo marrom” era prática comum em inúmeros clubes do Brasil e era o que garantia aos clubes a manutenção de seus atletas, sendo que naquele tempo o assédio de clubes brasileiros e estrangeiros já era algo que fazia parte da realidade dos clubes. É importante observar que nesse período do “profissionalismo marrom” os clubes davam um emprego de fachada para os jogadores, que tinham todas as regalias, e, muitas vezes, não trabalhavam e só se dedicavam ao futebol, é o que aconteceu, principalmente, no Rio de Janeiro e em São Paulo. No entanto, por aqui, a conservadora sociedade mineira relutava em aceitar os primeiros ventos do profissionalismo. Uma análise mais criteriosa de uma matéria do jornal Minas Geraes de 5 de março de 1933 intitulada “O profissionalismo no foot-ball” da conta exatamente disso:

“Como o nosso meridiano esportivo passa pelo Rio, tudo o que lá se esboça ou se realiza, reflete-se em Belo-Horizonte. Alguns jornais daqui já têm também martelado a questão do profissionalismo. Sem resultado, está claro. O profissionalismo no football é uma planta que medra atualmente no ambiente das nossas montanhas. Quando muito, flor de estufa, que, se apresenta algum colorido atraente, é por efeito de artifício. Deixam-na ao relento, vivendo á custa do seu próprio poder de nutrição, e morrerá. Vocações manifestas para o profissionalismo não faltam. Um prazer assoldadado é prazer maior. Isso ninguém o nega. Mas, a moda do profissionalismo é o ouro. E este – a despeito da nossa vizinhança com Morro Velho - está escasso nos meios esportivos da Capital. Francamente, os nossos grandes clubs não suportam outras despesas a

mais das que os sobrecarregam no momento. Profissionalizar os seus atuais amadores é lavrar o seu atestado de óbito. Não. Não há dúvida. O profissionalismo em Minas é uma planta exótica”.

(Nota *in* “A Profissionalização do football em Belo Horizonte nas décadas de 1920 e 1930”. Anais do XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte - Salvador – Bahia – Brasil 20 a 25 de setembro de 2009)

O profissionalismo configurava-se como uma opção dos clubes que ansiavam em manter alguns jogadores no plantel, garantindo legalmente o vínculo dos atletas com os clubes. Em matérias jornalísticas encontradas até o presente momento, percebe-se que não foram poucos os casos em que clubes de Belo Horizonte, durante a década de 1930, perdiam os seus jogadores para os grandes centros, pois havia uma concorrência desigual entre os clubes “de fora” e os clubes da capital mineira (como de certa forma ainda é atualmente), os quais não tinham como pagar os mesmos valores para os atletas. Ora, os jogadores valorizavam-se através da qualidade técnica demonstrada em campo, despertando o interesse dos clubes mais abastados economicamente. Esta transferência de jogadores evidencia o fato de que o futebol é ressignificado, sendo a ele imputados novos valores, os quais refletem a entrada em cena de novos grupos sociais a partir do momento em que as classes baixas passam a praticá-lo.

O esporte, além de ser uma forma de lazer, se torna inequívoco meio de ascensão social dos mais pobres. A resistência de alguns setores da sociedade deixa claro as tensões percebidas neste processo. Uns era favoráveis e outros contrários à profissionalização do futebol. O que se sabe é que o profissionalismo foi adotado como modelo administrativo para os clubes de futebol em todo o território nacional, tanto que os clubes que atualmente são considerados como os “grandes” clubes brasileiros foram os que em meados dos anos de 1930 aderiram à onda de profissionalização. Por outro lado, a profissionalização é reflexo da entrada em cena de outros atores sociais que, ao adotar o futebol em suas vidas cotidianas, criam novas formas de vivenciá-lo, de praticá-lo, de significá-lo. Estes novos atores sociais – negros, mulatos, pobres – são amparados pelo profissionalismo, já que podem a partir deste momento dedicar-se exclusivamente à prática do esporte, aprimorando suas técnicas e habilidades gradativamente. Esse momento foi, desta forma, decisivo para a popularização do

futebol na medida em que foi um momento marcado pela entrada destes grupos sociais desprivilegiados, que se encontravam alijados do futebol e cujas formas de praticar, significar e imputar valores ao jogo, incorporando elementos como a capoeira, o samba, a ginga, a malandragem, o improviso, a espontaneidade e etc. são essenciais para a construção e síntese da chamada “escola brasileira” de futebol.

Foi apenas a partir deste momento – meados da década de 1930 - que podemos identificar no futebol um esporte popular, um esporte que rompe as barreiras de classe social e se alastra por todo país, ou seja, um esporte que fora abraçado por grande parte dos brasileiros, por uma massa de pobres que passou a encontrar nele sua principal atividade de lazer e entretenimento.

O campo de futebol - enquanto equipamento de uso coletivo instituído – e o futebol amador devem ser concebidos, entendidos e compreendidos como resultado direto deste processo. Vale ressaltar que esta profissionalização não significou de forma alguma o sepultamento das formas não profissionais de se praticar o futebol. Ao contrário, esta mesma profissionalização que teve como resultado direto a popularização\democratização, cria apenas mais um tipo de futebol – futebol esse que pode ser considerado o germe da matriz espetacularizada atual – isto é, os inúmeros futebóis, passam a compor o cotidiano das pessoas, as quais não se satisfazem em apenas ir ao estádio acompanhar uma partida de seu clube do coração; elas buscam trazer o esporte para suas vivências diárias, para suas interações com amigos do bairro ou colegas do trabalho. Nesse sentido, o futebol integra a vida ordinária das pessoas, sobretudo, enquanto práticas de lazer, enquanto jogo no sentido huizingiano, na medida em que a grande maioria dos indivíduos não trabalha com o futebol, não retiram seu sustento do esporte, mas somente se deixam encantar e se envolver com este esporte - o qual de fato é encantador – dedicando assim grande parte de seu tempo livre ao futebol, seja jogando uma pelada na rua, seja jogando um jogo válido por algum campeonato de várzea, seja nas arquibancadas do Mineirão ou do Beira Rio, seja acompanhando as notícias diárias dos clubes europeus pela TV ou internet.

A importância da apreciação acerca do processo de popularização\democratização do futebol – compreendido, como se nota acima, entre os anos de 1910\1930 – reside exatamente em se desvelar os modos pelos quais o futebol

deixa de ser um passatempo das elites e se transforma em passatempo da grande massa de pobres deste país, sendo ainda mais que um passatempo, sendo modo de vida, sendo ressignificado, revalorizado, recriado e reinventado por estes atores sociais que enriquecem o jogo trazendo novos elementos, novas técnicas, novas táticas, novos tipos de espaço para a prática, novas formas de interação com o futebol, seja como esporte ou como jogo. Além disso, entende-se com maior clareza a distinção entre futebol amador e futebol profissional, distinção essa que é imprescindível para estudos que lidem com qualquer das duas categorias do esporte. Pôde-se perceber, na mesma medida, que os modos pelos quais o futebol organizara-se nas primeiras décadas do século XX, ou seja, enquanto futebol amador ainda são utilizados pelos clubes amadores que tentam sobreviver nos dias de hoje. Em outros termos, pode-se afirmar que a forma como se organizava o Clube Atlético Mineiro, por exemplo, antes do processo de profissionalização do futebol em 1933, não era muito diferente do modo como se organiza um clube de futebol amador na atualidade.

4.2 Esporte e Jogo: duas expressões

As transformações sociais, políticas, econômicas e culturais percebidas no século XVIII e durante todo o século XIX e as consequências daqui advindas foram os primeiros objetos de estudo da sociologia, ou seja, a sociologia surge, enquanto ciência, para tentar compreender aquele momento em particular, momento esse denominado como modernidade (Nisbet: 1969). Os grandes sociólogos e pensadores que, notadamente, inventaram o conhecimento sociológico (Marx, Weber, Durkheim, Simmel e outros), na medida em que desenvolveram métodos através dos quais esta forma de conhecimento seria alcançada, se debruçaram sobre a modernidade a fim de compreendê-la, de interpretá-la e de transformá-la. Para tal, estes grandes sociólogos e pensadores se voltaram para as questões vinculadas à sociedade industrial, à sociedade do trabalho, ao capitalismo de um modo geral. Desta forma, criou-se todo um modo particular de conceber a própria sociologia e aquilo para o qual ela deveria lançar seu olhar e sobre isso produzir conhecimento. Outros temas, outras questões que pareciam banais, sem importância para esta ciência, como as atividades de lazer, por exemplo – as

quais mereciam explicações superficiais e simplistas, sendo consideradas apenas como válvulas de escape ou como atividades resultantes da “alienação” (Cardoso: 1986) -, foram relegados a segundo plano, isto é, não “mereciam” ser estudados pela sociologia.

Ora, as atividades de lazer conhecem na sociedade moderna uma expressão sem precedentes, sobretudo, pelo advento dos esportes, passando a ocupar um espaço mais significativo na vida das pessoas. A sociedade moderna pode ser considerada além de uma sociedade do trabalho, uma sociedade do lazer na medida em que os indivíduos e grupos despendem grande parte de seu tempo a atividades deste tipo. Sempre que podem, ou seja, sempre que não estão envolvidos no labor, as pessoas buscam o lazer como forma de aliviar as tensões do dia a dia, como forma de experimentar emoções que não podem ser alcançadas nas atividades de trabalho (Elias e Dunning: 1992).

No mundo moderno, principalmente a partir do século XIX, o lazer passa a ser cada vez mais condicionado pelos esportes. A partir de um processo contínuo e gradativo, as atividades de lazer passam a ser cada vez mais atividades esportivas (Elias e Dunning: 1992). O advento dos esportes no mundo moderno aparece, pois, como resultado direto das tensões e contradições produzidas e reproduzidas por este próprio mundo. O esporte foi ao longo dos séculos XIX e XX o padrão de um movimento de lazer mundial. Uma compreensão satisfatória sobre o fenômeno esportivo verificado no mundo moderno requer pelo menos uma simples apreciação do mundo moderno propriamente dito. Isso se deve ao fato de que o esporte enquanto um fenômeno de massa, que arregimenta e atrai milhões de pessoas em todos os locais do globo, é uma manifestação social e cultural própria, específica do mundo moderno (Elias e Dunning: 1992; Huizinga: 2004). Desta forma não podemos falar em esporte durante a Idade Média ou durante o período colonial no Brasil, já que os pressupostos sobre os quais se assentam o esporte (dentre outros, conjunto de valores e regras que definem, organizam, regulamentam as competições esportivas) conhecem sua existência apenas a partir da época moderna. O esporte é, então, uma forma de entretenimento e lazer específico da modernidade. Não podemos dizer, nesse sentido que os jogos olímpicos da Grécia Antiga ou mesmo os jogos populares da Idade Média sejam considerados esportes no sentido estrito da palavra: a própria ideia de esporte está condicionada intrinsecamente à noção de modernidade. Dito de outra forma, todo e qualquer jogo praticado e vivenciado antes da época moderna não pode ser considerado como esporte, mas apenas como um jogo.

4.2.1 O jogo huizingiano

Para uma compreensão satisfatória dos fenômenos esportivos, dentre os quais o futebol é o mais evidente devido ao apelo a ele verificado, torna-se imprescindível uma diferenciação conceitual e teórica entre as noções de jogo e esporte. As ideias de Johan Huizinga são preciosas neste caso, sendo que este autor foi um dos primeiros pensadores a tratar o jogo como um objeto de estudo plausível, como um elemento que constitui e é constituído no âmbito da cultura. Sua obra prima, *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*, aborda e define o jogo, em suas mais diversas expressões, oferecendo parâmetros e subsídios para que o sociólogo, ou qualquer cientista social, possa tratar cientificamente este importante aspecto da vida social moderna - mesmo que em grande parte de sua obra não haja uma referência explícita à modernidade. Suas ideias, seus conceitos, seu método são, portanto referência para estudos que pretendem abordar o esporte, seja ele qual for. Vale destacar que Huizinga promove uma análise de jogo que se aproxima mais da filosofia do que propriamente da sociologia, por não ter uma preocupação sistemática com a apreciação de aspectos empíricos, uma sociologia aplicada.

De acordo com Huizinga, podemos afirmar que o jogo está diretamente vinculado à ideia de brincadeira, configurando-se, por isso, numa atividade anterior à cultura, não sendo exclusivamente humana, já que até mesmo os animais irracionais, como o cão ou o macaco, brincam através de jogos. Entretanto, não nos interessa aqui o jogo enquanto atividade dos animais; é como condição humana, como manifestação cultural dos seres humanos que a ideia de jogo deve ser concebida. O divertimento, a tensão e o prazer proporcionados nas brincadeiras são características do jogo como um todo, em qualquer época e lugar. O jogo é algo significativo que extrapola as esferas psicológicas e fisiológicas; há sempre algo em jogo que transcende as necessidades imediatas da vida, conferindo sentido à ação. O jogo é, nesse sentido, algo que ultrapassa os sentidos materiais da vida, sendo, desta forma, algo de fato simbólico, cultural. O jogo deve ser compreendido a partir do próprio jogo, isto é, não deve ser concebido sob a ideia de que há alguma finalidade evidente, biologicamente dada: o jogo é uma realidade em si mesma, devendo ser compreendido e avaliado como

totalidade que possui uma realidade autônoma e uma essência que extrapola os limites do mundo material e é isso que confere a ele sentido, significado. Ora, o jogo baseia-se na manipulação de certas imagens, numa certa imaginação da realidade, cabe ao sociólogo captar o valor e o significado destas imagens e dessa imaginação. Serão observadas as ações dessas no próprio jogo, apenas assim poderá o jogo ser compreendido como elemento cultural.

Neste momento vale à pena definir melhor a ideia de jogo atribuída por Huizinga em sua obra. Para tal algumas características do jogo apresentadas pelo autor devem vir à tona no sentido de distinguí-lo de outras atividades humanas. Podemos sintetizar estas características em quatro grandes blocos, cada um dos quais aborda o jogo sob um prisma diferente:

1) A ideia de jogo como lazer, a qual pressupõe que a adesão a ele seja algo voluntário. O jogo é praticado nas horas de ócio, nunca constitui uma tarefa e jamais é imposto pela necessidade física ou moral. O jogo é uma evasão da vida real para uma esfera temporária de atividade com orientação própria. Há um sentimento de inferioridade do jogo em relação à seriedade e esse sentimento é tão fundamental quanto o próprio jogo. Todavia, todo jogo é capaz de absorver inteiramente seu jogador, tornando-se assim algo demasiadamente sério. O jogador se torna seriedade e a seriedade se torna jogo;

2) O jogo é algo desinteressado, algo extra cotidiano, é algo que tem uma finalidade autônoma e se realiza tendo em vista uma satisfação que consiste nesta própria realização. É um intervalo na vida cotidiana, porém se torna um complemento, parte integrante da vida em geral. O jogo ornamenta e amplia a vida e torna-se uma necessidade tanto para o indivíduo quanto para a sociedade, devido ao sentido que encerra, devido a sua significação, ao seu valor expressivo, devido a suas associações espirituais e sociais, em suma, como função cultural;

3) Isolamento, limitação. O jogo é jogado até o fim respeitando o tempo e o espaço definidos. Quando o jogo esta ocorrendo, tudo é movimento, mudança,

alternância, sucessão, associação, separação e tudo isso acaba ao fim do jogo. Isso se constitui como uma característica cultural, pois quando o jogo acaba ele permanece vívido na memória, como uma criação nova do espírito, um tesouro a ser conservado pela memória, é transmitido, torna-se tradição e isso é o que confere a ele a capacidade de repetição. O espaço do jogo é ainda mais importante do que o tempo, na medida em que é algo pré definido de maneira material ou imaginária, deliberada ou espontânea. A arena, a mesa, o templo, o palco, o campo, têm a forma e a função de terrenos de jogo, de lugares proibidos, isolados, fechados, sagrados e no interior dos quais se respeitam determinadas regras. Todos estes espaços são mundos temporários dentro do mundo habitual;

4) O jogo cria ordem e é ordem. O jogo exige e cria uma ordem suprema – mesmo que temporariamente - e absoluta dentro de um mundo imperfeito e no seio de uma vida confusa. Se esta ordem não for seguida o jogo se torna inviável.

As características formais do jogo podem ser resumidas nas palavras do próprio Huizinga, para o qual o jogo é considerado:

“(...) uma atividade livre, conscientemente tomada como ‘não séria’ e exterior à vida habitual, mas ao mesmo tempo capaz de absorver o jogador de maneira intensa e total. É uma atividade desligada de todo e qualquer interesse material, com o qual não se pode obter qualquer lucro, praticada dentro de limites espaciais e temporais próprios, segundo uma certa ordem e certas regras. Promove a formação de grupos sociais com tendência a rodearem-se de segredo e a sublinharem sua diferença em relação ao resto do mundo por meio de disfarces ou outros meios semelhantes”. (Huizinga: 2004, p. 16)

Percebe-se que o jogo é tomado como uma atividade livre e não séria, porém isso não quer dizer que não haja envolvimento entre o jogador ou espectador e o jogo. Ao contrário, o jogo é vivenciado de forma intensa e total e dele não se pode extrair lucro ou qualquer tipo de interesse material. O conceito de jogo huizingiano se

aproxima da noção de esporte moderno, entretanto se afasta em outros. O esporte é apenas uma das manifestações de jogo, devido ao fato de que jogo, concebido a partir das ideias de Huizinga, pode abranger outras várias formas de manifestação da vida social, desde brincadeiras infantis, passando por rituais religiosos e até mesmo discursos políticos. Apesar disso, pode ser muito útil para estudos acerca do fenômeno esportivo, pelo fato de apresentar inúmeras características que podem ser verificadas na realidade concreta, nas relações estabelecidas a partir e pelos esportes.

Segundo Huizinga é importante atentar para as funções sociais do jogo. A função do jogo pode ser resumida a partir de dois aspectos fundamentais, a saber, uma luta *por* alguma coisa e a representação *de* alguma coisa. Em qualquer tipo de jogo, seja ele dominado pela seriedade ou não, em todas as situações, em todas as épocas e lugares, há uma luta por alguma coisa no interior do jogo (glória, honra, prestígio e etc.) e, simultaneamente, percebe-se que no jogo algo está sendo representado (uma pessoa, um animal, um espírito, um totem, um personagem, um futebolista, um grupo de adeptos, um símbolo religioso). Isso remonta às próprias características do jogo, sobretudo àquelas referentes ao caráter extra-ordinário do jogo – para que algo seja representado, torna-se necessário escapar à realidade imediata, material, isto é, dentro do jogo as leis e os costumes da vida ordinária podem perder validade – e aquelas que dizem respeito à ordem particular ao jogo, a qual é criada para a viabilização do próprio jogo. Os jogadores são pessoas diferentes que fazem coisas diferentes em um espaço físico pré definido (um estádio, um campo, uma rua, um templo), com status de sagrado – já que ali regras específicas criadas para a consecução do jogo vigoram - durante determinado tempo de duração. Esta capacidade de um indivíduo de tornar-se outro, torna o jogo algo extra-ordinário. Um exemplo concreto disso pode ser percebido nos jogos infantis, nos quais as crianças brincam representando príncipes, animais, bruxas, heróis, ídolos, e assim fogem da realidade habitual, sem, contudo, perdê-la de vista. Outro exemplo que merece nota diz respeito à representação sagrada. Os rituais religiosos podem ser encarados como uma forma de jogo a partir da definição de Huizinga, pois:

“Algo de invisível e inefável adquire nela [na representação sagrada] uma forma bela, real e sagrada. Os participantes do ritual estão certos de que o ato concretiza e efetua uma certa beatificação, faz surgir uma ordem de coisas mais

elevada do que aquela em que habitualmente vivem. (...) [A representação sagrada] É executada no interior de um espaço circunscrito sob a forma de festa, isto é, dentro de um espírito de alegria e liberdade. Em sua intenção é delimitado um universo próprio de valor temporário”. (Huizinga: 2004, p. 17)

Fica claro que o conceito de jogo é algo extremamente frutífero, podendo ser utilizado para estudo de diversas situações e esferas da vida social. A noção de jogo abrange, ou melhor, pode abranger situações da vida social das mais sérias, quando percebemos as regiões do belo e do sagrado, como um ritual religioso, até aquelas situações mais descontraídas e descoladas de qualquer tipo de dogma ou ideologia, como um jogo de cartas. Tal como nos rituais, os jogos infantis ou de animais apresentam todas as características lúdicas: ordem, tensão, movimento, mudança, solenidade, ritmo, entusiasmo, espontaneidade e despreocupação.

O jogo deve ser entendido e concebido, ainda, a partir de outras características e outras categorias, as quais tornam este conceito ainda mais abrangente. O elemento de tensão (incerteza, acaso) é parte inerente ao jogo. Os jogadores procuram conseguir alguma coisa difícil: ganhar, acabar com a tensão. Desta forma, eles procuram alcançar uma solução para esta tensão. Esta dicotomia tensão\solução é uma das coisas que movem o jogo e quanto mais competitivo o jogo, mais apaixonante ele se torna. Para que um jogo seja competitivo é necessária a existência de pelo menos dois grupos rivais que busquem a solução para a tensão existente entre eles, ou seja, vencer o outro grupo. Os jogos entre grupos possuem, portanto, um caráter antitético, mas não necessariamente agonístico (combativo). Nesse sentido, a tensão e a incerteza quanto ao resultado do jogo – características gerais do jogo – são aumentadas numa situação de jogo quando o elemento antitético transforma-se no aspecto agonístico, combativo. Podemos dizer, assim, que quanto mais o jogo é combativo, agonístico, competitivo, difícil, maior é a tensão daqueles que o assistem e que o praticam.

Esta capacidade de ampliar a tensão de um jogo através da competição entre grupos aumenta a intensidade do jogo de modo que quanto maior a “*capacidade de um jogo de elevar o tom, a intensidade da vida do indivíduo ou do grupo, mais rapidamente passará a fazer parte da civilização*” (Huizinga: 2004, p. 55), tornando-se, assim, parte da cultura. A partir do momento em que o jogo é um espetáculo belo, é um espetáculo que envolve questões de ordem físicas, intelectuais, morais ou espirituais, seu valor

cultural se torna evidente, marcante. A competição pode e deve, então, ser incluída como categoria de jogo na medida em que é, principalmente, por meio dela que se cria um vínculo entre o jogo - e tudo inerente a ele - e a cultura e também entre o indivíduo e a sociedade. Cabe ressaltar que o resultado de um jogo competitivo não tem nenhuma contribuição para o processo vital do grupo, sendo considerado como insignificante e até mesmo indiferente. Apenas para aqueles que dele participam, como jogadores ou como espectadores, o resultado é de fato importante.

Não obstante o fato de que o resultado de um jogo competitivo não tenha influência vital para o grupo, para a sociedade, a essência do aspecto lúdico do jogo reside exatamente aqui. A essência do lúdico está na frase: há alguma coisa em jogo. O resultado material não é esta alguma coisa. Esta alguma coisa é o fato do jogo ter sido ganho ou de alguém ter acertado, isto é, o resultado do jogo propriamente dito. O êxito causa satisfação do jogador, para o qual se gabar é parte essencial do jogo e lhe dá prazer (espectadores podem aumentar esta satisfação, mas não são essenciais). Nesse sentido, o êxito obtido num jogo passa do indivíduo para o grupo. O que se entende como primordial ao que Huizinga chama de “instinto de competição” é o fato de alcançar êxito e, conseqüentemente, alcançar as benesses disso, ou seja, ser festejado, aclamado, por vezes idolatrado, ganhar estimas, prestígio e honrarias. O autor atrela a ideia de honra com virtude e esta honra é alcançada diante a esfera social: reconhecimento da honra, da virtude. Noutras palavras, a sociedade julga quem é digno de ser reconhecido como “honrado” a partir de um jogo. Estabelece-se, desta forma, uma relação entre indivíduos e grupos através do jogo.

É interessante notar que Huizinga demonstra como o jogo, e tudo que dele advém (sejam suas regras, seu caráter lúdico, seu caráter competitivo, por vezes agonístico, seu caráter extra cotidiano, seu caráter sério ou descontraído e etc.), está presente nas mais diversas culturas em diferentes épocas e lugares; desde a Grécia Antiga à China, seja na vida religiosa, na esfera do lazer ou na esfera mítica. Através de uma abordagem que engloba análises focadas em muitas áreas do conhecimento, como linguística, história, sociologia e filosofia, Huizinga analisa diversos tipos de sociedades de diferentes épocas e lugares a partir do conceito de jogo elaborado por ele. As competições nas sociedades primitivas dos *trobriand* ou na China Antiga revelam que o que estava em jogo era a honra, a demonstração de superioridade e os benefícios daqui

obtidos. Na Arábia pré islâmica e na Grécia Antiga, o que se nota eram competições, em forma de cerimoniais lúdicos, para demonstrar quem era o melhor, o mais virtuoso, o mais rico, aquele digno de reconhecimento e glória. Isso se dava por meio de insultos e sarcasmos, ironias e vangloriação. O caráter agonístico estava presente nos jogos romanos, os quais eram dotados de características ritualísticas, de culto, já que quando os gladiadores entravam na arena eles eram representantes dos espectadores, “como se lutassem em nome destes”. Toda cerimônia ficava invalidada pelo menor desrespeito ao ritual, isso revela o caráter sagrado da ação.

De acordo com as ideias acima, o jogo, e a forma que esse assume, respeita as contingências morais, culturais, simbólicas, presentes em cada uma destas sociedades. Há aqui uma clara aproximação entre Huizinga e Norbert Elias, já que esse último concebe a sociedade a partir do prisma da sociologia figuracional, isto é, o jogo, o esporte, é, de uma forma ou de outra, reflexo da sociedade em que se manifesta. Apesar dessa semelhança, Elias analisa a sociedade a partir de categorias e conceitos de forma a remeter a uma perspectiva evolucionista: nas sociedades em que o processo civilizador estivesse em estágio avançado, haveria um controle maior e uma tolerância menor à violência e isso era percebido e comprovado empiricamente através do esporte, sobretudo, o futebol. Este contraponto entre estas duas perspectivas diferentes pode ser de grande valia na medida em que a partir das ideias destes dois autores é possível delinear com mais clareza os parâmetros utilizados para a análise dos esportes modernos em geral e do futebol amador em particular.

4.2.2 Esporte: uma perspectiva eliasiana

Os esportes modernos não podem ser considerados jogos no sentido amplo do conceito huizingiano devido, sobretudo, à gradual perda do aspecto lúdico. O aspecto lúdico manifesta-se no jogo a partir da espontaneidade e despreocupação, características que são cada vez menos percebidas no esporte moderno de acordo com Huizinga (Huizinga: 2004, p. 219-220). O esporte moderno, organizado a partir do profissionalismo, retira do jogo o caráter de espontaneidade, de despreocupação, pois é cada vez mais levado a sério. O esporte ocupa na vida moderna um lugar

dessacralizado, diferentemente das sociedades primitivas, para as quais as competições eram ritualizadas em torno de grandes festas e cerimoniais. Segundo Huizinga

“(...) esta ligação [do jogo] com o ritual foi completamente eliminada, o esporte se tornou profano, foi dessacralizado sob todos os aspectos e deixou de possuir qualquer ligação com a estrutura da sociedade” (Huizinga: 2004, p.220)

Elias provavelmente iria rechaçar esta afirmativa, pois o esporte para ele é a expressão da própria sociedade, é resultado direto da dinâmica da própria configuração social à qual pertence. O esporte moderno foi levado a um grau de sofisticação, organização técnica e de complexidade científica e isso ameaça o espírito lúdico até então presente. Isso é tão evidente nas ideias de Huizinga que em determinado ponto de seu argumento ele afirma que “o autêntico jogo desapareceu da civilização atual e mesmo onde ele parece ainda estar presente trata-se de um falso jogo, de modo tal que se torna cada vez mais difícil dizer onde acaba o jogo e começa o não-jogo.” (Huizinga: 2004, p.229).

Dito de outra maneira, ao se espetacularizar, ao se tornar um espetáculo para as massas, o esporte moderno perde o elemento lúdico, da brincadeira, da espontaneidade, sendo caracterizado pelo desaparecimento da autonomia e prazer do jogador. O espetáculo é produzido não para os jogadores, mas para os espectadores; o prazer do atleta dá lugar ao prazer dos torcedores, dirigentes, televisão e empresas que pagam pelo espetáculo. Esta perspectiva huiziniana de que a erosão do lúdico foi acompanhada pelo advento da comercialização, da espetacularização e de que os esportes modernos tornaram-se atividades totalmente seculares e racionais é combatida por Dunning e Sheard (1979). Para eles os esportes modernos não poderiam ter mantido – e em alguns casos até mesmo ampliado – sua popularidade se o elemento lúdico inato a eles não tivesse sido mantido de alguma forma. Segundo os autores o que ocorreu foi exatamente o contrário, já que “*a centralidade cultural do esporte tem crescido de forma tal que hoje ele parece ser um fenômeno social de proporções quase religiosas*”⁹. O esporte

⁹ Dunning e Sheard: 1979, p. 14. Passagem extraída de nota *in* Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1997, 133p.

não pode ser considerado um “autêntico jogo” no sentido trabalhado por Huizinga, já que este autêntico jogo já não existe nas sociedades modernas. A partir do momento em que há a espetacularização do jogo, do esporte, a partir do momento em que o esporte se torna algo racionalizado e secularizado, sendo praticado para o prazer dos espectadores e não para o prazer dos praticantes, ele deixa de ser lúdico. Apesar disso, ele diz que:

“(…) a verdadeira civilização não pode existir sem um certo elemento lúdico, porque a civilização implica a limitação e o domínio de si próprio, a capacidade de não tomar suas próprias tendências pelo fim último da humanidade, compreendendo que se está encerrado dentro de certos limites livremente aceites. De certo modo, a civilização sempre será um jogo governado por certas regras e a verdadeira civilização sempre exigirá o espírito esportivo, a capacidade de *fair play*.” (Huizinga: 2004, p. 234)

Fica evidente que uma civilização não pode existir sem certa dose de aspectos lúdicos e a sociedade moderna não poderia ser diferente. Huizinga foi muito radical ao afirmar que os esportes não conservaram, em nenhuma medida, o aspecto lúdico, o qual fora percebido nos vários tipos de jogos verificados durante a história da humanidade. O futebol, como maior expressão de esportes de massa no mundo moderno, mantém uma série de elementos que podemos considerar como lúdicos, dentro dos quais nota-se resíduos de espontaneidade, despreocupação, improviso. O esporte não poderia ter mantido sua popularidade se não tivesse preservado aspectos lúdicos, não secularizados, pois:

“(…) a racionalização e a secularização tendem a destruir elementos essenciais para o desenvolvimento de elementos lúdicos e celebrações ritualísticas sagradas. Entretanto, o esporte não sucumbiu inteiramente a esses processos, mas os incorporou de uma maneira que elementos sagrados possam ser recriados e um espaço para o potencial criativo-lúdico dos atletas seja mantido”. (Helal: 1997, p. 37)

Embora os esportes tenham perdido parte de seu aspecto lúdico, fica claro que parte destes aspectos característicos do jogo foram incorporados pelos esportes. O futebol no Brasil seria um exemplo disso, na medida em que ainda encontramos espaço para manifestações “sagradas”. Nas partidas entre clubes rivais os espectadores “cantam, reverenciam seus ídolos, símbolos e cores de seus times, choram e rezam nos estádios como se estivessem em um templo sagrado” (Helal, 1997, p. 39), preservando, assim certos elementos lúdicos.

Podemos inferir, a partir daquilo que foi dito até o momento, que os aspectos lúdicos da vida, como por exemplo, aqueles verificados nos jogos e nos esportes, permanecem como característica marcante do ser humano, independentemente do tipo de sociedade em que se manifesta, ou seja, as relações sociais baseadas e mediadas por elementos lúdicos estão presentes nas mais diversas culturas e sociedades ao longo de toda a história da civilização humana, sendo, portanto, muito importantes para o ser humano como um todo.

Desapegado do aspecto lúdico da vida social, para Elias os jogos se transformaram em esportes. Não há em suas ideias uma distinção analítica entre jogo e esporte. Ao longo de sua obra, este autor se vale das expressões jogo e esporte para designar, muitas vezes a mesma coisa; o jogo pode ser lido em várias passagens como uma partida, ou melhor, como uma configuração dinâmica de jogadores em campo. Embora sua análise não se baseie nos aspectos lúdicos circunscritos nas atividades esportivas, este autor se utiliza dos esportes, sobretudo, do futebol enquanto ferramenta metodológica capaz de representar relações mais amplas entre grupos. De acordo com suas ideias, os esportes modernos devem ser concebidos como reflexo da configuração, como produto direto da sociedade em que se manifesta. Desta forma, toda e qualquer análise que tenha nos esportes um objeto de estudo deve ser desenvolvida tendo em vista a sociedade na qual foi engendrado.

As equipes durante um jogo de futebol estabelecem uma relação de tensão, de conflito e tal relação determina um tipo específico de dinâmica de jogo. A compreensão da forma pela qual a noção de esporte é concebida na obra de Norbert Elias pode lançar luz sobre este fenômeno social - a saber, os esportes em geral e o futebol amador em particular - contribuindo assim para uma melhor compreensão acerca do lócus ocupado pelos esportes na época moderna.

Para o que aqui se propõe, é necessário determinar com maior clareza as noções de *dinâmica, padrão de jogo, tensão e controle da tensão*. Elias utiliza o futebol enquanto “metáfora da sociedade”, já que numa partida de futebol, por exemplo, existem dois times em confronto, que se relacionam de modo a estabelecer uma relação de conflito (tensão), na medida em que uma equipe quer vencer a outra. Em outras palavras, a forma de ordenamento e reordenamento do jogo é a própria dinâmica do jogo; e esta dinâmica, este ordenamento e reordenamento, este rearranjo permanente é o padrão de jogo. Este movimento e reordenamento dos jogadores interdependentes, da configuração dos jogadores é o jogo em si. A dinâmica do jogo a qual se refere o autor não é a dinâmica de um time isoladamente, mas, ao contrário, é a dinâmica própria da tensão estabelecida pelos times em confronto. Os times e os jogadores não podem ser tomados separadamente, isto é, o jogo e a dinâmica nele percebida através da análise das diferentes configurações verificadas é a própria configuração dinâmica das equipes ou times que estão em confronto. As duas equipes determinam, portanto, um padrão fluído ao jogo, sendo que existe uma tensão, a qual pode ser entendida como os movimentos de cada lado, de cada equipe os quais dependem do movimento da outra equipe.

Visto sob este prisma o futebol seria uma espécie de sociedade dentro da sociedade, ou melhor, seria uma configuração no interior de uma configuração mais ampla e que a partir dele a sociedade em que se manifesta pode ser traduzida. Estas ideias podem ser resumidas nas palavras de Elias e Dunning:

“Se observarmos a configuração dos jogadores no campo em permanente interdependência, podemos vê-los na realidade a formar constantemente uma configuração dinâmica. Nos casos de grupos ou sociedades mais alargadas, não se podem, de um modo geral, observar as configurações que seus membros formam entre si. No entanto, também nestas circunstâncias, as pessoas formam configurações entre si – uma cidade, uma igreja, um partido político, um Estado – que não são menos reais do que a que é constituída por jogadores num campo de futebol, mesmo que não possam ser abrangidas de um só golpe de vista” (Elias e Dunning: 1992, p.290)

Desta forma, uma análise configuracional no estudo de tensões e conflitos é aquela para a qual a *“atenção concentra não na dinâmica de um lado ou de outro, mas nos dois pólos ao mesmo tempo, formando uma única configuração”* (Elias e Dunning: 1992, p. 286). A configuração formada numa partida de futebol deve ser entendida enquanto uma relação que se estabelece e que existe apenas a partir da tensão verificada entre os dois times. Cabe dizer que as relações entre grupos ou subgrupos podem ser de tipo de tensões e conflitos ou de tipo cooperação e harmonia. O estudo do jogo-desporto pode ser um bom norte, nesse sentido, já que neste tipo de configuração a tensão e a cooperação podem ser tratadas como partes independentes de uma mesma configuração dinâmica. No futebol a cooperação pressupõe a tensão e a tensão pressupõe a cooperação. Esta tensão é, em larga medida, controlada, isto é, as tensões produzidas durante uma partida, durante um jogo são mantidas sob controle. Este controle sobre as tensões é tema central na teoria configuracional de Elias, pelo fato de que tal controle está intimamente ligado à estrutura social mais ampla, à organização social tanto em nível estrutural quanto em nível individual. Se hoje as tensões que poderiam culminar em ações violentas são muito mais eficazmente controladas – tanto no esporte quanto nas outras esferas da vida social - é por que num estágio de desenvolvimento anterior esta tensão resultava facilmente em atos de violência. Segundo Elias e Dunning:

“(...) foi possível descobrir algumas das razões por que, em paralelo com uma orientação semelhante na sociedade em geral, um jogo como o futebol se desenvolveu a partir de uma forma de dinâmica de grupo mais violenta para outra forma menos violenta e menos incontrolada e para um tipo de padrão de jogo diferente” (Elias e Dunning: 1992, p. 287)

Fica claro a partir da leitura da passagem acima que as mudanças oriundas da “sociedade em geral” refletem diretamente no futebol, de uma forma ou de outra e, neste caso, tal reflexo pôde ser percebido no rigoroso controle da tensão existente num jogo, o que culmina numa diminuição drástica dos níveis de violência verificados neste tipo de atividade. Podemos falar de esporte apenas a partir deste controle mais rigoroso sobre a tensão produzida num jogo. Ora, o advento dos esportes se dá apenas a partir do momento em que se desenvolve uma configuração social mais sensível à violência e a tolerância socialmente compartilhada à violência diminui e isso é uma característica

marcante desta atividade. A organização e regulamentação do futebol – por meio de regras e da criação de instituições que garantissem o cumprimento de tais regras - baniu as agressões físicas e buscou diminuir os níveis de violência verificados em campo de acordo com o comportamento social civilizado prevalecente. O controle sobre as tensões de um jogo de futebol ocorre por meio de sanções advindas de diversos atores sociais – num nível estrutural árbitros, federações, Estado, autoridades e também num nível individual pelos próprios jogadores que refletindo a dinâmica da própria sociedade não cometem atos que extrapolam muito os padrões aceitáveis de uso da violência. Nesse sentido, a sociologia configuracional considera a sociedade não como algo abstraído dos indivíduos, não como uma construção intelectual da sociologia. As configurações de indivíduos não são nem mais nem menos reais que os indivíduos que as formam, já que os “*indivíduos apresentam-se sempre em configurações e estas são sempre formadas por indivíduos*” (Elias e Dunning: 1992, p. 290). Em suma, é preciso considerar os agrupamentos de pessoas como configurações com sua dinâmica, com seus problemas de tensão e de controle de tensão.

O jogo é uma configuração de grupo muito específico a um tempo e a um lugar. Para que o jogo mantenha um equilíbrio torna-se imprescindível a existência de uma tensão controlada entre os dois subgrupos dos quais o jogo se compõe, definindo, assim, um equilíbrio de tensão: dois subgrupos de jogadores ao mesmo tempo interdependentes e antagonistas, os quais mantêm um equilíbrio dinâmico entre si. A existência deste equilíbrio dinâmico entre as equipes é o que garante a tensão e o vigor do jogo, os quais são de suma importância no que tange a atratividade e o êxito para com espectadores e jogadores. As regras e normas de controle da tensão são responsáveis por preservar uma dada configuração, ou melhor, são responsáveis por controlar o equilíbrio de tensão de uma configuração. Todavia, este controle imprimido pelas normas e regras não é absoluto, já que a definição da dinâmica, do padrão de jogo se deve apenas em parte a tais meios de controle. A dinâmica do grupo define quais serão as regras e normas a serem aplicadas ao jogo, isto é, de acordo com o desenvolvimento da sociedade no sentido civilizador, conforme a configuração social foi alterada e o grupo ficou mais sensível aos atos de violência, foram criadas novas normas e regras que controlavam de forma mais sistemática o uso da violência.

Quais foram as mudanças verificadas a partir do processo civilizador, cujas consequências se manifestaram diretamente no esporte? Em que sentido se deram as alterações na configuração social? Qual a importância dos esportes para o mundo moderno? Qual o *locus* ocupado pelos esportes no mundo moderno? O processo civilizador racionaliza a sociedade, reduz a tolerância à violência o que acaba com a função social de atividades de busca da excitação. A noção de processo está, para Elias, vinculada ao valor de progresso: tanto no sentido de evolução da humanidade, quanto no sentido de conhecimento da sociedade e da natureza. Conhecer a sociedade significa compreender o desenvolvimento, o progresso desta sociedade. Então, de que maneira se dava o desenvolvimento da sociedade moderna? A sociedade moderna vivenciava um momento denominado por Elias de *processo civilizador*. Assim sendo, a sociedade moderna evoluía gradativamente para uma configuração que cada vez mais se equipava com formas de controle das emoções. A esfera de ação para uma equilibrada relaxação das restrições impostas aos indivíduos pelo processo civilizador é cada vez mais reduzida. Em outras palavras, as sociedades modernas são configurações em que há um controle dinâmico sobre a exteriorização das emoções. Isso quer dizer que o controle exercido sobre as emoções, sobre as explosões apaixonadas, é promovido tanto externa – por meio de instituições, coerção social, moral, costumes, leis e etc. - quanto internamente – internalização do controle, o comeditamento como um valor social.

Um controle mais rigoroso das atividades violentas (como o pugilato, as rinhadas de animais, os duelos de espadas e etc.) levou a sociedade a se sensibilizar em relação a este tipo específico de atividades. O uso da violência foi gradativamente monopolizado pelo Estado: apenas a essa instituição era permitido o uso da violência (Weber, 2005). A comparação entre atividades que de algum modo são semelhantes – como as competições de luta - e que eram praticadas em diferentes tipos de sociedade pode ser de grande valia nesse sentido. As competições que envolviam luta são demasiado diferentes na modernidade e na antiguidade. O pugilato ou boxe e o “pancrácio” (competição de luta praticada na Grécia Antiga), apesar de se constituírem enquanto competições de luta, envolviam níveis toleráveis de violência bem diferentes. Por isso, comparar o boxe, um esporte moderno, com o “pancrácio” é um risco em decorrência do objetivo e do *ethos* de cada tipo de luta; esse último deriva muito mais de um *ethos* combativo de uma aristocracia guerreira – luta em terra, batalhas nos campos – ao passo

que nas provas esportivas o *ethos* combativo – deriva de um país que desenvolveu uma organização distinta de guerra no mar, notadamente Inglaterra. Além disso, os jogos dos gregos não eram dominados por uma preocupação com a justiça, já no desporto inglês, verifica-se um *ethos* de justiça - o qual estava muito vinculado às apostas – e do mérito – o qual está vinculado à ideologia liberal. Mesmo assim, esta comparação é frutífera por deixar clara a forma pela qual a o esporte é reflexo direto da configuração específica à qual pertence. Para que o boxe exista enquanto esporte, enquanto uma competição de luta engendrada na modernidade, deve existir uma federação internacional que dirige, regulamenta e organiza as lutas; não são permitidos golpes baixos, o uso dos pés, atacar o oponente quando este estiver no solo. Já no tipo de competição do mundo antigo, os adversários lutavam com todas as partes do corpo, era permitido aos lutadores arrancar os olhos, morder, estrangular, matar um oponente. Desta forma, a compreensão, a comparação entre o nível de violência dos jogos gregos e das competições esportivas atuais passa necessariamente pela relação desses com as configurações sociais das quais são produto.

Nota-se que em épocas anteriores à modernidade, quando e aonde o processo civilizador ainda não lograra sucesso, a violência cumpria uma importante função social na medida em que a excitação, as emoções fortes eram alcançadas através de atividades em que a violência se fazia presente. Estes jogos violentos - como rinhas de galo, de cães, de ursos, vertentes do futebol primitivo, pugilato, duelos de espadas e de armas e etc. – através dos quais a excitação era alcançada são gradativamente racionalizados, normatizados, regulamentados, “esportivizados”. A vida social se torna cada vez menos “emocionante”. Nesse sentido, as sociedades civilizadas seriam marcadas pela rotinização da vida e das relações. A vida é monótona. Nas sociedades modernas a rotina abrange todas as esferas da vida, incluindo as de maior intimidade. A rotina não se confina, como muito se pensou, ao trabalho numa fábrica, num escritório ou em outras atividades similares. O caráter de monotonia presente nas sociedades civilizadas não está na qualidade do trabalho e sim nos sentimentos engendrados naqueles que o executam. Às pessoas é imposto, em todas as esferas de sua vida, uma forma racional de se conceber o trabalho, isto é, alijado de emoções. Desta forma, a excitação (isto é, as experiências de emoções fortes), as explosões apaixonadas são cada vez mais raras,

inclusive em ambientes privados, no seio da própria família. De acordo com as ideias de Elias e Dunning:

“As restrições emocionais do trabalho profissional alargaram-se a um hábito de restrição inabalável, incluindo a vida não profissional das pessoas. As funções específicas do desporto, do teatro, corridas, festas e de todas as outras atividades e acontecimentos de uma maneira geral associados ao tempo de lazer, em especial de todas as atividades miméticas e dos acontecimentos de mesmo tipo de ser estabelecida a esta ubiquidade e estabilidade do controle das excitações” (Elias e Dunning: 1992, p. 111-112)

Chama atenção na passagem acima a ideia de que as atividades de lazer, como os esportes, seriam uma espécie de catalisadores, através dos quais a excitação poderia ser alcançada e, então, a rotina imposta pela sociedade poderia ser quebrada. Porém, os autores destacam que não seria qualquer atividade de lazer. Teriam de ser atividades que “imitariam” as emoções vivenciadas em situações extremas. Assim, entra em cena a ideia de atividades miméticas. O aspecto mimético diz respeito exatamente a estas atividades pelas quais o indivíduo pode experimentar as emoções, os sentimentos que podem ser diretamente relacionados aquelas emoções e sentimentos que os indivíduos sentem em situações da vida real: estas situações são transpostas apenas e combinadas com uma espécie de prazer. As pessoas procuram as atividades de tipo mimética não para aliviar as tensões advindas da sociedade industrial, da sociedade do trabalho, mas sim procuram um tipo de tensão específica que não conseguem experimentar nas atividades cotidianas, devido ao controle social imposto. No entanto, as atividades miméticas jamais poderão alcançar satisfação ótima, na medida em que a civilização trabalhou no sentido de retirar o perigo real das atividades - através das quais a excitação era alcançada – transformando-o numa situação artificial.

O estudo das atividades de lazer miméticas encontra no futebol grande adaptação. Aqui se pode estudar de forma mais sistemática a intrínseca relação entre a dinâmica do próprio fato mimético e a dinâmica psicológica dos espectadores ou praticantes. Numa partida de futebol, seja como jogador ou como espectador, o indivíduo experimenta emoções das mais variadas matrizes, capazes de levá-lo da tristeza à alegria em poucos minutos, pode experimentar a ansiedade e a frustração, o

encanto e a humilhação. Vale ressaltar que nenhum fato mimético pode alcançar a excitação ótima, nem mesmo o futebol. Isso se deve ao fato de que as jamais poderemos experimentar o grande rol de emoções numa única atividade. Numa partida de futebol em que seu time perde os sentimentos associados ao fracasso, à frustração serão muito mais evidentes. Quando sua equipe enfrentará outra muito pior e que o resultado é totalmente previsível, sem causar surpresas, a tensão estará ausente e assim também. A surpresa é, portanto, fator imprescindível à excitação.

A investigação sobre a estrutura dos fatos que proporcionam satisfação máxima e mínima contribui em si mesma para a compreensão da correspondência entre a dinâmica social de um tipo particular de fato de lazer, como o futebol amador, e a dinâmica individual que conduz a uma maior ou menor satisfação da parte dos participantes individuais. Numa “pelada” ou num jogo de um campeonato de futebol de várzea os jogadores e os expectadores experimentam, vivenciam um turbilhão de emoções. O espaço é elemento que influencia diretamente na atribuição de significados ao futebol, definindo até mesmo formas distintas de experimentar este esporte. Ora, uma “pelada” disputada numa rua de calçamento tem significação diferente – tanto para os jogam e quanto para os que assistem – de um jogo de Copa do Mundo, mas como se viu, faz parte de um mesmo “universo futebolístico”. Percebe-se que este universo futebolístico é um mosaico constituído por uma série de diferentes formas de se praticar, de se vivenciar, de experimentar o futebol.

4.3 Futebol ou futebóis?

O termo futebol não pode ser utilizado indiscriminadamente devido ao fato de que tal termo é amplo e abrange toda uma variedade de diferentes formas, de diferentes valores e de diferentes significados atribuídos ao jogo. Qualquer estudo que pretenda apreender, analisar este esporte deve definir com maior rigor qual tipo de futebol será abordado, para qual tipo de futebol o pesquisador estará lançando seu olhar. As ideias de Arlei Damo podem contribuir demasiadamente para esta empreitada, já que este autor desenvolve uma tipologização do futebol, a partir da qual este esporte é dividido em quatro tipos, cada um dos quais compreendido por uma forma, por um espaço, por valores e significados distintos. Nesse sentido, torna-se importante tratar de cada um

deles na medida em que este estudo não pretende capturar o futebol em toda sua gama de possibilidades. Quando se trata especificamente de futebol amador, há um tipo específico de futebol que é capaz de comportar esta forma de se praticar o esporte, a qual é muito diferente daquela verificada no futebol profissional. Há de se ressaltar, ainda, que esta tipologização contribui na medida em que oferece parâmetros comparativos – predominantemente entre o futebol comunitário (amador ou de várzea) e profissional - a partir dos quais cada um dos diferentes futebolis pode ser analisado.

De acordo com Damo (2005) os pesquisadores que tem no futebol seu objeto de estudo devem ser muito cautelosos ao usar o termo futebol. Isso se deve, sobretudo, ao fato de que há um monopólio deste esporte e este monopólio está nas mãos de poderosas instituições que regulamentam, normatizam e organizam as atividades neste esporte, definindo, assim, a matriz espetacularizada. Estas instituições podem ser percebidas em âmbito regional, nacional e mundial, mas todas são centralizadas e balizadas pela FIFA (Fédération Internationale de Football Association, criada em 1904) e pela IB (International Board, instituição centenária associada à FIFA), tendo nas federações e nas confederações de futebol suas filiais regionais e nacionais. A modalidade esportiva que foi disseminada no mundo inteiro e que ficou conhecida como futebol é justamente a que se convém chamar de *football association*. Desta forma, o controle sobre as regras do *football association* compete à IB, enquanto o gerenciamento direto e indireto das competições futebolísticas mais importantes em termos econômicos cabe à FIFA. Isso significa dizer que qualquer mudança nas regras do *football association* “*tendem a desencadear mudanças na dinâmica do jogo (...) [tais mudanças] são debatidas e só então autorizadas por este comitê (IB) que, por assim dizer, presta auxílio à FIFA*” (Damo: 2005, p. 34).

Todavia, este monopólio da FIFA-IB não impede a existência de práticas do *association* para além de seu controle, já que estas instituições não possuem mecanismos para garantir este controle, ou seja, existem outros futebolis para além desta versão monopolizada, o qual é praticado e apreciado em forma de espetáculo, como bem simbólico com valor econômico. As palavras a seguir dão uma noção exata do que esta sendo tratado:

“Além das modalidades agenciadas pela FIFA - o *association*, segmentado em masculino e feminino, o *futsal* e, recentemente, o *beach soccer* - e de outras que não o são, incluindo-se a diversidade das formas improvisadas, o que pressupõe um espectro heterodoxo de usos do corpo e de codificações *ad hoc*, assistir, ouvir, ler e fazer anedotas com e a partir dos futebóis. Em certos casos há vestimentas, comportamentos e uso de expressões na linguagem ordinária forjadas nos espaços futebolísticos. À diversidade de práticas futebolísticas corresponde, portanto, uma multiplicidade de sentidos, razão pela qual dever-se-ia ter muito cuidado no momento de escrever sobre o tema. Afinal, quando se usa o termo futebol, a qual modalidade se está referindo?” (Damo: 2005, p. 35)

Nesse sentido, quando se fala de futebol é preciso considerar o fato de que o futebol, enquanto esporte e jogo, abarca vários futebóis, os quais se diferem entre si. Ora, a partir destas ideias, fica clara a necessidade de diferenciar estes vários tipos de futebóis para, no fim das contas, se ter uma noção mais clara para qual (is) futebol (ois) o pesquisador lançará seu olhar e, assim, delinear melhor o objeto e os objetivos deste estudo.

O reconhecimento do termo futebóis – que a princípio pode parecer estranho - implica em se assumir a diversidade social das práticas do jogo, as quais podem ser evidenciadas a partir de própria linguagem. Há uma infinidade de referências explícitas relativas a esta diversidade, tais como futebol amador (várzea), futsal, futebol de botão, futevôlei, futebol de praia, futebol-soçaito e etc. Vale ressaltar que muitas destas modalidades, a exemplo do *association*, são também agenciadas e controladas por entidades – nenhuma com poderio comparável ao da FIFA-IB - que vigiam as regras e organizam competições. Notam-se outros inúmeros termos para designar a prática destes futebóis não agenciados, como por exemplo, “baba”, “babinha”, “goleirinho”, “fut”, “dois toques”, “pelada”, sendo que o mais comumente utilizado é esse último. Cada um destes diferentes futebóis organiza seus símbolos, seus espaços, seus valores e seus significados de forma demasiado distinta: se um é percebido nas ruas e vielas, o outro se dá nas escolas e quadras de aluguel; se para um tipo são construídos estádios grandiosos, monumentais em que os craques desfilam suas habilidades, no outro os campos de terra com balizas sem rede fazem-se presentes; se por um lado jogadores

profissionais ganham fortunas por cada entrada em campo, por outro milhões de pessoas pagam para praticar este esporte. Damo insiste:

“Se os futebóis tais quais eles existem pudessem ser tomados, dada a diversidade de formas e significados, por analogia a uma floresta, diria que é dado o momento de retornar às árvores, aos animais, às trilhas, aos córregos, às pessoas que habitam-na, às aparições fantasmagóricas, às lendas e à infinidade de heteróclitos que precisam ser postos em relação com posições bem demarcadas, a fim de ilustrar uma ideia mais precisa do que vem a ser a floresta. Muito do que se escreveu até o presente, peca pela pretensão de ir direto à floresta, ignorando ou simplificando demasiadamente a complexidade das relações que devem ser estabelecidas não apenas entre os fatos futebolísticos e esportivos, senão que destes em relação a outros fatos sociais para além do campo esportivo” (Damo: 2005, p. 36)

O futebol deve ser concebido a partir de sua riqueza, de sua diversidade, de seus múltiplos significados - e não apenas enquanto um fenômeno uniformador e uniformizante. Apenas desta maneira o futebol (ou como se viu, os futebóis) será melhor compreendido em relação à sociedade, à cultura em que se manifesta. A seguir serão apresentados os quatro tipos de futebóis para que se defina sobre qual este estudo está a tratar. Antes, porém pode-se dizer que todas elas apresentam alguns elementos comuns, caracterizando certa “unidade futebolística” (Damo, 2005, p. 38), são eles:

- a) duas equipes (princípio da coletividade);
- b) perseguindo objetivos idênticos, porém assimétricos (princípio do conflito);
- c) sendo a disputa mediada por um objeto (princípio da evitação, mas não da interdição do corpo-a-corpo);
- d) um conjunto de regras (circunscrevendo o espaço, o tempo e o ilícito, dentre o qual se destaca o uso das mãos, salvo exceções, sendo esta uma modalidade de marca diacrítica em relação a outros esportes).

A tipologia de Arlei Damo comporta os inúmeros futebóis em quatro grandes matrizes, a saber, matriz *espetacularizada*, *escolar*, *bricolada* e *comunitária*. As matrizes bricolada e comunitária constituem-se, pois – de acordo com o que se pretende neste estudo - de forma a orientar o olhar do sociólogo.

A matriz bricolada é a matriz que abarca maior número de variações a partir da referida unidade futebolística. Pelo fato de não haver qualquer ausência ou entidade que controla sua prática, há limites mais alargados no que diz respeito às adequações de códigos situacionais e às invenções. Nesse sentido, esta matriz destaca-se como distorção do *football association*. Um jogo bricolado não é incompleto ou sem sentido se participam apenas dois jogadores em cada time, ou se na ausência da baliza dois chinelos são utilizados para demarcar o local em que os pontos são marcados ou, ainda, se os jogadores não estão adequadamente equipados. Ao contrário, “é essa bricolagem que caracteriza as peladas: joga-se com o que se dispõe, adequando-se as regras e os recursos materiais” (Damo, 2005, p. 37). O tempo das partidas depende diretamente do animo dos praticantes, das condições climáticas e das limitações de tempo impostas pela locação dos espaços. Esta flexibilização das regras é, talvez, a principal característica da matriz bricolada:

“Além da relativização da performance, da ausência de espectadores, da distorção do *football association*, das dramatizações de gênero, a bricolagem torna-se um dos espaços privilegiados onde são socializados os fundamentos do jogo, ao menos no Brasil. A bricolagem é praticada em ruas, praças, parques, terrenos baldios e outros tantos espaços à margem das instituições formais, sobretudo da Escola. Há quem acredite que o futebol-arte ou o estilo brasileiro de jogar, exibido por muitos profissionais que atuam nos principais mercados futebolísticos, seja produto da socialização primária em configurações de bricolagem” (Damo: 2005, p. 38)

Este tipo de futebol é, como visto acima, praticado em qualquer tipo de espaço inclusive nos campos de futebol presentes nos pedaços da metrópole, os quais recebem, além de jogos de futebol amador, de clubes de várzea, “peladeiros” que reinventam o jogo imputando-no novas regras e significados, adequando o jogo às necessidades específicas de uma turma de amigos do bairro ou de colegas de trabalho. Esta matriz

configura-se, assim, como tipo de futebol importante para a socialização e sociabilidade dos sujeitos seja no bairro, no trabalho ou na escola.

Entre a matriz espetacularizada e a bricolada há um tipo modalidade de futebol, estreitamente ligado ao tempo de lazer dos seus praticantes, realizada em espaços mais bem delineados do que a matriz bricolada, mas sem a ortodoxia do *football association*, cuja organização cabe à FIFA-IB, como visto acima. Talvez o que melhor caracterize o futebol intermediário - em grande parte do Brasil é chamado de "futebol de várzea" ou "futebol amador"- é a presença de quase todos os componentes do espetáculo, porém diferindo em termos de escala. A divisão social do trabalho fora de campo não é nula, mas precária. Os times de futebol de amador possuem dirigentes, treinadores e massagistas, diferentemente da bricolagem. Contudo, os técnicos de futebol de várzea não recebem para exercer esta função e, tampouco, treinam as equipes durante os dias que antecedem os jogos. Nos jogos, os papéis são, a princípio, especializados e, relativamente, bem definidos, mas não é de se espantar se o centroavante, a certa altura da partida, for jogar de goleiro; ou, ainda, se um atleta que atuava como meio campo, e fora substituído antes do intervalo, surgir como zagueiro nos minutos finais da partida. *“O circuito comunitário não exige dos atletas o mesmo capital corporal do profissionalismo, mas as fronteiras não são, de qualquer modo, tão porosas quanto nas configurações bricoladas”* (Damo, 2005, p.42). O futebol comunitário pode ser verificado, principalmente, nos interstícios da metrópole, isto é, nos bairros, vilas e favelas, nas periferias das grandes cidades, caracterizando-se como objeto deste estudo. O caso da cidade de Porto Alegre pode ser elucidativo na medida em que se pode ter se uma noção mais aprofundada acerca da dimensão, da capacidade e da potencialidade do futebol comunitário em mobilizar as pessoas nas periferias das grandes cidades:

“Em Porto Alegre, cidade com aproximadamente 1,4 milhão de habitantes, existiam, em 2002, 32 ligas de futebol comunitário - também chamado de amador ou de várzea. Como cada liga contava, em média, com a participação de 9 clubes/times, apenas na categoria "adulto" - em várias ligas haviam campeonatos para as categorias "veterano", "feminino" e "sub-21" -, existiam em torno de 290 clubes/times de futebol comunitário na cidade, cada vila ou bairro tendo uma, por vezes mais agremiações, algumas delas com mais de duas décadas de existência.”(Damo: 2005, p. 41)

O futebol de tipo comunitário, com seus clubes de futebol de várzea está presente em cada “vila ou bairro” da cidade. O que chama a atenção é exatamente o fato de que para seja possível a ocorrência deste tipo de futebol faz-se imprescindível a presença dos campos de futebol abertos à comunidade, aos quais os clubes amadores ou de várzea se enraízam, isto é, criam vínculos com adeptos (pessoas dos bairros ou vilas que se simpatizam ao clube ou até mesmo familiares dos jogadores que os apóiam durante as partidas), com o campo e, no limite, com o próprio bairro.

Times de bairros, campeonatos de várzea, rivalidades afloradas dentro de campo cuja importância para a formação de uma identidade em relação ao bairro, à cidade, ao estado, ao país em que o indivíduo reside é inequívoca, identidade clubística, são alguns dos elementos relacionados ao campo de futebol e ao futebol amador\comunitário. O futebol amador e o campo de futebol são responsáveis por mobilizar vários indivíduos em torno de um jogo, de um clube, de uma camisa e, no limite, em torno da própria comunidade.

Estes dois tipos de futebol, tanto o bricolado quanto o comunitário, estão associados diretamente a formas de lazer dos bairros periféricos das grandes cidades, isto é, a esfera do lazer se destaca como marcante em se tratando destes dois tipos de futebol, já que eles são concebidos como alternativas de divertimento e entretenimento das pessoas.

5 A ESCOLHA DO SOCIAL OLÍMPICO FERROVIÁRIO

A escolha do clube no qual iria realizar a pesquisa de campo, o estudo de caso, se deu a partir de minha vivência e trajetória enquanto jogador e espectador do futebol amador. Tentei, desta maneira, pensar qual seria o clube de futebol amador no qual teria entrada mais facilitada por conhecer alguma pessoa ligada ao clube em questão. Recordei-me que o pai de um colega de escola, Sr. Wilson, era o proprietário do bar que funcionava no campo do Pompéia Futebol Clube e atendia as pessoas que lá frequentavam. Numa certa oportunidade, em meados dos anos 2000, estive no campo do Pompéia a convite do Sr. Wilson e Caio Rodrigo (meu colega de escola) para acompanhar uma partida válida pela semi final da Copa Itatiaia¹⁰, partida essa que iria colocar frente a frente dois grandes rivais da região do Horto, a saber, Pompéia Futebol Clube e Mineirinho Esporte Clube. Por se tratar de um clássico que daria uma vaga na final de um torneio tão importante, o campo estava lotado¹¹. Os corpos dos espectadores estavam incontroláveis: alguns deles subiam no alambrado, aos gritos, para manifestar seu apoio ao clube, outros esperneavam e gesticulavam com veemência quando o atacante perdia um gol. Foi um jogo com todos os ingredientes de drama. O empate persistiu durante os noventa minutos mais a prorrogação, resultando numa eletrizante disputa de pênaltis. Todos os jogadores de cada time, inclusive os goleiros, cobraram as penalidades e quando não havia mais ninguém para cobrar e iniciou-se a repetição dos jogadores que já haviam chutado a bola na marca da cal. O zagueiro, e capitão do Pompéia, desperdiçou a cobrança (pela segunda vez na disputa, já que este mesmo jogador já havia errado o pênalti quando do início das cobranças) com um chute por cima da baliza, decretando a vitória do Mineirinho, em pleno campo do Pompéia. A comemoração dos jogadores e torcedores do time vencedor foi intensa.

¹⁰ Principal torneio de futebol amador disputado pelos clubes da cidade e da região metropolitana de Belo Horizonte. Segundo os próprios mandatários dos clubes, a classificação para a Copa Itatiaia é o objetivo maior dos clubes de futebol amador de BH para toda e qualquer temporada.

¹¹ Estimativas da Rádio Itatiaia à época davam conta de que mais de 3000 pessoas acompanharam aquele jogo.

Rapidamente o campo se esvaziou, na medida em que os torcedores do Pompéia se negaram a assistir a festa dos adversários.

Para além do resultado do jogo em si (resultado esse que fora trágico para o Pompéia e seus torcedores) o que impressionou foi a movimentação gerada pelo e em torno do jogo, ou seja, havia uma simbiose particular entre o clube de futebol amador e a comunidade que, de uma forma ou de outra, abraçou e apoiou o time até o último momento. Fiquei espantado com a grande quantidade de pessoas que foram assistir àquele jogo, que ficaram de pé todo o tempo em um dia de forte calor. Ficava claro que estas pessoas que ali interagiam não esperavam nada em troca, além da vitória de seu time e do prazer de ver um clássico do futebol amador válido por uma importante competição. Foi possível perceber também a importância do futebol amador para aquelas pessoas, cujo domingo foi ocupado por aquela atividade; o futebol amador era uma opção de lazer para aquelas pessoas. Foi possível perceber, ainda, que aquele grande número de pessoas eram de todas as faixas etárias e, embora a presença masculina fosse algo marcante, havia quantidade considerável de mulheres, revelando que este programa de domingo era um programa familiar. Cabe ressaltar que nem todos que ali estavam naquele dia tinham objetivos comuns: uns foram apenas para ver ao jogo, outros levaram toda a família para rever amigos do bairro, colocar a conversa em dia e, por ventura, assistir à partida, outros foram apenas para se sentar no bar do Sr. Wilson e tomar uma cerveja comendo o delicioso feijão tropeiro feito, carinhosamente, pela esposa do dono do bar e nem sequer dirigiam os olhares ao campo em que se dava a peleja; alguns entraram no campo por pura curiosidade ao ver que havia uma enorme movimentação de pessoas nos arredores. Os objetivos e fins eram, pois, demasiadamente plurais.

Mesmo sabendo que aquele dia tinha sido um dia diferente, extra cotidiano, “especial” – para não dizer atípico - devido ao valor da partida para as equipes que disputavam aquele campeonato, a imagem que me vinha quase que automaticamente à cabeça quando resolvi desenvolver uma pesquisa sobre o futebol amador, era justamente

daquele dia, daquele público, daquele tipo de movimentação em torno de um clube, de um time, de um jogo de futebol amador. O Pompéia incorporava, desta forma, tudo aquilo que esperava encontrar num clube de futebol amador: campeonatos, grandes jogos, grande apelo da comunidade, uma camisa tradicional com uma rica história e etc. Além disso, como referido acima, havia o Sr. Wilson, cujo contato poderia contribuir para o desenvolvimento da pesquisa.

Devido a esta conjunção de fatores, resolvi que o estudo se daria, inicialmente, no Pompéia Futebol Clube e a partir dali poderia ter um acesso facilitado a outro clube. O trabalho de campo iniciou-se num sábado de junho, um dia ensolarado, porém não muito quente, típico do inverno brasileiro. Tinha para mim que este dia seria muito frutífero, já que iniciaria o tão esperado estudo de um clube de futebol amador da cidade de Belo Horizonte. Como resido em Contagem, na região metropolitana de BH, sabia que teria de cruzar, de um lado a outro, uma das maiores metrópoles do Brasil para chegar ao clube no qual pretendia colher os dados da pesquisa. Esta tarefa não poderia ser de toda ardorosa, devido ao fato de que era um sábado, final de semana; imaginei que as pessoas estariam em suas casas e não no pandemônio do trânsito belo horizontino. Engano! A saga para se chegar à região do Horto – conjunto de bairros, localizados a poucos quilômetros do centro da cidade, famosos pela grande quantidade de times de futebol amador atraindo, assim, minhas atenções naquele momento – foi digna de uma segunda feira. Trânsito lento, confusão, discussões e brigas, acidente. A demora foi exageradamente agonizante. Isolado no interior do veículo, apenas na boa companhia de Jorge Ben Jor cujas musicas tocavam no rádio, pensava em como seria minha chegada ao campo, como seria o primeiro contato com o clube, como estaria o clube após tantos anos desde que lá estive, como me sairia neste dia, se seria proveitoso ou não. Tinha uma dúvida se encontraria alguém conhecido que poderia me ajudar de alguma forma, pois tinha em mente as preciosas discussões metodológicas de Willian Foote White, em cuja pesquisa fica clara a importância de se ter um informante, um interlocutor, um tradutor, um iniciador como fora Doc em Cornville. É claro que existem diferenças enormes entre a pesquisa de White e aquela que realizo, sobretudo no que tange o conhecimento prévio sobre o objeto de estudo.

Diferentemente de White, que tinha conhecimentos bem superficiais – ou até mesmo estereotipados, como ele mesmo diz - sobre Cornville, dependendo inteiramente, pelo menos nos momentos iniciais da pesquisa, de Doc para adentrar em esferas invisíveis aos “forasteiros” de outras regiões da cidade e que eram justamente para onde White gostaria de olhar e estudar; eu já participei com afã do futebol amador, principalmente, em categorias de base e mantive estreitas as ligações com este tipo de futebol durante grande parte de minha vida. Portanto, posso dizer que, mesmo antes da pesquisa, já era um “boleiro”¹², embora minhas qualidades técnicas enquanto jogador advoguem contra mim. Ao mesmo tempo, estava claro que a possibilidade de se ter um contato previamente estabelecido no campo de futebol, no clube amador, seria algo que canalizaria os esforços, facilitaria o acesso aos dados e, inevitavelmente, aumentaria a probabilidade de sucesso da pesquisa, pois como chama a atenção Foote White (2005) “(...) aprendi bem rapidamente a importância crucial de ter apoio dos indivíduos chave de qualquer grupo ou organização que eu estudasse (...)” (p. 301).

Chegando às redondezas do campo do Pompéia logo percebi que muitas coisas haviam mudado: ruas, acessos, circulação de veículos e a própria comunidade, o próprio bairro no qual o campo incrustava-se. Estarrecido com tais mudanças – mas não surpreso devido ao tempo que ali não ia – logo notei que o campo do tradicional Pompéia não estava mais lá. De imediato procurei por informações com algumas pessoas que estavam por perto. Segundo estes relatos, o campo de futebol do Pompéia, assim como o conjunto de casas e barracos – cujas condições eram precárias - que circulavam o mesmo, foram removidos para a correção da trajetória da linha do trem que passava por trás do campo e das casas. De fato houve vários incidentes com trens naquele local (e a promessa de resolução deste problema por parte da empresa que administrava a linha era freqüente), os quais descarrilavam com freqüência devido à fechada curva que fazia a linha para desviar do campo e das casas. Para que a

¹² Termo utilizado para designar pessoas que de uma forma ou de outra vivenciam ou vivenciaram o futebol, sobretudo na qualidade de jogadores. Este termo também é utilizado para designar pessoas que têm uma trajetória de vida ligada ao futebol, como por exemplo, ex jogadores profissionais ou amadores ou mesmo pessoas que passaram pelas categorias de base de algum clube profissional ou amador.

trajetória fosse corrigida, o campo e a comunidade tiveram de ser removidos. Estas mesmas pessoas que me informaram a respeito do fim do campo do Pompéia e, conseqüentemente, do time, do clube, afirmaram que o futebol amador na região do Horto, tão pujante em outrora, estava passando por dificuldades e que diversos times, clubes deixaram de existir.

Passei a trabalhar com outras opções de clubes para o desenvolvimento do estudo de caso. As opções que pareciam ser as mais frutíferas naquele momento eram de clubes da própria região do Horto, pois, como dito anteriormente, há nesta região grande quantidade de times, de clubes e de campos de futebol amador. Naquele mesmo dia percorri os bairros da região. De fato muitos dos antigos campos nos quais havia estado – e, em alguns casos, jogado – já não existiam mais. Dentre aqueles que mantiveram suas atividades, um campo em especial chamara mais atenção: era o Estádio Ernane Cotrin, mais conhecido como campo do Social Olímpico Ferroviário. Nele ocorria um jogo de categoria de base (do juvenil) e estava relativamente cheio. Parei para assistir ao jogo e quando dei por mim estava conversando com um senhor, com idade entre 60 e 70 anos, que, sentado próximo ao alambrado atrás do gol, também assistia à partida. Iniciei uma conversa sobre a qualidade técnica dos meninos que estavam em campo e, logo, ele se soltou e começou a contar histórias sobre o futebol amador de sua época. Essas histórias direcionavam-se sempre num tom de saudosismo, já que este senhor fora jogador do Ferroviário durante a década de 1960. Segundo ele naquele período os jogadores eram melhores, os times eram melhores e os campos eram melhores.

Percebi que de acordo com o que aquele senhor me falara, muitas mudanças ocorreram desde o período em que ele era um jogador de futebol amador e estas mudanças poderiam ser decodificadas a partir do caso do Social Olímpico Ferroviário, sendo que, em seu discurso, sempre havia uma referência explícita a este clube como meio de ilustrar aquilo sobre o que argumentava.

Ora, o caso do Ferroviário poderia ser analisado como a materialização deste processo pelo qual passa o futebol amador, ou seja, pesquisando este clube poder-se-ia deslindar o que se passa no futebol amador: há um enfraquecimento, um fortalecimento, ou a situação do futebol amador manteve-se estável? Como o clube interage com a metrópole? Quais estratégias ele cria? A visão de que a situação do passado é melhor do que a do presente, se confirma na realidade concreta? Quem são os atores sociais que participam do clube? São os mesmos de outros tempos? A partir dos resultados obtidos neste campo ficou clara a necessidade de se pesquisar um segundo clube de futebol amador da cidade. Optou-se pelo Mineirinho Esporte Clube pelo fato de que se localiza na mesma região da cidade e também devido à imagem inesquecível daquele jogo entre Pompéia e Mineirinho no início dos anos 2000.

5.1 Caracterização do Social Olímpico Ferroviário

Antes de qualquer coisa torna-se fundamental fazer uma caracterização estrutural, mais abrangente possível, acompanhada de algumas reflexões acerca do Social Olímpico Ferroviário para contribuir para um melhor entendimento sobre o clube, de sua trajetória, de sua localização, sua disposição espacial, de seus freqüentadores, dos grupos que se formaram ali e etc. Este tipo de caracterização torna mais palpável e inteligível aquilo sobre o que se está tratando nesta pesquisa, ou seja, torna-se possível visualizar com maior clareza o objeto de estudo como um todo, assim como, os espaços e locais com os quais conta o Ferroviário. É importante ressaltar que, como a maior parte dos clubes de futebol amador, o Ferroviário não possui qualquer tipo de documentação ou arquivos históricos o que inviabiliza a elaboração e sistematização de uma história do clube. Nem mesmo os mandatários do clube puderam contribuir muito para esta construção da história do Ferroviário, pois não detinham informações suficientes. Por este motivo, não foi possível apresentar neste estudo uma história do clube, o que é de certa forma frustrante, na medida em que este tipo de informação enriqueceria sobremaneira a pesquisa.

O Social Olímpico Ferroviário é um clube de futebol amador da cidade de Belo Horizonte. Sua fundação remete ao dia 02/05/1928, período anterior ao processo de profissionalização do futebol verificado em meados de 1933 na cidade e no Brasil, como um todo. Este clube surge, portanto, nos mesmos moldes de clubes que atualmente são grandes empresas, altamente burocratizados e especializados na atividade futebolística.

Há uma forte notória relação entre os moradores das redondezas com a linha do trem que cruza a maior parte dos bairros da região, passando justamente na parte de trás do campo. O nome do clube advém da íntima relação que esse manteve com o sindicato dos ferroviários, de modo que o período áureo do futebol amador neste clube – segundo informações dos mandatários - se deveu, em grande parte, ao incentivo oferecido por esta categoria de trabalhadores. Segundo relatos dos freqüentadores mais antigos – dentre eles alguns ex jogadores – era comum a contratação de trabalhadores pela empresa que gerenciava a ferrovia, não por suas qualidades enquanto ferroviários, mas sim pela habilidade que esses demonstravam com a bola nos pés. Vale lembrar que este tipo de prática podia ser percebida nos tempos em que não havia a distinção entre futebol amador e profissional¹³, permanecendo ainda nos dias de hoje enquanto uma das estratégias de alguns times ou clubes de futebol amador reforçar seus quadros¹⁴.

O clube está localizado na zona leste da capital mineira, Rua Felipe Camarão, número 75 no bairro Esplanada, quase na esquina com a Avenida Silviano Brandão, na região do Horto. Esta rua fica às margens do Ribeirão Arrudas e da Avenida dos

¹³ Até 1933, período em que os times de futebol eram todos amadores e muitos deles referendavam em seus estatutos o valor amador do futebol, numa clara intenção de manter o esporte sob o julgo de uma elite abastada que tentou manter o controle do futebol. Não podemos deixar de falar que havia o chamado “profissionalismo marrom” através do qual os melhores jogadores – os quais eram constantemente assediados por clubes mais estruturados financeiramente e, portanto, com melhores condições de pagar aos jogadores - recebiam remuneração dos dirigentes como estratégia para mantê-los a serviço do clube.

¹⁴ Haja vista o exemplo, dentre outros, do time da Associação Desportiva Classista Frigoarnaldo, vinculado ao sindicato dos trabalhadores do frigorífico que dá nome ao time, e que em consecutivas temporadas manteve um time forte através desta estratégia de contratação de trabalhadores/jogadores .

Andradas. É uma região da cidade que foi e é caracterizada pelo rápido crescimento verificado nas últimas décadas. Se até bem recentemente esta região era formada por bairros residenciais, pacatos, atualmente se transformou num pólo comercial importante, numa via de acesso aos principais corredores da cidade e, por isso, lugar extremamente valorizado. A Rua Felipe Camarão é utilizada como pista de corrida e caminhada pelos moradores dos bairros ao redor, o que gera um permanente fluxo de pessoas. Logo ao lado do clube há um grande supermercado que atrai grande número de moradores e aumenta consideravelmente o movimento no entorno do clube. Essas pessoas que por ali trafegam, geralmente, fazem uma parada no clube para se hidratar com água, isotônico ou refrigerante que podem ser comprados no trailer que fica na entrada do clube e que é administrado pelos mandatários do Ferroviário.

5.1.1 A Família Mansur

“O que não nos deixa parar de mexer com o futebol amador é a paixão porque nós todos jogamos aqui. Desde menino, todos jogavam pelada, depois jogamos no Ferroviário, e aí né... já veio do meu pai, aí vem a paixão que a gente larga mulher em casa com menino e tudo.” (Evaldo Mansur, Presidente do Social Olímpico Ferroviário)

Uma das características fundamentais dos clubes de futebol amador e, por conseguinte, do futebol amador como um todo diz respeito ao papel de destaque desempenhado por alguns indivíduos no interior destes clubes. Estes indivíduos geralmente ostentam a posição de presidentes dos clubes, porém isso não impede que acumulem diversas funções na administração e gestão dos clubes (Damo: 2005). As atividades de um clube de futebol amador dependem em larga medida da atuação destes indivíduos, os quais são responsáveis por marcar os jogos, definir os adversários, conseguir jogadores, inscrever e representar os clubes em campeonatos ou torneios, enfim são responsáveis diretos pela organização e funcionamento dos clubes de futebol amador. Pode-se observar que, diferentemente do futebol profissional, não há no futebol

amador uma distinção mais contundente, uma especialização das funções destes atores sociais nos clubes de futebol amador, pois, como afirma o mandatário do Ferroviário:

“Futebol amador a gente é tudo, você é presidente, você é diretor, você é representante, você é técnico, você é massagista. Você faz todas as funções. Você conta com um ou com outro, mas tem sempre um te deixando na mão e os abnegados, que somos nós, que mexemos com isso, vai carregando o piano. Uma hora que sair ai só Deus sabe.” (Evaldo Mansur, Presidente do Social Olímpico Ferroviário)

Em alguns casos, como no Pompéia, a partir do momento em que estes indivíduos deixam de atuar no clube – por este ou aquele motivo - a decadência é iminente e o processo de extinção do clube praticamente irreversível. Este exemplo fornece uma real noção acerca da relevância deste tipo de ator social para os clubes de futebol amador. Devido à importância destas figuras para os clubes amadores, torna-se imprescindível a este trabalho apresentar, caracterizar e refletir acerca dos indivíduos que desempenham este papel no Social Olímpico Ferroviário.

A relação da família Mansur com o Social Olímpico Ferroviário se inicia quando o patriarca da família, Gutenberg Mansur, cuja residência se localizava bem ao lado do campo, é contratado pela antiga rede ferroviária (estatal que era responsável pela manutenção e administração da rede ferroviária e do clube), assim como grande parte dos moradores da comunidade que rodeava o campo. O Social Olímpico Ferroviário era um clube vinculado à rede ferroviária e quem dele fazia parte eram, justamente, as pessoas que trabalhavam para a rede. Desta forma, o velho Mansur se engajou ao time desempenhando papel administrativo, já que quem “mandava”, quem tomava as decisões eram os engenheiros da rede. Com o processo de privatização da rede ferroviária em meados da década de 1980, as portas se abriram para que os membros da comunidade, do bairro ao redor da rede – como o velho Mansur e outros que já participavam da administração do clube – se apropriassem de vez da administração do clube. Este processo de transferência de poder da rede ferroviária para a comunidade,

personificada na figura de Gutemberg Mansur, se deu sem maiores atritos devido ao prestígio alcançado por ele diante da comunidade (era aplicador de injeção e por isso conhecia grande parte das pessoas do lugar) e também devido ao fato de que, como afirmado acima, já havia uma participação ativa deste senhor na administração do clube.

O velho Mansur faleceu há cerca de 19 anos, contudo seu legado fora perpetuado pela atuação de seus filhos na administração do clube. São 11 irmãos, muitos dos quais não se dão muito bem, nem sequer conversam. Atualmente, três de seus filhos estão à frente do clube: Evaldo é o presidente, Gilmar o vice presidente e Mauro não ocupa nenhum cargo formal, mas está sempre no clube. Embora haja muitos conflitos entre os três, eles ainda conseguem manter uma relação civilizada. A relação deles com os outros irmãos não pode ser considerada como harmoniosa, segundo informações dos frequentadores do clube; já houve, inclusive, desavenças na família devido à disputa pelo poder no clube.

Para quem acompanha as atividades do Ferroviário, é impossível imaginar que o clube mantenha suas portas abertas sem a presença de algum dos três irmãos. Como não poderia ser diferente, os irmãos Mansur estão sempre no clube, mesmo que eles não vivam daquilo, ou seja, mesmo que eles não possam se dedicar em tempo integral às atividades do clube, já que se trata de futebol amador e como tal não há rendimentos dali advindos, eles não vivem daquilo, tem trabalho, outras profissões. É verdade que dentre os três aqueles que mais marcam presença no clube são Gilmar e Mauro. Eles abrem as portas do clube todos os dias: durante as manhãs e tardes para o treinamento das categorias de base e durante a noite quando o trailer (que funciona basicamente como um boteco), que está bem à frente da entrada do clube, recebe alguns clientes. O trabalho de engenheiro impede que o presidente Evaldo passe mais tempo no clube, porém, sempre quando possível – nos finais de semana principalmente – ele é presença marcante. Mesmo estando menos tempo no clube, os irmãos não discutem a autoridade de Evaldo, que, apesar de ser o irmão mais jovem dentre os três, é aquele que realmente manda. Certa vez, um treinador da categoria de base queria promover um treinamento sem a autorização do presidente. Este treinador chegou a discutir com Gilmar, garantindo que daria o treino, independentemente da autorização da presidência. O impasse se arrastou entre o treinador e Gilmar até que Evaldo proferiu o veredicto: “(...)

quem manda aqui sou eu! Não vai haver treinamento!”. Esta situação contribui para uma melhor compreensão acerca do papel dos irmãos Mansur no Social Olímpico Ferroviário. As decisões que são tomadas em relação a qualquer assunto, dos mais banais aos mais sérios, partem sempre de Mauro, em menor medida, de Gilmar e com o imprescindível consentimento de Evaldo. Estes são os verdadeiros “donos do time” no sentido atribuído por Alana Gonçalves em sua dissertação de mestrado sobre o futebol amador em Juazeiro do Norte (Gonçalves: 2002).

A autoridade dos Mansur no clube é algo inquestionável. Durante as observações em campo não houve um momento sequer que algum freqüentador do clube colocasse em cheque esta autoridade. Toda e qualquer decisão é referendada por algum dos irmãos – de preferência Evaldo. Como se viu esta autoridade fora herdada do velho Mansur constituindo-se enquanto uma espécie de autoridade tradicional no sentido weberiano do termo. Entretanto a manutenção desta autoridade não pode ser conferida apenas ao patriarca, à tradição; os próprios irmãos criaram estratégias para se manter no poder, garantindo à família o controle do clube. Dentre estas estratégias, a mais evidente remete ao revezamento dos irmãos na presidência do clube. Esta estrutura familiar é vista como algo positivo e apontada pelos mandatários do clube como um dos fatores pelos quais o clube consegue manter-se em funcionamento, ao contrário de vários outros que não o conseguiram:

“O diferencial do Ferroviário em relação aos outros clubes do amador? É tudo por causa do administrativo, o Ferroviário manteve uma família no poder. E a família não deixou (...) não deixou pessoas ruins entrar no clube.” (Evaldo Mansur, Presidente do Social Olímpico Ferroviário)

Além disso, pode-se inferir que o reconhecimento da autoridade dos irmãos Mansur por parte dos freqüentadores do clube se deve ao fato de que as relações que ali se estabelecem entre os atores sociais que participam do clube são extremamente pessoais. Ora, a tarefa de manter a autoridade, sendo reconhecido como o mandatário do clube, é facilitada quando se é membro da comunidade que faz uso do campo. Em

outras palavras, como os irmãos Mansur foram, como disseram, “nascidos e criados” às margens do campo do clube, como alguns deles chegaram a vestir e defender as cores do Ferroviário, como eles viveram diretamente nos bastidores do clube e, ainda, como a maior parte dos freqüentadores do clube são pessoas do bairro, conhecidos e amigos, não poderia ser diferente.

5.1.2 O Trailer¹⁵

“Vem muitos amigos aqui no clube porque ainda tem esse pequeno comércio aqui, este trailer. ‘Ah vão lá no Gilmar que de repente ainda encontra um jogador que jogou em 1970, 1960’. Vem aqui um véin tomar um refrigerante e ele jogou bola, vem contar uma história. Domingo agora tava com um aqui, esqueço o nome dele. E ai vem contar história, a gente ouve um pouco e tal”
(Gilmar, Vice Presidente do Social Olímpico Ferroviário)

O trailer é um dos principais espaços disponibilizados aos freqüentadores do Ferroviário, sendo aquele que atrai um grande contingente de pessoas para as dependências do clube. Este trailer atende não só aqueles que vão até o clube para praticar o futebol, mas também – e, sobretudo – aqueles que se dirigem ao Ferroviário para beber uma cerveja e rever os amigos do bairro. Para tal, são colocadas algumas mesas típicas de bares e botecos – mesas de plástico amarelo – para que os clientes se acomodem com maior conforto. Este tipo de equipamento (trailer, bar ou boteco) não é exclusividade do Ferroviário. A maior parte dos campos de clubes de futebol amador conta com este tipo de equipamento. Isso ocorre não só em Belo Horizonte, como também em outras metrópoles como São Paulo. É o que se percebe a partir da pesquisa de Bevari (2009), quando ele diz:

“A presença de um bar é muito comum dentro da maioria dos campos de futebol de várzea, o que significa dizer que representa um importante

¹⁵ Ver imagens em “Anexo 4”.

espaço de sociabilidade nos contornos do campo. (...) os participantes dos times comemoram suas vitórias ou reclamam suas derrotas, além de ser um espaço de debate sobre o próprio cotidiano das pessoas que participam de algum modo sobre a várzea (...)” (Bevari: 2009. p. 26)

É importante dizer que o trailer está estrategicamente instalado na entrada do clube, ou seja, não é possível que alguém adentre às dependências do Ferroviário sem antes passar por ali. Esta localização estratégica permite aos mandatários do clube, que também são aqueles que cuidam deste trailer, uma vigília permanente e uma fiscalização quase sempre eficaz, de quem entra ou não no clube. Estabeleceu-se, desta forma, um ritual de entrada no Ferroviário, de modo que quem pretende adentrar nas dependências deste clube deve, obrigatoriamente, passar no trailer e pedir a “benção” daquele que ali estiver, seja Gilmar ou Mauro.

Este trailer é bem acanhado em suas dimensões, tendo uma área estimada de 7m² (3,5m x 2,0m). Por outro lado, esta dimensão diminuta não impede que os clientes sejam bem atendidos, já que o trailer está totalmente preparado e adaptado para atender às demandas das pessoas que ali freqüentam. Sua fachada é simples, contando com três balcões nos quais se pode apoiar o corpo, os copos e as garrafas de cerveja. Há em seu interior, estampados para quem quiser ver, inúmeras garrafas com vários tipos de cachaças e pingas; nota-se um letreiro no qual estão os preços da cerveja e bem abaixo deste letreiro há uma pia aonde são lavados os copos e as vasilhas utilizadas para servir os clientes. Além disso, há dois freezers nos quais ficam as bebidas geladas (água, refrigerante, sucos e cervejas) e uma pequena chapa na qual são preparados os tira gostos e os lanches a serem servidos. A não ser pela cerveja e outras bebidas, os preços não são definidos com grande rigor; não há um cardápio pronto, a não ser no que se refere aos lanches, os quais são, em sua maioria, constituídos por sanduíches. Embora não se verifique esta definição mais rigorosa do cardápio, nota-se que dentre os tira gostos mais vendidos está a linguça acebolada frita na chapa, sendo comercializada a R\$2,50 a unidade. Eram comuns, ainda, situações em que os próprios clientes traziam de casa já prontos os tira gostos que eles gostariam de degustar enquanto tomavam as cervejas, ou mesmo os mais diversos tipos de carnes que eram preparadas pelo Gilmar e

servidas imediatamente. Desta forma, foi possível perceber que as relações entre os mandatários e os clientes são extremamente pessoais, pelo fato de que a maior parte dos clientes são amigos ou pessoas conhecidas do bairro que sempre estavam por ali, principalmente nos dias de domingo. Nesse sentido, não há uma sacralização do espaço do trailer, isto é, este espaço não se constitui enquanto um lugar proibido aos clientes, na medida em que não foram poucas as vezes em que os clientes adentraram aquele pequeno espaço para pegar um copo ou uma cerveja, encher uma garrafa de água, sintonizar melhor o rádio e etc.

Este tipo de informação de caracterização do trailer, acerca do que se vende e forma como se estabelecem as relações entre os clientes e mandatários do clube, é importante devido ao fato de que pode dizer muito sobre quem frequenta, como frequenta, o que procura e etc. Durante estas observações no trailer ficava me questionando se o clube estivesse localizado em um bairro da zona sul e atendesse as pessoas economicamente abastadas que ali vivem o que seria servido, como seria servido, qual cerveja seria comercializada, quais conversas ocorreriam, quem estaria ali, que tipo de relação estabelecer-se-ia com o lugar, como se daria a relação os mandatários e os clientes, dentre outras coisas. Não há dúvidas de que, se fosse este o caso, as pessoas seriam outras, as conversas seriam outras, as comidas e bebidas seriam outras, os preços seriam outros, enfim seria outro contexto, outra situação. Aquelas pessoas não procuravam o refinamento ou a sofisticação dos pratos, procuravam apenas a companhia de amigos e conhecidos da região, para “jogar conversa fora”.

Em diversas oportunidades em que pude conversar com estes frequentadores do clube, eles disseram que como não tinham “nada para fazer” em casa, se dirigiam para o Ferroviário; alguns diziam também que iam para o clube, pois não aturavam ficar em casa nos finais de semana devido à “encheção de saco das esposas”. Pode-se perceber que a casa raramente é encarada como um espaço de lazer para os homens, os quais procuram, nos momentos de folga como tradicionalmente são os dias de sábado e domingo – dias em que levei a cabo minhas observações no Ferroviário – sair para a rua, seja para um boteco, bar ou clube de futebol amador. Este tipo de “desabafo” dos frequentadores do Ferroviário é revelador de outro aspecto relevante em relação ao

trailer e ao clube de um modo geral. Embora tenha sido possível perceber alguma presença feminina no clube, geralmente estas mulheres não iam ali sozinhas, iam como acompanhantes dos maridos ou filhos. O clube de futebol amador é um espaço social no qual há uma predominância inequívoca de homens. Este tipo de espaço é, pois, sobremaneira masculinizado. As relações que ali se estabelecem podem ser definidas enquanto relações de homo sociabilidade masculina.

Ora, se o clube em questão é um espaço marcadamente masculinizado, torna-se necessário traduzir a maneira pela qual se dava esta sociabilidade masculina no trailer. As relações que se estabelecem entre os frequentadores do clube que se dirigiam ao trailer eram bem diversificadas. De acordo com o que fora observado, estas relações podem ser divididas em quatro tipos básicos, a saber, relações jocosas, discussões acerca de futebol, conversas em torno de dramas familiares, atualizações acerca das questões e das pessoas do bairro.

O primeiro tipo, as relações jocosas, são aquelas por meio das quais se identificam os “emanadores de gozações”, os quais, geralmente, são lideranças ou referências destes grupos. Os “emanadores de gozações” são aqueles que têm grande respeito dos seus iguais, sendo que eles direcionam e determinam a forma pela qual se dá estas gozações: definem os temas, quando começar e quando parar, escolhem aquele (s) para o (s) qual (is) dirigir-se-ão as zuações, decidem sobre o ritmo e a intensidade das gozações e etc. O clima amistoso é, desta maneira, garantido pela sensibilidade destes emanadores que devem saber a hora exata de interromper e mudar de assunto quando os ânimos começam a se exaltar um pouco. É difícil ocorrer este tipo de situação, já que a brincadeira acaba por ser recíproca, ou seja, aquele que é zuado terá a sua vez de ser zuador. Estas brincadeiras esbarram sempre nos mesmos temas, temas esses atribuídos ao caráter masculinizado e machista do ambiente. São brincadeiras que colocam em cheque a opção sexual da pessoa: a todo o momento era possível escutar “viadinho”, “bichona”, “boiola”, dentre outros termos utilizados para designar pejorativamente a escolha sexual – até então fictícia - do zuado.

O segundo tipo de relação que se estabelece entre os frequentadores remete a acaloradas discussões em torno do futebol. Leia acaloradas não como exaltadas – apesar de que em algumas oportunidades o tom da discussão extrapola a simples brincadeira -

já que há uma proximidade muito maior com a jocosidade. O futebol aqui deve ser concebido sob a perspectiva de Arlei Damo, isto é, futebol não apenas profissional, mas também o futebol comunitário e bricolado. São comuns as discussões com uma dose extra de rivalidade e brincadeira em relação à preferência clubística e a respeito do desempenho dos clubes profissionais de Belo Horizonte, sobretudo, o Clube Atlético Mineiro e o Cruzeiro Esporte Clube e, na mesma medida, foi possível observar que, dentre aqueles que praticavam o futebol bricolado ou comunitário no campo, estas discussões eram formas de relembrar os lances de um jogo ou de uma pelada.

O terceiro tipo de relação se estabelece é dotado de maior seriedade a partir de conversas em torno dos dramas familiares vivenciados pelos frequentadores. Há um tom de desabafo se dá quando um componente do grupo relata aos seus iguais situações vivenciadas no ambiente familiar: um filho que não quer estudar, uma filha cujo namorado não agrada ao pai, uma esposa que quer “mandar no marido”, um cunhado que vive às custas da família. Estes e outros dramas familiares são cuidadosamente tratados pelo grupo como um todo, o qual discute as situações, procuram saídas, sugere alternativas de comportamento, aconselha determinada postura a partir de uma situação semelhante.

Há ainda um quarto tipo de relação que se estabelece a partir de conversas em torno das questões do bairro. Geralmente nos dias de domingo na parte da manhã, alguns dos moradores dos bairros próximos ao clube se dirigem até o trailer para se atualizar a respeito das novidades verificadas naquele pedaço. Esta atualização das informações do bairro cumpre importante função no que tange o fortalecimento de vínculos entre os moradores daquela região da cidade. Quem morreu, quem se casou, quem teve filho, quem ganhou um neto, quem se mudou do bairro, são questões levantadas e debatidas pelo grupo. Embora, não invalide a função social deste tipo de relação, cabe ressaltar que muitas das vezes as informações que são levantadas e debatidas não são verídicas, são fruto de rumores e “fofocas”. Por isso, o conceito de *rumour* elaborado por Raymond Firth e utilizado por Gilberto Velho em sua pesquisa no Edifício Estrela para analisar a forma como se os vizinhos se comunicavam naquele local, é de grande valia, pois as principais características do *rumour* são: “*falar ou informar de coisas que ouviu-se dizer, não expressão original; divulgar ou espalhar tal*

informação através do grupo social, afirmativas de base duvidosa ou não verificadas” (Firth, Raymond: 1967 *nota in A Utopia Urbana: Um estudo de Antropologia Social*, 1978. p. 44-45).

É necessário neste momento caracterizar estas pessoas que se dirigem ao clube, ao trailer e ali estabelece esta série de diferentes relações. Cabe, pois, definir com maior rigor quem são estas pessoas que compõem este grupo social naquele espaço. Podemos inferir a partir do que fora observado em campo que o grupo que ali se formou é composto por indivíduos de uma geração mais velha; a presença de jovens no trailer – e no clube de um modo geral, a não ser aqueles indivíduos que participam como jogadores das categorias de base do clube – é praticamente insignificante. Os jovens procuram outros espaços para a realização de atividades de lazer, espaços esses que escapam em larga medida de um trailer em frente a um clube de futebol amador. Em certa oportunidade um indivíduo jovem que passara pelas categorias de base do clube e que estava ali para rever sua antiga comissão técnica disse que o Ferroviário é “lugar de velho”. De fato o que percebi é uma presença maciça de homens com idades que variam dos 40 aos 70 anos. São, em sua maioria, moradores de bairros próximos, tais como, Pompéia, Esplanada, Vera Cruz, Horto, Boa Vista, São Geraldo, Sagrada Família. A constituição étnica destes homens é deveras diversificada, com grande presença de pardos e brancos, sendo a presença de negros mais limitada. Podemos então inferir que este grupo social é formado majoritariamente por homens, com faixa etária entre 40 e 70 anos, que vivem nos arredores do clube, nos bairros próximos – bairros esses que são considerados de classe média, composto por trabalhadores, por assalariados – com maior presença de brancos e pardos.

O trailer se constitui enquanto uma espécie de corporação mais ou menos rígida. Há uma série de regras e normas de conduta e comportamento a serem seguidas pelos frequentadores, as quais garantem a manutenção e perpetuação daquele grupo que ali se formou. Estas regras e normas se manifestam quando do momento da própria interação, da própria relação – sobretudo no que se refere àqueles quatro tipos apresentados acima - entre os indivíduos que ali participam. Em outros termos, mesmo não estando escritas, estampadas ou desveladas, estas regras orientam e permeiam as relações que ali se estabelecem entre aqueles indivíduos, ou seja, a institucionalização destas regras e

normas se dá, propriamente, na construção e estabelecimento das relações entre o grupo. Apenas através da observação levada a cabo neste local foi possível decodificar e evidenciar a manifestação do grupo e de suas regras sobre determinados indivíduos. Os olhares, os gestos, as falas funcionam como ferramentas que garantem o cumprimento destas regras e normas. Em diversas situações quando chegava um indivíduo que não fazia parte do grupo ou que o grupo não gostaria que passasse a fazer parte havia um constrangimento: todos se silenciavam e os olhares coercitivos não descansavam até que o indivíduo percebesse que naquele grupo ele dificilmente conseguiria adentrar. Nesta mesma medida quando chegou uma mulher jovem, bonita, escapando, desta forma, completamente do perfil daquele grupo, daquela corporação, logo houve um estranhamento, o qual não sabia como se portar diante daquela nova situação.

5.1.3 O campo¹⁶

“Brasilina, Santa Tereza, Florestal, Pedra Azul, são alguns dos times que ficaram sem campo. Time que fica sem campo, vai minando as forças dele... vai minando... vai minando... até acabar” (Gilmar Mansur, Vice Presidente do Social Olímpico Ferroviário).

O maior patrimônio material que um clube de futebol amador pode ter é, indubitavelmente, o campo de futebol. Não são poucos os times de futebol amador que, atualmente, não possuem campo próprio; na verdade, a menor parte deles não possui campo próprio. Estes clubes se tornam reféns desta falta de estrutura já que passam a depender do aluguel de um campo para a realização dos jogos e conseguir um campo para alugar não é tarefa fácil. A longevidade destes times fica, desta forma, comprometida.

O Social Olímpico Ferroviário é um destes clubes que possui campo próprio. Por este e outros motivos este clube tem uma história quase centenária. O campo de futebol no qual o Ferroviário manda seus jogos ainda permanece o mesmo, no mesmo local

¹⁶ Ver imagens em “Anexo 5”.

desde a fundação do clube. Isso contribui e facilita o enraizamento do clube na comunidade e para a criação de vínculos – emocionais, sentimentais, sociais, clubísticos – entre as pessoas do bairro e o clube, ou seja, o fato de que existe ali um campo há um longo tempo contribui para uma maior identificação do clube para com a comunidade, o bairro, o qual se sente representado por aquele clube. Este vínculo, como se verá mais adiante, é um dos elementos responsáveis pelo apelo e engajamento em torno do clube de futebol amador.

A entrada para o campo do Ferroviário, ou o Estádio Ernane Cotrin (como aparece pintado na fachada da entrada do campo), fica bem atrás do trailer. Aquele que adentra à área do campo deve cruzar um portão e seguir por uma espécie de beco¹⁷ de uns 20m de comprimento até se chegar ao campo que forma um ângulo de 90° com o beco. De ambos os lados deste beco há algumas casas, remanescentes da época em que havia ali uma favela¹⁸. Dentre estas casas está a antiga casa do senhor Gutenberg Mansur, na qual ainda vive a mãe de Evaldo, Gilmar e Mauro. Os vestiários dos visitantes e da arbitragem – que a partir daqui serão utilizados como referência devido ao fato de se localizarem no fundo do campo, ponto estratégico, pois está mais perto da saída - estão localizados à esquerda do beco, na parte de trás do campo¹⁹. Nestes vestiários há chuveiros para que os jogadores se refresquem nos dias de forte calor e uma privada para se fazer as necessidades. A fachada dos vestiários é precária, há pouco ou quase nenhum reboco, apenas tijolos à mostra. Há uma espécie de alambrado de “tela” que protege a linha de fundo e não permite que a bola saia do campo quando chutada para longe da baliza. Entre este alambrado e os vestiários, há uma área livre com algumas árvores que fornecem uma generosa, porém concorrida sombra nos dias de jogos²⁰. Esta sombra concentra a maior parte das pessoas que se dirigem ao campo do Social Olímpico Ferroviário para acompanhar as partidas ali realizadas; este local figura como aquele que oferece maior conforto aos espectadores, mesmo possuindo poucos assentos. Muitas das pessoas com as quais conversei durante o trabalho de campo relataram que não há coisa melhor do que “tomar uma” à sombra daquela árvore

¹⁷ Ver imagem do beco em “Anexo 6”.

¹⁸ Ver imagem das casas em “Anexo 6”.

¹⁹ Ver imagem dos vestiários em “Anexo 7”.

²⁰ Ver imagem do alambrado e da concorrida sombra em “Anexo 7”.

assistindo a uma partida de futebol e “cornetando” os pernas de pau que, por ventura, estejam jogando ou apoiando o time com o qual se simpatizam e torcem. Bem ao lado deste alambrado foi colocado um estreito e longo banco de ferro²¹, que serve como lugar privilegiado para aqueles que assistem aos jogos realizados no campo. A sombra gerada pelas árvores não alcança este banco de ferro, que fica muito quente para acomodar qualquer espectador que queira acompanhar um jogo. O alambrado se estende da linha de fundo, em frente aos vestiários dos visitantes, e por toda linha lateral de ambos os lados do campo. Na extremidade oposta àquela dos vestiários dos visitantes, aonde se localiza a outra baliza, há um grande e alto muro marcando o fim do campo. Embora este muro tenha por volta de 12m de altura, não foram poucas as vezes em que potentes chutes sem direção fizessem com que a bola fosse arremessada por cima do muro em direção às residências que ali se localizam; nem todas eram recuperadas.

Tomando como referência o vestiário dos visitantes e da arbitragem, à esquerda, rente ao alambrado lateral esquerdo, há uma pequena arquibancada, com três degraus apenas cuja importância para o campo é inequívoca. Nesta arquibancada os torcedores podem se acomodar de maneira mais confortável, sobretudo nos dias em que não há sol muito forte, nem chuva acentuada, já que não há qualquer tipo de cobertura, a não ser aquela abaixo da tribuna de rádio. As condições desta tribuna de rádio não é das melhores, contudo fornece uma visão muito boa do campo, muito satisfatória para o trabalho dos radialistas que, eventualmente, se dirigem ao clube para a transmissão de uma partida. À direita dos vestiários dos visitantes e da arbitragem está o vestiário do clube da casa²², do Ferroviário. Como era de se esperar, este vestiário se encontra em melhores condições em relação ao outro supracitado, tanto externa quanto internamente. Sua fachada é pintada nas cores do clube: vermelho e branco com listras verticais. Seu interior contém um espaço mais que suficiente para as conversas entre o treinador e os jogadores antes, no intervalo e após as partidas; é o local da preleção do time, se configurando enquanto um espaço central para as atividades do clube. Existem dois diferentes acessos ao campo, cada qual direcionado às equipes que participam da peleja: uma delas está, justamente, em frente a este vestiário, ao passo que uma segunda se localiza próximo ao vestiário dos visitantes e da arbitragem.

²¹ Ver imagem do banco de ferro em “Anexo 7”.

²² Ver imagem do vestiário do Ferroviário em “Anexo 8”.

O campo em si é, como a maior parte dos campos disponíveis à prática do futebol amador, de terra, ou “terrão” como dizem os boleiros. Quando o árbitro autoriza o início de uma partida e os corpos começam a se movimentar pelo campo, a poeira passa a ser mais um adversário a ser vencido, de modo que nos dias em que o tempo está demasiadamente seco, a situação fica ainda pior. É um campo irregular que possui pequenas faixas de grama alta nas extremidades, principalmente, na parte lateral das respectivas linhas de fundo. Podemos dizer que as condições do campo não favorecem a prática de um bom futebol, na medida em que dificulta o toque de bola, sendo difícil um controle maior da pelota cuja trajetória é alterada a todo momento devido a um pedregulho ou buraco, que são constantes em todo o campo.

O campo do Social Olímpico Ferroviário é, juntamente com a atuação dos irmãos Mansur, o principal responsável pela continuação das atividades do clube, de modo que se não existisse este campo, dificilmente o clube conseguiria manter-se em funcionamento. Isso se deve por três motivos, um deles de caráter esportivo, outro de caráter econômico e o terceiro de caráter social:

- **Caráter esportivo:** o clube tem uma casa, um local para mandar seus jogos. Todos os jogos do Ferroviário, independente da categoria (amador ou base), são promovidos ali, quando eles são os mandantes, obviamente. Isso contribui para que o clube seja reconhecido por outros clubes, o campo se torna uma extensão do próprio clube, um é indissociável do outro.
- **Caráter econômico:** a maior parte dos rendimentos necessários à manutenção do clube advém, justamente, da quantia de manutenção (que seria o aluguel) do campo para quem dele quiser fazer uso. Qualquer pessoa pode jogar no campo do Ferroviário, desde que pague a taxa de manutenção que gira em torno de R\$100,00 - que não é alta para um campo de futebol levando em conta o valor pago em quadras e outros equipamentos de dimensões bem menores. A quantia arrecadada ao final do mês com a cobrança da taxa de manutenção da praça de esportes, do campo, é crucial para sobrevivência do clube, na medida em que é o único rendimento que o Ferroviário tem acesso.

- **Caráter sócio comunitário:** enquanto um espaço da comunidade, o campo é utilizado, em menor medida do que fora em outros tempos, por moradores dos bairros próximos enquanto lugar de práticas de esporte e lazer.

O aluguel do campo é uma das formas encontradas pelos mandatários do clube para conseguir os rendimentos necessários à manutenção das atividades, pois como afirma Evaldo Mansur em entrevista:

“Na época do meu pai, o Ferroviário, ele surgiu da rede de funcionários ferroviários. A rede ferroviária nessa época dava manutenção na praça de esporte, ela contratava jogadores pra trabalhar na rede ferroviária e nessa época de hoje não tem nada disso. Hoje é o que o Gilmar falou, a gente vive de manutenção, que aluguel não existe. A gente não pode alugar uma coisa que não é nossa. Então nós temos uma ajuda de manutenção de uma praça de esportes, e com esse dinheiro a gente tem que fazer as melhorias no campo, dar um lanche, uma cervejinha depois do jogo, às vezes um churrasquinho depois do jogo, uma pintura no vestiário.” (Evaldo Mansur, Vice Presidente do Social Olímpico Ferroviário)

Foi possível perceber que após a privatização da rede ferroviária e o, conseqüente, fim do apoio dado por esta categoria ao clube, o campo passou a ser disponibilizado àqueles que quiserem pagar e os rendimentos alcançados – que, segundo informações dos dirigentes, não passa de R\$1000,00 por mês – a partir da cobrança da taxa de manutenção da praça de esportes é utilizado de inúmeras maneiras atendendo às demandas que se fizerem necessárias.

Considerando o que fora dito até o momento e pensando no aparato estrutural com o qual pode contar um clube de futebol amador, pode-se afirmar que o Social Olímpico Ferroviário possui um ótimo campo, capaz de receber com tranqüilidade jogos dos principais torneios e campeonatos do futebol amador da cidade. Embora as condições do campo não sejam ideais, é inegável que apenas o fato de que um clube tenha conseguido manter o campo aberto e em funcionamento em detrimento das

pressões impostas pela metrópole – pressões essas que acabaram por sufocar os clubes de futebol amador, na medida em que diversos campos da região foram engolidos pelo crescimento urbano – já é, por si só, fator substancialmente relevante. E, ainda, a existência de diferentes vestiários para os times visitantes, para a arbitragem e para o time da casa, além de locais para a acomodação dos espectadores, como arquibancadas e bancos de ferro ao redor do campo, evidenciam a excelente estrutura do time, para os padrões amadores, nunca é demais lembrar. Os rendimentos adquiridos por meio da cobrança da taxa de manutenção da praça de esportes é o principal veículo de arrecadação financeira do clube, sendo, portanto, de suma importância para a existência do mesmo.

5.1.4 Categorias de base

“Aqui no Ferroviário a base é mais forte do que o amador sim. Hoje os meninos, hoje tem escolinha, os meninos tem que pagar porque não tem espaço, aí a gente fez a escolinha, tem a escolinha que funciona aí. Tem em torno de 160, 170 crianças de segunda a domingo. Tem a escolinha e funciona bacana mesmo, com o Ricardo Ganso, que é o nosso diretor de base, e com Lauro, auxiliar dele e é um grupo muito bom a gente tá sempre viajando pro interior, pra outra cidade, disputando vários torneios. Tivemos agora sem São Paulo disputando um título pela Coca Cola, não fomos bem não, mas isso a gente sempre tá chegando nas pontas porque o time é amador então não tem muito tempo pra fazer uma preparação, de treinar, não tem um preparador físico, um médico, alimentação.” (Gilmar Mansur, Vice Presidente do Social Olímpico Ferroviário)

Como se pode notar a partir da fala do vice presidente do Ferroviário, a categoria de base é o grande orgulho do clube. Como o time amador, isto é, o time adulto, se encontra não tão prestigiado dentro do clube – devido às dificuldades enfrentadas pelos dirigentes em manter e melhorar esta categoria; estas dificuldades serão tratadas mais adiante – as atenções e esperança dos mandatários do clube se voltam para as categorias de base.

Existem três diferentes categorias no clube que são consideradas como de base, a saber, infantil, juvenil e júnior. No caso do Social Olímpico Ferroviário, as categorias infantil e juvenil são aquelas que possuem maior notoriedade, sendo que na temporada 2012 disputaram diversas competições ao longo de todo o ano; para a categoria júnior, entretanto, não houve atividades regulares no ano de 2012. Em entrevista, o presidente do clube afirmou que os juniores voltarão “com tudo” em 2013.

Diferentemente do trabalho que é realizado nas categorias de base de clubes profissionais, tais como Atlético, Cruzeiro ou América, nas categorias de base dos clubes amadores não se consegue . A performance da equipe fica comprometida

Não há uma identificação muito evidente destes jogadores da categoria de base para com o clube, entendido como um representante do bairro, da comunidade. Diferentemente de outros clubes do futebol amador da cidade – sobretudo aqueles instalados nos aglomerados, vilas e favelas - o Social Olímpico Ferroviário não possui uma correlação direta entre a formação de suas equipes de futebol e os bairros ao redor, ou seja, a menor parte dos jogadores das categorias de base do clube vivem nos bairros e comunidades próximas. Em determinado período das observações de campo, Gilmar Mansur me dizia com orgulho que a maioria de seus jogadores advinham de bairros da zona sul da cidade, bairros esses que ficam bem afastados geográfica e socialmente do clube. Isso fica evidenciado na fala de Gilmar, transcrita abaixo:

“Os meninos que jogam no time vêm de todos os lugares: os pais trazem, outros vem de ônibus, outros de metrô. Uns vem a pé, mas quem quer jogar futebol vai. Não tem que ser perto. Noutro dia apareceram oito meninos, da mesma turma, e aí é gente lá do Sion, do Santo Antônio, da Vila Paris, do Cidade Nova.” (Gilmar Mansur, Vice Presidente do Social Olímpico Ferroviário).

De certo, não há uma regra em relação à procedência dos jogadores do clube, porém é inegável que esta característica do Ferroviário, gera algumas conseqüências que influem diretamente na configuração do clube. Dentre estas conseqüências aquela que salta aos olhos com maior evidência diz respeito ao fato de que os jogadores das categorias de base não criam maiores vínculos com o clube, na medida em que se

dirigem até lá apenas para jogar as partidas e, imediatamente após o término do jogo, deixam o local e voltam para suas casas. Dito de outra maneira, o fato de a maioria dos jogadores das categorias de base não viver nos bairros e comunidades próximas ao Social Olímpico Ferroviário, faz com que estes indivíduos não participem com maior intensidade *do* e *no* clube; estes jogadores vão até as dependências do clube somente nos dias em que realmente precisam, em que são obrigados, isto é, nos dias de jogos. A não ser aqueles poucos jogadores que vivem nas redondezas, dificilmente se vê os “meninos da base” circulando pelo clube quando não há algum jogo ou treinamento.

Em se tratando das categorias de base do Ferroviário, não poderíamos deixar de falar daquele que é o responsável direto pela base do clube. Ricardo Ganso é o coordenador das categorias de base do Social Olímpico Ferroviário, sendo que suas atribuições são gerir, organizar, treinar e comandar os quadros da base no clube. Na maior parte dos clubes do futebol amador da cidade se verifica a ocorrência deste tipo de figura. Há sempre algumas pessoas cujas atribuições e funções no interior dos clubes de futebol amadores são voltadas exclusivamente para as categorias de base. Estas figuras alcançam grande prestígio frente aos clubes, se tornando conhecidas e respeitadas por todos que ali freqüentam.

5.1.5 Relações institucionais

A tipologização de Arlei Damo em relação aos diferentes tipos de futebol existentes foi e é de grande valia para esta pesquisa. Enquadrado nesta tipologia enquanto futebol comunitário, o futebol amador, objeto deste estudo, pode ser analisado a partir de certos aspectos, os quais são de grande relevância em se tratando da forma de organização dos clubes e do próprio futebol amador de um modo geral. É importante, nesse sentido, revisitar, rapidamente, algumas das ideias deste autor relativas a este tipo de futebol para realizar uma discussão com maior propriedade, desvelando uma das dimensões centrais a partir das quais se organiza o futebol amador e que aqui chamo de relações institucionais.

Utilizando a tipologia de Damo, podemos localizar o futebol de tipo comunitário como uma variante intermediária localizada entre o futebol espetacularizado e o futebol bricolado, ou seja, o futebol comunitário está entre a ortodoxia do *football association* e

a porosidade do futebol bricolado, absorvendo, digamos assim, elementos de ambas as variantes. Por este motivo, o futebol comunitário apresenta características ora do futebol espetacularizado, ora do futebol bricolado. Vale ressaltar que o futebol de tipo comunitário, a exemplo do *association*, é também agenciado e controlado por entidades que vigiam as regras e organizam competições; e esse é o ponto de maior congruência entre o futebol espetáculo e o futebol amador, sendo que se verifica a presença de quase todos os componentes do espetáculo, porém diferindo em termos de escala.

Foi possível perceber que esta dimensão institucional/organizacional do futebol amador é uma extensão – bem ramificada, é verdade – do controle exercido pelas “instituições oficiais” ao esporte, quais sejam, FIFA-IB, Confederações e Federações de futebol. Podemos inferir, nesse sentido, que o futebol amador passa por um processo de esportivização, no sentido atribuído por Elias. É de fundamental importância, assim, caracterizar, mesmo que não muito aprofundadamente, de que forma se estabelecem estas relações institucionais no futebol amador, entendendo como essas relações estão associadas a um contexto mais geral de extensão de poder da FIFA-IB (e entidades associadas) e lançando luz sobre a maneira pela qual o clube depende deste vínculo institucional/formal para “existir” no cenário do futebol amador na cidade de Belo Horizonte.

Existe uma série de diferentes instituições que cumprem papel de destaque em se tratando de uma organização institucional do futebol amador em Belo Horizonte. A Federação Mineira de Futebol (FMF) é, indubitavelmente, aquela de maior relevo. Esta instituição atua frente ao futebol amador com total respaldo do Estado, cuja polícia sempre que necessário - ou seja, quando da realização de alguma partida em que haja árbitros, assistentes ou qualquer pessoas vinculada à FMF – se dirige aos locais dos jogos para oferecer proteção aos representantes da Federação. Todo e qualquer clube que queira ser reconhecido enquanto uma equipe de futebol amadora e, como tal, capaz de disputar os campeonatos e competições deve, inerentemente, ser filiado à FMF. O esforço institucional da FMF para controlar as atividades do futebol amador na cidade de Belo Horizonte é flagrante e pode ser ilustrado pelo rearranjo institucional promovido no interior desta organização a partir do qual se criou uma pasta, um setor ou departamento responsável única e exclusivamente pelo futebol amador na cidade. Trata-se do Departamento de Futebol Amador da Capital (DFAC) ou Setor de Futebol

Amador da Capital (SFAC). Enquanto parte importante da FMF, o DFAC tem à sua disposição todo o aparato humano e institucional existente na federação e não exita em lançar mão deste aparato sempre que necessário²³. Assim, há uma definição bem clara a respeito das regras empregadas em determinado campeonato e, caso alguma regra seja descumprida, o clube pode sofrer punições que variam entre perda de pontos e, dependendo da gravidade, até mesmo a exclusão da competição. É evidente que estas regras que organizam as disputas das competições são exclusivas para torneios amadores, porém estas regras são inspiradas naquelas do *association*, garantindo, mesmo que de maneira indireta, seja exercido um controle sobre a prática do futebol amador. Por outro lado, é inegável que a partir do momento em que estas instituições chamam para si a responsabilidade pela organização e promoção dos campeonatos e competições do futebol amador na cidade diminuem-se as incertezas acerca das atividades futuras de um clube, ou seja, a existência deste órgão ligado à FMF representa uma inestimável garantia para os clubes de que sempre, enquanto este órgão existir e atuar, haverá atividades, sempre haverá torneios, campeonatos e competições. Desta forma, o calendário de um clube de futebol amador é pensado, sobretudo, a partir das competições organizadas pela FMF e pelo DFAC. Isso fica evidenciado na fala a seguir:

“É o seguinte, o campeonato amador nós temos, promovido pela Federação Mineira, que é o campeonato da divisão especial, Módulo 1, para iniciar em março, deve terminar em junho ou julho e logo após vem a Copa Kaiser, depois vem a Copa Centenário, isso pra adultos. Nesse período a gente vai estar disputando campeonato infantil, da Federação Mineira também. Então no DFA joga o infantil, juvenil, deveremos retornar com o júnior esse ano. Vamos disputar também o Campeonato Sênior, com idade até 40 anos, vamos fazer um sênior no sábado. Fora outros campeonatos né, que são Copas do Imef, hoje não me recordo do nome que eles colocaram, uma antiga Copa que tem, Campeonato Mineiro. O Campeonato Mineiro também disputa, as categorias dentinho, fraldinha, pré infantil, juvenil, infantil e tem uma novidade também,

²³ Refiro-me aqui aos árbitros, assistentes de arbitragem, mesários e outros funcionários da FMF cujos serviços se fizerem necessários.

uma categoria pra 7 anos, não sei nem o nome.” (Evaldo Mansur, Presidente do Social Olímpico Ferroviário)

Nota-se que o clube elabora um planejamento para todo o ano a partir das competições organizadas pela FMF e pelo DFAC. Como se pode perceber este órgão organiza as competições de todas as categorias, da infantil à sênior. Os clubes do futebol amador se planejam para a disputa destes campeonatos ao longo do ano. Assim sendo, o DFAC desempenha papel central para o futebol amador da cidade, sendo reconhecido pelos próprios clubes – e isso fica evidenciado nas entrevistas com os mandatários – enquanto fomentadora do futebol amador na cidade. A autoridade e legitimidade do DFAC ou SFAC em relação, principalmente, à organização dos campeonatos e à definição de um calendário regular é inequívoca.

As principais competições organizadas pela FMF-DFAC para a categoria adulto e que preenchem a maior parte do calendário dos clubes amadores são o Campeonato da Divisão Especial – Módulo I²⁴ ²⁵ e Campeonato da Segunda Divisão – Módulo II²⁶. Cada uma destas divisões do futebol amador de Belo Horizonte são compostas por 48 diferentes clubes. Estes clubes são divididos em 8 grupos de 6 equipes cada. No caso do campeonato do Módulo I, além do título, os 12 primeiros colocados garantem vaga na Copa Itatiaia do ano corrente, assim como garantem vaga no Torneio Corujão Rede Globo Minas do ano seguinte. Em se tratando do Módulo II, além do título, os 4 primeiros colocados garantem vaga no Módulo I do ano seguinte, o campeão e o vice garantem vaga na Copa Itatiaia e no Torneio Corujão Rede Globo Minas²⁷.

É necessário dizer que, embora os clubes de futebol amador dependam diretamente da atuação destas instituições - sobretudo no que tange a definição de um calendário regular a partir do qual os clubes podem planejar com segurança as atividades futuras, as atividades da temporada que está por vir – isso não impede que o surgimento de diversas organizações paralelas, que tem duração bem efêmera é verdade, mas que cumprem importante tarefa no que diz respeito ao preenchimento das lacunas

²⁴ Ver clubes que fazem parte da Divisão Especial ou Módulo I em “Anexo 9”.

²⁵ Ver campeões do Módulo I em “Anexo 10”.

²⁶ Ver clubes que fazem parte do Módulo II em “Anexo 11”.

²⁷ Ver resumo do regulamento dos campeonatos do DFAC em “Anexo 12”.

deixadas pelo calendário oficial fornecido pela Federação Mineira de Futebol. Estas organizações efêmeras são resultado da união de alguns clubes - geralmente aqueles que estão próximos espacialmente uns dos outros - que organizam pequenos torneios de curta duração. Estes torneios são disputados em finais de semana em que não há atividades ou jogos promovidos pela FMF e DFAC.

Além destas competições organizadas pelos próprios clubes, algumas empresas procuram divulgar suas marcas fomentando e incentivando o futebol amador na cidade. Esta iniciativa contribui para que haja um preenchimento mais abrangente e efetivo do calendário de atividades de um clube de futebol amador e é realizada em parceria com as instituições responsáveis pela organização do futebol amador em BH, a saber, FMF e DFAC, as quais disponibilizam árbitros, assistentes, mesários, dentre outras coisas sem as quais o jogo não poderia ocorrer. Dentre estas empresas duas ganham maior destaque em se tratando do futebol amador de Belo Horizonte, devido à repercussão e ao apelo por parte dos clubes de futebol amador em relação às competições por elas organizadas. Trata-se da Copa Kaiser, do Torneio Corujão Rede Globo Minas e da Copa Itatiaia.

A Copa Kaiser é uma competição de futebol amador que é realizada todos os anos não somente em Belo Horizonte, mas também em outras grandes cidades do Brasil. É uma competição para a qual os clubes do futebol amador da cidade dedicam grande atenção, de modo que já se tornou um campeonato tradicional para os clubes amadores da capital. Apesar do pouco tempo em que é disputado o Torneio Corujão Rede Globo Minas²⁸, já consegue atrair as atenções dos clubes de futebol amador da cidade. A fórmula da disputa é atrativa, pois premia os clubes mais bem colocados nos campeonatos do DFAC, como se afirma acima. Todavia, estas competições promovidas pela Kaiser e pela Rede Globo estão em um patamar abaixo em nível de importância para os clubes em relação àquela fomentada e organizada pela Rádio Itatiaia.

A Copa Itatiaia²⁹ é o campeonato de futebol amador mais antigo do Brasil, como a própria rádio que dá nome ao campeonato recorrentemente divulga em sua frequência. Enquanto a maior e mais poderosa empresa de telecomunicações do rádio no cenário mineiro, a Rádio Itatiaia promove este campeonato desde fins da década de 1950. Para se ter uma noção mais precisa acerca da importância atribuída pelos clubes a este campeonato, observemos uma fala de Gilmar:

²⁸ Ver os campeões e vices do Torneio Corujão Rede Globo Minas em “Anexo 13”.

²⁹ Ver os campeões e vices da Copa Itatiaia em “Anexo 14”.

“(...) nós estamos na primeira divisão do DFA. Nós tivemos um longo tempo na segunda e tínhamos caído, voltamos ano passado pra primeira divisão, agora nós estamos imbuídos esse ano já de tentar ter um time melhor pra ver se a gente chega na Copa Itatiaia.” (Gilmar Mansur, Vice Presidente do Social Olímpico Ferroviário)

Fica claro a partir desta fala do vice presidente do Ferroviário que o objetivo maior dos clubes de futebol amador da cidade de Belo Horizonte reside, justamente, em alcançar a classificação para a Copa Itatiaia. A Copa Itatiaia é, nesse sentido, a “Copa do Mundo do futebol amador da cidade”, como certa vez ouvi de um mandatário. Classificar-se à Copa Itatiaia já é uma grande façanha para os clubes amadores, na medida em que a classificação para este campeonato depende de uma trajetória vitoriosa em outros torneios e campeonatos classificatórios organizados pela FMF-DFAC, assim como o é na Copa do Mundo de futebol da FIFA, na qual os esportes nacionais devem disputar as eliminatórias em seus respectivos continentes. Para se ter uma noção acerca da importância dada a esta competição, é fato inegável que os maiores públicos verificados no futebol amador da cidade são, exatamente, nos jogos decisivos da Copa Itatiaia, superando muitas vezes 4, 5 mil pessoas.

Estas competições são os principais fatores responsáveis por movimentar o futebol amador na cidade de Belo Horizonte. Os clubes desenvolvem estratégias, promovem parcerias, acirram rivalidades, traçam metas para a temporada; jogadores são dispensados e/ou contratados, muda-se os diretores e presidentes a partir do desempenho do clube nas competições, ou seja, estas competições cumprem importante papel, influenciando diretamente o comportamento dos clubes e dos demais atores sociais envolvidos, sejam jogadores, treinadores, diretores, presidentes ou torcedores. Ora, se as principais competições que movimentam o calendário e os clubes de futebol amador da cidade são organizadas e gerenciadas por instituições filiadas, ligadas à FIFA – instituições essas, nunca é demais lembrar, também responsáveis por organizar e gerenciar competições do futebol profissional, tais como o Campeonato Mineiro e a Taça Minas Gerais -, pode-se inferir que o futebol amador não é tão lúdico, no sentido

huizingiano, quanto se pensava, na medida em que há um inequívoco processo de institucionalização, burocratização, normatização, modernização deste tipo de futebol. Todavia, estas mesmas instituições ao assumir e centralizar a organização destas competições contribuem para diminuir a sobrecarga sobre clubes amadores, já que os dirigentes destes clubes - como não poderia deixar de ser pois são amadores – não ganham para exercer suas tarefas no clube, o que diminui substancialmente o tempo de dedicação destas pessoas ao futebol amador. Há, nesse sentido, um deslocamento das atribuições organizacionais e normativas do futebol amador e das competições, dos clubes para a FMF-DFAC: neste formato os dirigentes dos clubes de futebol amador voltam suas atenções apenas para o jogo, para o clube, para o desempenho nas competições, pois sabe que a esfera organizacional do futebol amador já é auto suficiente.

5.1.6 Grupos sociais que compõem o Social Olímpico Ferroviário

A vida social metropolitana tende a isolar cada vez mais as pessoas, as quais confinam-se em suas casas e apartamentos, quando não estão se dedicando a suas atividades diárias, geralmente, limitadas pelas imposições da sociedade do trabalho. Durante etnografia no Edifício Estrela, Gilberto Velho pôde constatar que as pessoas do lugar pouco ou nada se relacionavam entre si, mesmo vivendo num local em que há uma grande aglomeração de pessoas, o que, pelo menos em tese, facilitaria o estabelecimento dos mais diversos tipos de relações sociais. Segundo o autor:

“Os habitantes do prédio pouco se dão entre si. Poucas são as pessoas que se cumprimentam nos corredores e elevadores e menos ainda entabulam conversação. A relação entre vizinhos é, de modo geral, tensa, quando não hostil. Isso se dá por que é muito comum que o primeiro contato entre vizinhos nasça de uma reclamação ou desavença. Além disso, a noção de que é ‘preciso aprender a se defender’ faz com que a maioria das pessoas esteja permanentemente em guarda contra qualquer tipo de aproximação. A frase ‘não quero saber de vizinho’ ou ‘não me meto na vida dos outros, não quero que se metam na minha’, define a disposição dos moradores. Há alguns que contam

histórias de como eram ingênuos, procuravam ajudar os vizinhos e que estes ‘acabaram se aproveitando’.” (VELHO: 1978. p. 43)

O futebol amador de um modo geral e os clubes de futebol amador, especificamente, cumpre uma importante função social no que tange a formação de grupos, no que se refere ao encontro das pessoas numa metrópole que tende ao isolamento, a não convivência, à individualização cada vez mais evidente das pessoas.

A partir do trabalho de campo no Social Olímpico Ferroviário, foi possível perceber a existência de pequenos grupos no interior do clube. Não houve maiores dificuldades em delinear cada um dos diferentes grupos, já que eles são extremamente heterogêneos e diferentes entre si. É preciso, pois, neste momento apontar e caracterizar os grupos sociais que compõem o clube estudado. Este apontamento e caracterização são de suma importância para este estudo na medida em que se torna possível compreender com maior clareza de que forma cada um destes diferentes grupos se utilizam dos espaços disponibilizados pelo clube aos frequentadores. Além disso, podemos fazer inferências a respeito da maneira como cada um destes grupos interage com o clube e entre si. De acordo com o que fora observado durante o trabalho de campo, podemos dizer que estes grupos se constituem em quatro: peladeiros, categorias de base, amador, cervejeiros.

O grupo social dos peladeiros é formado por aqueles que se dirigem ao clube para jogar uma pelada, ou como chama Arlei Damo, para praticar o futebol bricolado. Este grupo é responsável por elevar a diversidade de tipos de pessoas que frequentam o clube. Cada uma das diferentes peladas conta com diferentes turmas: os peladeiros de sábado de manhã, os peladeiros de sábado a tarde, os peladeiros de domingo de manhã. Vale ressaltar que cada uma destas peladas são compostas por diferentes pessoas, de diferentes faixas etárias – embora em tal grupo não se verificou a presença de crianças e adolescentes, somente adultos -, de diferentes lugares, com diferentes entusiasmos e qualidade técnica, porém quando analisadas sob a perspectiva do clube, do futebol amador num sentido mais amplo, caracterizam-se enquanto um mesmo grupo. A atuação deste grupo no clube segue um padrão mais ou menos estável. Toda a estrutura disponibilizada pelo clube aos frequentadores é utilizada: o campo é utilizado para a consecução do jogo, os vestiários são utilizados antes e depois da pelada para que os

peladeiros coloquem os equipamentos (chuteira, meião, calção e camisa) e tomem um banho após a partida e, por fim, o trailer é utilizado para a infalível resenha após a pelada, resenha essa regada a cerveja e tira gosto.

A turma da pelada em questão chega ao clube, avisa àquele que está no trailer – seja o Mauro Mansur ou mesmo o Gilmar Mansur – se reúnem à beira do campo, definem os times (esta definição, geralmente, é feita aleatoriamente por meio de 22 números, sendo que de 1 a 11 define o primeiro time e de 12 a 22 o segundo time), e iniciam o jogo.

O grupo que se constitui em torno das categorias de base é formado, basicamente, pelos jogadores do clube – de cada uma das diferentes categorias – e por aqueles que os acompanha, na maior parte das vezes, os próprios pais. Por se tratar de crianças e adolescentes, com idades que variam dos 12 aos 18 anos, a presença dos pais é muito comum. Estes pais acompanham os filhos e se tornam torcedores do clube quando assistem às partidas em que seus filhos estão em campo. Todavia, este torcer não está ligado ao clube, mas sim ao filho, ou seja, depende única e exclusivamente da presença do filho em campo. Estabelece-se, nesse sentido, uma relação extremamente pueril, momentânea, não se estendendo aos momentos pós jogo. Não podemos afirmar que estas pessoas são torcedoras do Social Olímpico Ferroviário, no sentido estrito da palavra. Segundo Gilmar Mansur:

“Hoje porque o seu filho joga você vai ver ele, não é exatamente pelo Ferroviário. É porque seu filho tá ali. Se ele tirar a camisa ali e for por outro time ele vai pro outro lado. Tá entendendo? Então o torcedor hoje é pouco, muda muito rápido. O torcedor é muito pouco que tem hoje.” (Gilmar Mansur, Vice Presidente do Social Olímpico Ferroviário)

Como se pode perceber, a presença da figura do torcedor autêntico do clube de futebol amador é cada vez mais rara - sobretudo em clubes como o Ferroviário, cuja configuração não favorece a existência deste tipo de torcedor; como se verá mais adiante em alguns clubes do futebol amador da cidade, como o Mineirinho Esporte Clube, por exemplo, ainda se verifica a ocorrência deste tipo de figura, cuja importância para o clube é inestimável. Há, na verdade, a torcida pelo jogador e não pelo clube.

Um terceiro grupo que se forma à margem do clube diz respeito àqueles que se dirigem para aquele local buscando o mesmo que buscam em bares e botecos. Chamo estas pessoas de “cervejeiros” devido ao fato de que é um grupo que se constitui apenas em torno do trailer, com o objetivo exclusivo de se refrescar com uma cerveja nos dias de sábado, mas, principalmente aos domingos. Este grupo é composto, majoritariamente, por indivíduos de faixa etária mais velha, girando em torno de 35 a 70 anos. Estas pessoas vivem nas redondezas, nos bairros e comunidades próximas ao clube e, por isso, se dirigem ao local como forma de vivenciar sua comunidade, seu bairro, seu pedaço da metrópole, no sentido atribuído por José Magnani. As ideias deste autor a respeito dos processos de socialização e sociabilidade nos bairros metropolitanos são de grande valia para analisar este grupo, já que podemos assumir que o clube e os equipamentos disponibilizados por ele (trailer e o campo) cumprem a função de “núcleos do pedaço”, sendo considerados referências espaciais e sociais, para os quais, recorrentemente, as pessoas se dirigem quando estão “à toa” no bairro e, ali, estabelecem relações com seus comuns - ou seja, moradores do bairro e comunidades próximas. Os cervejeiros são, nesse sentido, o elo de ligação mais evidente – pelo menos no caso do Social Olímpico Ferroviário – entre o clube e a comunidade. Ora, digo isso pensando da seguinte maneira: estes indivíduos poderiam vivenciar o bairro, o pedaço ao qual pertencem, a partir de outros núcleos que não o Ferroviário, tais como, um bar, uma padaria, uma praça, uma igreja, uma esquina. O clube se configura, portanto, como o palco para a atuação destes indivíduos em seu pedaço.

Um quarto grupo que se forma a partir do clube de futebol amador e que tem uma importância fundamental é o time adulto, ou como é chamado por aqueles que estão envolvidos ao clube, o time amador. A atuação deste grupo tem uma relevância ímpar para o clube por diversos aspectos. Estes aspectos capturam uma correspondência social do clube e uma essência sociológica do futebol amador. Dentre estes aspectos podemos destacar, inicialmente, a visibilidade do clube no cenário do futebol amador da cidade. Ora, o clube que tem um time amador, adulto de qualidade e que consegue disputar todos os campeonatos e vencer alguns adquire grande prestígio frente outros clubes e isso é demasiadamente importante no que diz respeito à forma como se estabelecem as relações entre os clubes de futebol amador da cidade. Um bom time garante que o clube será temido por todos os adversários e este temor é um dos

elementos que permeia as relações entre os clubes de futebol amador. Outro aspecto relevante em se tratando da formação do time adulto, amador, se relaciona ao fato de que a possibilidade de que um bom time cativa a comunidade em torno de um jogo, de um torneio ou campeonato é muito maior quando se forma um bom time, um time de qualidade capaz de vencer uma competição. Neste caso assistir a uma partida deste time se torna algo quase irresistível para as pessoas que vivem nas proximidades do clube, configurando-se, assim, como uma forma de lazer destas pessoas no interior de seus próprios bairros.

Em se tratando do Ferroviário, o que se percebeu durante as observações de campo é que o time adulto, o time amador não vive seus melhores dias. Embora esteja na primeira divisão do futebol amador, o Módulo I, não houve sequer uma partida desta categoria durante período em que as observações foram levadas a cabo, revelando um quadro de dificuldades por parte do clube em constituir uma equipe desta categoria. Há muitas dificuldades por parte do clube em montar uma equipe competitiva o bastante para disputar os torneios e campeonatos. Estas dificuldades serão detalhadas mais adiante na medida em que remontam a questões mais amplas que extrapolam o contexto específico do clube estudado, pois são compartilhadas pela maior parte dos clubes de futebol amador da cidade.

6 DIFICULDADES DOS CLUBES AMADORES

“(...) agente é maluco nessa história aí, pegando o gancho da história do Corinthians, agente é maluco. No futebol da várzea tem que ser maluco pra ficar com ele, tem que gostar, tem que ser maluco.” (Gilmar Mansur, Vice Presidente do Social Olímpico Ferroviário)

A fala acima citada pode parecer sem sentido, sem fundamento, porém não é bem assim. O vice presidente do Social Olímpico Ferroviário se chama de maluco de forma bem humorada, devido ao fato de que eles insistem em continuar à frente do clube mesmo diante de inúmeras dificuldades. Sem apoio do Estado ou de instituições privadas, os clubes de futebol amador da cidade estão “pedindo socorro”, como gosta de dizer Gilmar Mansur. Durante o trabalho de campo através do qual se coletou boa parte dos dados e informações nos quais se baseiam este estudo, ficou evidente que os clubes de futebol amador, de um modo geral, vivem sérias dificuldades. Desta forma, estas dificuldades não são exclusividade do Social Olímpico Ferroviário, ao contrário, em todos os clubes com os quais mantive contato eram constantes reclamações por parte dos mandatários de que não é fácil administrar um clube de futebol amador na cidade. Isso ficou escancarado aos olhos do pesquisador pelo simples fato de que durante todo o trabalho de campo não houve sequer um jogo da categoria adulto, do time amador. Como se sabe, o quadro adulto é aquele para o qual a maior parte dos interessados nas atividades de um clube de futebol amador volta suas atenções, é este quadro que tem o maior apelo de público e dos frequentadores de um clube de futebol amador. Então, por que não houve jogos desta categoria? Se existem diversos campeonatos e torneios durante todo o ano, por que o Ferroviário não os estava disputando? Como isso poderia ser explicado? Como isso poderia estar associado a um contexto mais amplo do futebol amador? De que forma isso estava relacionado a outros clubes e em que medida estes clubes compartilham esta situação?

O estudo do Social Olímpico Ferroviário revelou uma série de questões que permeiam o cotidiano dos clubes de futebol amador da cidade de Belo Horizonte e que acabam por dificultar e/ou influenciar diretamente as atividades destes clubes. A fala a

seguir pormenoriza a maior das dificuldades enfrentadas pelos clubes de futebol amador de Belo Horizonte:

“(…) aqui só dependemos do aluguel do campo e mais nada. E do dinheiro da escolinha que entra, e aluguel do campo que é simbólico, R\$ 100,00 reais, você aluga 4, 5, 8 vezes no mês dá R\$ 1000,00. Você tem que arcar, um jogo com o amador as vezes sai mais de R\$ 300,00 a R\$ 400,00 reais . Você tem o ônibus pra levar, ai você tem a roupa pra lavar, você tem que pagar lavadeira. O cara que descola pra cá ele quer o dinheiro da passagem, então hoje você tem que dar em torno de 4 passagens pra pessoa. Todos jogadores pegam 4 passagens, ai você tem 4 passagens pra cada atleta, que significa hoje em torno de R\$ 11,00 reais. Então você tem 16 atletas fica em torno de R\$ 160,00 reais , 18 atletas as vezes chega em torno de R\$ 200,00 reais. Isso porque ele veio pra cá, só que ele veio pra cá, o jogo é 03:00 horas, 03:30, ele veio pra cá ele chega 02:00 horas, as vezes ele está com fome. Ele não come, pra não jogar com estômago cheio, ai você tem que fazer um lanche, as vezes você tem que dar um pão com alguma coisa, tal. E quando termina o jogo, eles vieram jogar, eles querem uma cerveja, e pra tomar uma cerveja você tem que comer alguma coisa, ai vai, mais ou menos um engradado de cerveja, uns 4 a 5 litros de refrigerante, um pão com carne moída, um tropeiro, alguma coisa. Então, hoje uma partida de futebol, quando é pra sair sai mais caro, quando ela é aqui no campo sai mais barato. Porque você não vai pagar o escolar, o ônibus escolar R\$ 150,00 reais. E quando o time cresce na competição, ai, pra estimular a rapaziada, você tem que fazer um churrasco após o jogo, as vezes você faz um espaguete, sai mais barato, pessoal toma cerveja e come espaguete, faz um samba, as vezes faz um samba, vem mulher de jogador, namorada, aquela coisa toda. E assim vai, assim vai continuando o futebol amador. Quando não tem dinheiro não tem jeito.”
(Gilmar Mansur, Vice Presidente do Social Olímpico Ferroviário)

Fica claro que a maior das dificuldades enfrentadas pelos clubes de futebol amador na cidade diz respeito a questões financeiras. É interessante notar que os gastos com uma partida do time amador não saem por menos de R\$300,00, como afirma Gilmar Mansur. Estes gastos, estas despesas do clube para a realização de uma partida advém de diversas frentes: gasto com transporte e deslocamento dos jogadores,

alimentação, arbitragem, cerveja e churrasco para a resenha após a partida e, mesmo não havendo referência explícita na citação, o maior gasto do clube pagamento é com o pagamento aos jogadores pelo jogo. Todas estas despesas, e outras que se fazem necessárias, têm de ser pagas apenas com os recursos do próprio clube. Estes recursos escassos são oriundos quase que exclusivamente da taxa de manutenção do campo, do valor cobrado pelo aluguel do campo. O dinheiro arrecadado por esta via, segundo os mandatários do clube, não passa de R\$1000,00 por mês, o que, de acordo com as contas dos dirigentes, seria suficiente para a realização de somente três jogos da categoria adulta. A não ser que o clube tenha algum tipo de mecenas ou patrocinadores que estejam dispostos a pagar as contas do clube, inevitavelmente, enfrentará as restrições impostas pela falta de dinheiro. O Ferroviário manteve uma espécie de patrocinador, que era a rede ferroviária, a qual assegurou, durante muito tempo, a estabilidade financeira do clube. Porém após a privatização da rede esta estabilidade passou a depender única e exclusivamente da atuação dos administradores do clube, os quais não conseguem os recursos necessários apenas por meio da arrecadação com o aluguel da praça de esportes, do campo e da arrecadação via escolinha de futebol para as categorias de base.

Como se pode perceber, estas dificuldades incidiram, no Social Olímpico Ferroviário diretamente sobre a formação – ou não formação - do time adulto (amador) e fez pensar a respeito de determinados aspectos que podem contribuir para uma melhor compreensão sobre a situação do clube pesquisado e do futebol amador na cidade como um todo. Se o futebol é amador, por que há esta imprescindibilidade do dinheiro? A falta de recursos é realmente capaz de explicar por si só as dificuldades enfrentadas pelos clubes de futebol amador em Belo Horizonte? Existem outros tipos de dificuldades? Qual seria a origem destas outras dificuldades? Como elas se relacionam?

Este contexto de dificuldades dos clubes de futebol amador pode ser melhor explicado a partir das próprias transformações pelas quais passa o futebol amador no ambiente metropolitano. Estas transformações podem ser enquadradas num tripé que tem como base aspectos ligados:

- À urbanização, ao crescimento urbano desordenado que sufoca e extermina os clubes amadores ao findar com os campos de futebol destes clubes;
- À perda ou arrefecimento do vínculo do clube para com a comunidade próxima;
- À diversificação das atividades de lazer e questões geracionais.

Vale ressaltar que cada um destes diferentes aspectos não se manifestam separadamente na realidade concreta, no cotidiano do clube de futebol amador, mas, ao contrário, fazem parte de um complexo emaranhado, ou seja, estão interligados de modo que se manifestam simultaneamente e, inclusive, podem ser apontados como causas uns dos outros. A seguir busco apresentar e discutir diferentes aspectos relacionados às transformações demonstrando a maneira pela qual eles dificultam as atividades do clube, incidindo, por exemplo, sobre a formação do time, já que compromete o potencial do clube em conseguir jogadores.

6.1 Apreciação dos aspectos relacionados às transformações do futebol amador em Belo Horizonte: uma referência ao Ferroviário

Pensando a forma como o futebol amador se encontra atualmente, inserido num contexto de crescimento urbano desordenado, de diminuição impactante de campos de futebol nos quais se poderia disputar pelepas e campeonatos, de dificuldade dos times e clubes de futebol amador em manter suas atividades, da escassez de jogadores, pode-se discutir de forma mais contundente os motivos pelos quais se chegou a esta situação. Cabe apresentar e discutir os fatores que levaram o futebol amador a se encontrar nesta difícil situação, apontando motivos e possíveis causas muitas das quais foram construídas, projetadas e externalizadas pelos atores sociais envolvidos no futebol amador e que puderam ser observadas durante trabalho de campo, por meio de informações, obtidas através de conversas com os frequentadores e com os mandatários do Social Olímpico Ferroviário. Espera-se, assim, contemplar os alguns dos aspectos

que compõem o tripé de transformações verificadas no âmago do futebol amador belo horizontino.

Como bem foi demonstrado por Arlei Damo, e como fora elucidado em momentos anteriores deste trabalho, o futebol amador emana *dos e nos* bairros e comunidades dos grandes centros urbanos; tanto que a maior parte desses clubes é identificado a partir dos bairros: a Ferroviária da Pedreira Prado Lopes, o Mineirinho do Alto Vera Cruz, o Palestra do Taquaril e assim sucessivamente. Há, portanto, uma íntima relação entre o clube amador, o time, o campo de futebol, entre o futebol amador de um modo geral e o local, no espaço no qual ele se insere nas grandes metrópoles, ou seja, nestes bairros e comunidades³⁰.

O que se pôde constatar em campo foi que este vínculo entre o bairro, entre a comunidade e o clube amador, entre o time de futebol de várzea arrefeceu-se substancialmente, pelo menos nos últimos anos. Durante o trabalho de campo foram inúmeras as conversas com pessoas que freqüentavam com certa veemência o Ferroviário, sendo que muitos deles foram jogadores do clube num passado não muito distante, por volta dos anos 1970/80. Um destes antigos jogadores pronunciou uma frase num tom de desânimo que marcou e que pode ser apontada como um ponto de vista mais ou menos estável: “o futebol amador está em frangalhos, acabou...”. Estas palavras expressaram o sentimento e a impressão deste ex jogador e de outros vários que, vez ou outra, apareciam no campo do clube para rever amigos, beber uma cerveja e relembrar os “bons tempos da várzea”. Parte desta transformação - que para tantos parece mais um processo de “decadência” - passa por um distanciamento cada vez mais marcante entre o clube amador, os times de várzea, o campo de futebol e a comunidade ou bairro no qual se inserem.

A característica mais evidente do futebol amador e dos times e clubes de várzea por meio da qual resulta uma maior pujança deste tipo de futebol é, exatamente, os estreitos laços dos clubes, dos times para com a comunidade ou bairro do qual faz parte. Estes bairros e comunidades são historicamente os maiores fornecedores de material

³⁰ Ver clubes de futebol amador de Belo Horizonte e seus respectivos bairros no “Anexo 15”.

humano para o futebol amador³¹. Desta forma, quanto maior o vínculo entre o bairro, a comunidade e o futebol amador, entre o bairro e o campo de futebol ou os clubes e times de futebol de várzea, maior é a pujança e o apelo a este futebol, a estes clubes. Este apelo mais exaltado por parte da comunidade em relação ao clube se manifesta de várias maneiras: maior disponibilidade de jogadores, maior número de jogos e campeonatos disputados, maior envolvimento de pessoas interessadas em acompanhar estas pelepas, maior concorrência pela gestão/administração do clube ou time e etc. Este conjunto de fatores resulta em um clube ou time de futebol amador mais forte, com capacidade de manter suas atividades, disputando jogos e campeonatos com certa recorrência e, a partir disso, produzindo e reproduzindo uma atmosfera coletiva no âmbito do bairro e da comunidade, por meio da qual o clube amador e o campo de futebol são responsabilidade de todos aqueles que vivem naquele canto da metrópole.

O caso do Ferroviário ilustra o que está sendo dito até o momento e comprova a medida em que o vínculo com a comunidade é fator decisivo para que um clube de futebol amador mantenha suas atividades, oferecendo uma noção exata acerca do peso e da importância da comunidade para com o clube de futebol amador. Segundo o vice presidente do clube:

“(...) o futebol de várzea, nós hoje quase não temos torcedor porque foi tirado todas as casas da região da comunidade. Então hoje quem gosta do Ferroviário são poucas pessoas, poucas pessoas mesmo porque aqui onde é que tem a avenida era uma favela de lá, de cá e de outro lado e assim por diante. E do lado do campo do outro lá, essa rua aqui que você está vendo o Apoio [supermercado próximo ao clube] aqui ó, era casa até lá em baixo do lado de cá também era casa até lá em baixo. Tudo era casa, e assim seguindo, tudo tinha casa, e geralmente família antiga tinha 4,5,6 filhos e boa parte tudo Ferroviários, trabalhadores da rede. Então era uma bandeira, tínhamos uma bandeira, charanga, tinha tudo. Isso está sendo até uma nostalgia, apesar que não é muito

³¹ Leia material humano não apenas em relação aos jogadores, mas também torcedores e dirigentes dos clubes, ou seja, os principais atores sociais a partir dos quais o futebol amador se constrói, se desenvolve e se ratifica nos subúrbios das metrópoles são oriundos dos bairros e comunidades próximos ao campo de futebol, ao clube, ao time.

a minha praia, mas se falar do Ferroviário hoje é isso porque não tem mais torcedor. Tem algumas pessoas de mexer como o Evaldo que gosta muito. Não tem quase nada, no futebol de várzea o sujeito está em vários times de várzea ele muda pra um lado, muda pro outro conforme o que eles pagam. Então hoje não tem muito amor, não tem...” (Gilmar Mansur, Vice Presidente do Social Olímpico Ferroviário)

Como se pode perceber, a região em que o Social Olímpico Ferroviário se localiza sofreu nas últimas décadas um processo de urbanização ferrenha. Fica claro que conforme a comunidade, a favela que estava ao redor do campo foi sendo retirada, o torcedor do clube foi removido juntamente com as casas. O clube foi separado fisicamente de seus torcedores, de seus adeptos e de eventuais jogadores, o que, evidentemente, diminuiu consideravelmente o capital humano do clube, já que as pessoas que, por ventura, poderiam vir a ser jogadores, torcedores, dirigentes do clube passam a viver noutros bairros muitos dos quais estão demasiadamente distantes. Diante deste quadro, o Ferroviário se viu impotente e não teve forças, pelo menos por enquanto, para reverter esta situação comprometedora.

A diminuição dos campos de futebol disponíveis à comunidade e, conseqüentemente, aos clubes é também fator relevante nesta discussão, já que a extinção destes importantes espaços sociais, destes núcleos do pedaço para fazer referência ao conceito de José Magnani, representa um enfraquecimento de diversos clubes e o fim de outros tantos. Segundo o vice presidente do Ferroviário na região havia:

“(...) tinha um campo aqui em baixo. Não! Tinha dois campos. Tinha o do Pompéia e tinha o do Monte Azul. E tinha um outro campo, eram 3 campos, hoje acabou. Parece que vão devolver um campo. Tinha um campo Bola de Ouro logo ali. Tinha o Vila Independente do lado desse negócio aqui também. Tinha dois campos aqui na Sagrada Família que era o do Brasilina e do Florestal. Hoje temos dois campos no Horto. Milagre o bairro ter dois campos, que é o do Ferroviário e o do Tupinambás. O Tupinambás também já pedindo

socorro. Tinha vários campos, a região leste era lotada de campo. Hoje o Tupinambás está pedindo socorro pra não morrer. Nós aqui, graças a deus, ainda não pedimos socorro não, mas tá quase. Então já teve vários campos e aí teve a explosão mobiliária, interesse, vai acabando. Tudo isso aí ó... Não tem outro motivo a não ser esse. Porque futebol todo mundo gosta.” (Gilmar Mansur, Vice Presidente do Social Olímpico Ferroviário)

Os bairros próximos ao Ferroviário, localizados na região do Horto, zona leste da cidade de Belo Horizonte, eram, até bem recentemente, infestados de campos de futebol abertos à comunidade como se pode notar a partir da citação acima. A maior parte destes campos de futebol deixou de existir devido ao processo de expansão imobiliária, ao crescimento urbano como evidenciado na fala de Gilmar que, com a autoridade de quem foi “nascido e criado” no bairro, quando questionado a respeito das possíveis causas relacionadas ao desaparecimento de campos de futebol e clubes amadores da região disse: *“isso acontece por que a explosão mobiliária cresceu. Belo Horizonte cresceu, os lotes vazios estão virando casa, apartamento, comércio. Foi acabando e o time sem campo, a tendência é acabar. Ele precisa ter um campo”*. Ora, conforme os campos deixam de existir na região, os clubes o deixam na mesma medida. Aqueles clubes que resistem, que conseguem manter-se em atividade, estão em situação muito difícil, “pedindo socorro”. Mesmo que estes clubes sejam rivais entre si, adversários ferrenhos nas competições e jogos é inegável o fato de que quando um deles encerra suas atividades, os rivais são, de certa maneira, enfraquecidos. Pensando analogamente, se este processo ocorresse no futebol profissional, seria como se o Cruzeiro Esporte Clube deixasse de existir, sem seu rival histórico o Clube Atlético Mineiro, se veria enfraquecido; foi exatamente isso que ocorreu no Ferroviário, ou seja, seus maiores rivais, seus grandes adversários, deixaram de existir e isso culmina diretamente na perda de identidade do clube a qual se forma a partir desta relação com outros clubes – e a partir de outros elementos como o próprio campo, a torcida, a comunidade, os títulos e etc. O futebol amador e suas transformações não podem, pois, ser pensados alheios a esta perspectiva relacional, alheios à íntima relação que se estabelece entre os próprios clubes amadores.

As dificuldades pelas quais passam os clubes de futebol amador da cidade têm origem, dentre outras coisas, nas transformações verificadas no espaço urbano, sobretudo no que diz respeito ao fim de diversos campos de futebol. O clube de futebol amador, neste contexto que os sufoca, muda de perfil. De acordo com Gilmar Mansur:

“Todo mundo no passado tinha lugar pra jogar bola. Agente fazia pelada na rua, pelada na esquina, tinha campo pra todo lado. Então antigamente todo menino de rua jogava bola. Hoje o menino de rua não tem dinheiro pra pagar uma escolinha então ele não aprende futebol. Enquanto que um menino hoje, de uma situação financeira melhor, está jogando bola porque ele vai pro clube, ele vai pra escolinha então ele joga bola. Hoje então tem um, houve uma inversão muito grande, que os meninos rico hoje tão jogando bola. Primeiro que começaram a ver que isso um projeto pra ganhar dinheiro também. E o futebol de pobre hoje tem um punhado de menino de favela que não sabe jogar bola. No passado era todo favelado, todo menino de rua jogava bola. Porque tinha espaço, hoje não tem espaço. Hoje é só avenida, carro pra lá e pra cá (...).”
(Gilmar Mansur, Vice Presidente do Social Olímpico Ferroviário)

Um ponto interessante levantado pelo entrevistado acima diz respeito a uma leitura do futebol amador a partir das diferentes classes sociais. Mesmo que não haja por parte do entrevistado um rebuscamento conceitual, não deixa de ser uma leitura bem lúcida da realidade do futebol amador em Belo Horizonte. A diminuição da disponibilidade de campos de futebol localizados nos bairros e comunidades periféricas da cidade, espaços esses comumente utilizados pelas pessoas de baixa renda, sobretudo pelo fato de serem gratuitos e estarem próximos aos locais de residência destas pessoas, incidiu diretamente sobre as classes sociais mais baixas. Em outras palavras, estes espaços sociais são consagrados enquanto parte fundamental do arcabouço de atividades de lazer das pessoas oriundas das classes baixas e a partir do momento em que deixam de existir cria-se um hiato entre estas pessoas e a própria comunidade em que vivem, já que o lazer desenvolvido por estas pessoas no interior de sua comunidade se dava, dentre outros, no campo de futebol. Ora, as pessoas de classes sociais baixas

encontravam com grande facilidade em seus bairros e comunidades espaços nos quais poderia se dar as mais diversas atividades de lazer: praças, campos de futebol ou mesmo a rua, dentre outros. Quando estes espaços deixam de existir, estas pessoas de classes sociais baixas se tornam órfãs de espaços e locais para desenvolver suas atividades de lazer, pelo menos, no âmbito do bairro, da comunidade. É preciso estar atento a esta discussão devido ao fato de que este quadro gera uma exclusão notória em relação a quem pratica o futebol amador, ou melhor, a quem é possível a prática e a quem não é. Enquanto um espaço social criado e desenvolvido pelas pessoas de classes sociais baixas, os campos de futebol, os clubes e o futebol amador de um modo geral, deixa de ser fruto da ação destas classes baixas, para as quais ele sempre se dirigiu, para atrair pessoas de classes sociais abastadas. Como bem observa o vice presidente do Ferroviário:

“E hoje você tem o que: o menino tem que pagar a escolinha e o pai não pode pagar. Uma escolinha você paga R\$ 60,00 a R\$ 70,00 reais, se vai viajar tem que pagar mais 10 do ônibus, tem que pagar mais 10 do lanche, mais 10 de num sei o quê. O menino hoje no final do mês pra escolinha ele tem que desembolsar em torno de R\$ 150,00 reais por cabeça. O pai não tem condições de manter isso, então quem mantém isso? São os meninos que tem um classe social melhor nas escolinhas. Então hoje que mantém filho em escolinha geralmente é quem tem condições de manter. E o pobre não tem, o que acontece, o pobre afastou-se um pouco do futebol. Isso em toda capital, nos grandes centros urbanos. Hoje o menino que é mais simples, de origem humilde, ele não tem onde jogar bola. O drible, a malandragem, você vê que quase não existe mais hoje. Outro dia eu estava vendo até o Rivelino falar isso, e eu também estou falando. O drible, a ginga, a brincadeira, dar um drible e gozar o outro, na minha época, você dava um drible e gozava o cara, se ele voltava você dava mais outro. Hoje o menino, quase ele tem um cintura, porque ele veio do clube. O técnico ensinou pra ele desde pequeno o fundamento, não deixou o menino solto. Então hoje é fundamento com menino de 6, 7 anos de idade. Então o menino aprende a ser robotizado desde pequeno. O menino na minha época a gente brincava de bola era o dia inteiro. Mandava a bola, era furada, ela vinha toda torta, você não sabia se matava no peito ou vinha na canela. Ai você aprendia, você

desenvolvia, hoje já não, o menino pobre hoje quase não tem espaço. (...) Os meninos pobre hoje quase não jogam futebol, quem joga hoje um nível melhor que pode pagar escolinha, tanto é que você vê em dias de jogos de escolinha, não só aqui em quase todos os campos é cheio de pai com carro.”

Nesse sentido, podemos dizer que este clube de futebol amador vive um processo de elitização, na medida em que deixa de ser um espaço marcadamente dedicado às classes sociais baixas, geralmente vinculadas ao clube por questões espaciais, isto é, por estarem localizadas próximas aos clubes. Este processo é resultado, como se pode observar, da escassez cada vez maior de campos e de clubes de futebol amador. O clube de futebol amador, quando gerido neste modelo de escolinha que cobra uma mensalidade, evidentemente exclui aqueles que não podem arcar com a taxa cobrada. Como não há mais a quantidade de campos de futebol gratuitos, nos quais times disputavam jogos e campeonatos - buscando por jogadores a partir de sua qualidade técnica, de sua dedicação e comprometimento ao clube, à camisa e não pelo seu bolso - o pobre, morador destes bairros e comunidades, viu suas alternativas de lazer diminuírem substancialmente e isso, como alerta o vice presidente do clube estudado, afastou estas pessoas do futebol amador e transformou este futebol em reduto das classes abastadas. Esta questão é vista, ainda, pelo mandatário enquanto uma das responsáveis pelo fim do modo brasileiro de se jogar o futebol, pois os futuros jogadores aprenderam um futebol “robotizado” nos clubes e escolinhas particulares. Desta forma, perde-se a espontaneidade, a ginga, a malemolência, a malandragem, característicos do futebol brasileiro, já que essas características são assimiladas no futebol de rua, na pelada no campinho próximo a casa, num futebol mais popular (Rosenfeld: 1993).

Como no Brasil há uma demanda permanente pelo futebol, devido ao apego de grande parte dos brasileiros por este esporte, por este jogo, o mercado tratou logo de resolver este déficit de espaços adequados à prática do futebol. A solução encontrada foi simples e, sem dúvidas, contribui para estes processos de transformações pelos quais passa o futebol amador nos grandes centros urbanos: foram criados outros tipos de futebol, os quais dependem de espaços menores facilitando sua entrada no espaço

metropolitano, o qual, como já referido, é disputado metro a metro pelos empreendedores. Trata-se de quadras de futsal (o qual até recentemente fora chamado de futebol de salão) e de futebol soçaite, a maior parte nas mãos da iniciativa privada cuja ação transforma estes equipamentos em um negócio através do qual se extrai lucro. É difícil encontrar bairros em que não haja pelo menos um destes espaços para a prática do futebol. Estes equipamentos estão para aqueles que praticam o futebol assim como os bares e botecos estão para aqueles que apreciam uma cerveja com tira gosto.

Estas diferentes modalidades futebolísticas são parte da expressão urbana da redução dos espaços. Da mesma forma como as casas e apartamentos foram ao longo das últimas três décadas se tornando cada vez mais enxutos em suas dimensões para comportar o grande número de pessoas que passa a viver na cidade, o mesmo ocorre com os espaços destinados à prática do futebol. Se durante determinado período era comum encontrar campos de futebol espalhados por toda a cidade, nos quais mandavam jogos diversos times e clubes, com inúmeros perfis de frequentadores, atualmente estes campos foram sendo gradativamente engolidos pelo crescimento urbano.

Além do que fora dito acima, o trabalho de campo realizado no Social Olímpico Ferroviário demonstrou que esta correspondência e identificação – os quais, como se pretendeu demonstrar, são alguns dos fatores responsáveis pelo funcionamento e pelas atividades de um clube, de um time de futebol amador – entre os moradores dos bairros e comunidades urbanas foi algo que não se viu renovado devido à forma como as gerações mais jovens se relacionam com o clube, com o futebol amador como um todo. Podemos afirmar que há aqui uma clara questão que diz respeito a aspectos geracionais propriamente ditos e que pode contribuir para um melhor entendimento deste processo.

Verificou-se uma reclamação recorrente por parte dos frequentadores mais antigos do Social Olímpico Ferroviário – pode-se dizer de uma “velha guarda” de jogadores, torcedores e/ou simplesmente frequentadores – de que o interesse dos mais jovens pelo futebol amador como um todo, seja na qualidade de jogadores ou mesmo de expectadores, se dissipou com o passar dos anos. Segundo relatos dos membros desta velha guarda o apelo dos jovens pelo futebol amador praticamente deixou de existir nas últimas décadas. Mesmo que este tipo de discurso possa ser, pelo menos em parte, fruto

de um saudosismo³² destas pessoas, o que se notou na realidade do clube estudado, foi que este discurso conseguiu captar em larga medida a situação real vivenciada, isto é, de fato aqueles que fazem uso do espaço do campo de futebol de várzea ou do clube amador são de uma faixa etária que gira em torno de 40 a 50 anos, compõe, portanto, uma geração mais velha que presenciou momentos bem diferentes no futebol amador. Estas pessoas conhecem no futebol amador uma forma de lazer e entretenimento para a qual elas dedicam boa parte de seu tempo ocioso, do tempo para além da esfera do trabalho. Não queremos dizer aqui que o futebol amador deixa de ser um passatempo, uma atividade de lazer das gerações mais jovens. No entanto é inegável o fato de que, pelo menos nas duas últimas décadas (período suficiente para se constituir e se estabelecer uma, ou duas gerações) este tipo de futebol perde em grande parte a adesão dos jovens.

No sentido de confirmar em que medida o futebol amador deixa de ser visto ou mesmo praticado, o pesquisador, na qualidade de jogador de futebol bricolado, promoveu uma pequena pesquisa com amigos e colegas de uma faixa etária que varia dos 20 aos 30 anos e que praticam o futebol enquanto atividade de lazer. Foi espantoso constatar que, salvo raras exceções, a maioria esmagadora destes amigos e colegas não pratica futebol amador, quiçá futebol de campo. O futebol profissional – espetacularizado para fazer uso da tipologia de Arlei Damo - monopoliza as atenções e os esforços daqueles que apreciam este esporte enquanto uma forma de lazer, sendo que nesta circunstância o sentido do jogo se desloca mais para o olhar e consumir (tratando-se do alto grau de mercantilização do futebol profissional moderno) do que para o uso do corpo propriamente dito. Se durante certo tempo a prática do futebol fora vista enquanto uma atividade saudável através da qual as pessoas movimentariam o corpo, atualmente se produziu um discurso que promove o futebol como uma atividade em certa medida perigosa, já que há o risco permanente de algum tipo de contusão; o futebol deixa de ser estimulado enquanto atividade física em detrimento de outros tipos de práticas esportivas, tais como caminhada ou mesmo corrida. Além disso, chama a atenção o fato de que há uma grande diversificação de tipos e formas de futebol que, inequivocamente, contribui para esta desprestígio do futebol amador em relação às

³² Através do qual há uma espécie de, digamos, “etnocentrismo temporal” para o qual uma época passada é melhor que outra época presente.

gerações mais jovens, as quais passam a buscar, em larga medida, as mais diferentes formas de lazer disponibilizadas na sociedade moderna.

Cravar o que leva as gerações mais jovens a buscar outros tipos de futebol ou formas de lazer é tarefa difícil. Todavia, podemos apontar para algumas questões que parecem ter alguma relevância em se tratando desta discussão. Podemos destacar, primeiramente, o crescimento vertiginoso de outros esportes no Brasil, haja vista o handball e, sobretudo, o vôlei. Este crescimento cria uma competição entre os diversos esportes pela preferência dos jovens; se até recentemente falar em esporte no Brasil era sinônimo de falar em futebol, hoje em dia as coisas são um pouco diferentes. Esta questão não escapou aos olhos do mandatário do Social Olímpico Ferroviário que disse em entrevista:

“Eu acho que é o seguinte, antigamente todo mundo queria ser jogador de futebol. Então todo mundo tava disputando o que? O futebol. Hoje não, hoje nós temos o que é rentável? Futsal, voleyball, handball, então olha ai, nós perdemos vários atletas para tentarem a sorte em outro lado. E de repente pode ser o mais fácil. Então eles vão tentar, handball, voleyball, futsal, vários tipos de esporte. E o futebol hoje, não é só o futebol que dá dinheiro. Então com isso nós críamos, nós diminuimos a área de futebol a área de esporte pra campo e aumentamos áreas de quadra, piscina, e ai o tempo de trabalho com atletas ficou menor e ai é o que é hoje. Antes tinha muita qualidade, porque havia esse tempo, o garoto ficava em campo o dia inteiro. Hoje não, o garoto tem que ir pra natação de manhã, futsal de tarde e treinar no campo no final da tarde. Então ali ele já fica meio estressado. Então poucos vingam no futebol por conta disso ai.” (Evaldo Mansur, Vice Presidente do Social Olímpico Ferroviário)

Além disso, há atualmente uma imensa gama de atividades de lazer muitas das quais nem sequer existia há 20 ou 30 anos atrás. A mercantilização do lazer (através da qual o lazer, se transforma em um produto como outro qualquer) levada a cabo nos últimos anos, leva a indústria do lazer a desenvolver a cada dia uma série de atividades de entretenimento que cativa boa parte dos jovens. Trato disso com a autoridade de

quem faz parte desta geração e que presenciou e, acima de tudo, vivenciou este processo de “pluralização efetiva” das atividades de lazer. Dentre estas atividades aquelas que ganham maior destaque são os jogos eletrônicos, seja aqueles de computador ou de vídeo game. Outras ferramentas eletrônicas consagradas pela internet, tais como as redes sociais (facebook, twitter, blogs e etc.) atraem também boa parte das atenções dos jovens, os quais não hesitam em passar horas a fio no computador interagindo com pessoas e grupos pela rede mundial de computadores. Há hoje uma infinidade de possíveis atividades de lazer que até recentemente não existiam, ou seja, as possibilidades são várias e a maior parte delas é acessível a grande parte da juventude, independentemente da classe social, credo ou raça.

6.2 Tendências e/ou alternativas às dificuldades encontradas pelos clubes de futebol amador

Diante deste cenário de dificuldades, advindas das transformações pelas quais passam a sociedade, de um modo geral, e que incidem diretamente sobre o futebol amador, os clubes amadores de Belo Horizonte desenvolvem estratégias para continuar existindo, para manter suas portas abertas. As iniciativas dos clubes para reverter este quadro de dificuldades ao qual estão expostos são demasiadamente distintas, dependendo da situação específica de cada um deles. Buscar-se-á demonstrar, também, que algumas destas iniciativas não partem diretamente dos clubes de futebol amadores, mas sim de atores sociais que, eventualmente, voltam suas atenções para este tipo de futebol. Todavia, a pesquisa de campo revelou a existência de alguns casos de clubes ou times que insurgem como alternativas de sucesso diante das dificuldades verificadas. Estes casos se configuram enquanto tendências cada vez mais comuns entre os clubes de futebol amador que insistem em manter suas atividades. Nesse sentido, foi constatada a existência de duas modalidades administrativas cuja recorrência permite concebê-las enquanto tendências, modelos para que os clubes de futebol amador consigam superar as dificuldades sobre as quais se discutiu anteriormente.

Estes casos invertem, em certa medida, a lógica de construção de um clube, tradicionalmente associada ao futebol amador: clube que se origina a partir da

organização de um grupo de pessoas, de um grupo de amigos ou colegas do bairro, ou seja, enquanto expressão espontânea das comunidades e bairros periféricos, enquanto uma manifestação social destes grupos.

Cada uma destas modalidades foram pensadas e definidas a partir da constatação da existência de alguns comportamentos, algumas posturas dos clubes de futebol amador, e de alguns atores que de alguma forma se envolvem aos clubes, perante as dificuldades advindas das transformações pelas quais passa a sociedade. A seguir cada uma destas modalidades, destes comportamentos e posturas dos clubes – e dos atores sociais que a eles estão envolvidos – serão explicitadas. Espera-se que com isso seja possível traçar as tendências e as alternativas encontradas pelos clubes de futebol amador. Estas modalidades podem ser definidas como:

- Clubes semi profissionais;
- Clubes financiados por traficantes;

Nunca é demais lembrar que existe um sem número de estratégias adotadas pelos clubes de futebol amador para reverter este quadro de dificuldades aos quais estão expostos. Seria impossível abarcar todas elas nestas duas tendências ou modalidades administrativas que proponho. Entretanto, é inegável que a recorrência destas tendências e a ênfase dada pelos informantes ao sucesso de ambas permite que apontemo-las enquanto parte relevante do universo administrativo, organizacional e social do futebol amador.

6.2.1 Clubes semi profissionais

A semi profissionalização do futebol amador é uma tendência não tão recente quanto se pensa. Desde o período anterior ao processo de profissionalização do futebol brasileiro, no início da década de 1930, já havia indícios de que jogadores recebiam dinheiro como forma de recompensar seu desempenho em campo. Eram os tempos do profissionalismo marrom, nome dado à estratégia dos clubes para manter seus jogadores através de remuneração. Seria ingenuidade da parte do pesquisador pensar que o

pagamento de dinheiro aos jogadores não é algo que sempre existiu no futebol amador, desde a época em que o futebol dava ainda seus primeiros passos no Brasil. Sempre foi comum a remuneração de alguns jogadores de destaque, os quais sempre despertaram o interesse de clubes rivais e, assim, acabam por receber diversos convites destes clubes para mudar de camisa. Nesse sentido, num universo de 16 a 20 atletas, é aceitável – e até mesmo recorrente – que dois ou três recebam algum tipo de remuneração por uma partida jogada. O que é preocupante neste caso é quando todos os jogadores do time passam a ser remunerados. Na época atual esta prática de remuneração de toda a equipe vem se tornando cada vez mais comum entre os clubes de futebol amador e é vista por alguns mandatários de clubes como algo negativo que causa, a médio prazo, uma “queda” do time. Mas por que os clubes passam a adotar esta estratégia para a formação de seus times? De acordo com o que fora discutido até o momento, podemos inferir que os clubes se vêem forçados, devido às contingências a eles impostas, a pagar pelos jogadores, se quiserem de fato montar bons times, capazes de vencer os disputados títulos, na medida em que há uma escassez cada vez maior de disponibilidade de jogadores, de pessoas dispostas a participar voluntariamente dos clubes na qualidade de jogadores.

Para encontrar explicações para este processo, deve-se ter em mente o fato de que na medida em que o vínculo entre os clubes de futebol amador e a comunidade ou bairro ao qual pertencem se vê arrefecido diminui-se o interesse das pessoas em relação ao clube - e no futebol amador – o que gera uma falta de disponibilidade de pessoas, de potenciais jogadores - ou, ainda, mesmo que em menor medida, simplesmente por que não se consegue jogadores com qualidade técnica suficiente para jogar pelo clube. Em outras palavras, se o maior fornecedor de material humano aos clubes de futebol amador, isto é, a comunidade, o bairro, diminui a intensidade e a qualidade da reposição de jogadores, conseqüentemente, este clube buscará outras formas de preencher seus quadros. Desta forma, um clube de futebol amador que mantém estreitas relações com a comunidade da qual faz parte, inequivocamente, terá um mais opções de jogadores disponíveis e, assim, conseguirá formar mais facilmente bons times.

Nesse sentido, consideramos aqui clubes semi profissionais, enquanto clubes que precisam recorrer a esta estratégia de “contratar” jogadores fora devido à escassez desses diante do bairro ou comunidade do qual fazem parte. A contratação destes

jogadores envolve: passagem, alimentação, remuneração pela partida e, eventualmente, remunerações por gol marcado. O valor pago pela passagem e alimentação é mais ou menos o mesmo para todos os times, o que varia muito é a remuneração paga pela partida e pelos gols marcados. A definição do valor da remuneração paga aos jogadores de futebol amador respeita, em escala reduzida, as chamadas leis de mercado, já que leva em conta: procura, eficiência, competência, mérito, experiência, comprometimento, qualidade e etc. Nesse sentido, quanto maior a procura por determinado jogador maior será o valor de seu “passe”, digamos assim. A maior ou menor procura por determinado jogador se dá a partir de sua competência e qualidade dentro do futebol. Muitos destes jogadores do amador, depois de uma trajetória sem sucesso no futebol profissional, fazem carreira no futebol amador, pois há uma demanda permanente por jogadores com este perfil, experientes, “boleiros”. Não restam dúvidas de que estes boleiros fazem a diferença nos jogos, e contribuem muito para que o clube tenha um desempenho melhor, já que, diferentemente da maioria dos jogadores de futebol amador - que fazem aquilo por puro lazer, por diversão - estes boleiros, pelo fato de receberem dinheiro pelo jogo, encaram aquilo como um trabalho e, assim, se dedicam à carreira no futebol amador, mantendo o peso e o condicionamento físico, se concentrando no dia anterior ao jogo, abstenho-se de bebidas alcoólicas e etc. Alguns destes boleiros, devido ao dinheiro arrecadado com regularidade, conhecem no futebol amador sua profissão, sendo que muitos deles conseguem “viver disso”, tornando-se a personificação do paradoxo, já que são “jogadores profissionais da várzea”.

Como se pode observar o processo de semi profissionalização do futebol amador tem origens, fundamentalmente, sociais. Este processo se manifesta nos jogadores de futebol amador, como discutido acima, mas, sobretudo, no clube de futebol amador. Ora, o clube de futebol amador tradicional não consegue, por si só, arcar com as despesas para com os jogadores, as quais são demasiadamente altas para os padrões amadores. Desta forma, os clubes de futebol amador estão adotando estratégias de mercado para aumentar sua arrecadação: placas de publicidade, patrocínios, parceiros, são as obsessões dos dirigentes e mandatários de diversos clubes de futebol amador que, a cada dia, tendem ao profissionalismo. Nunca é tarefa fácil encontrar estes parceiros, estes patrocinadores, seja na esfera pública ou privada, pois não se tem qualquer

garantia de que haverá retorno para o investidor. Os clubes ficam, assim, totalmente desamparados.

Levando em conta o fato de que os clubes de futebol amador da cidade possuem sérias restrições orçamentárias e financeiras, pelo fato de que não há qualquer tipo de apoio, é inviável à maioria dos clubes de futebol amador da cidade manter este modelo administrativo. Uma das formas através das quais alguns clubes estão lidando com este processo, diz respeito à presença do tráfico enquanto financiador destes clubes.

6.2.2 Clubes financiados por traficantes

“E aqui a gente já tá, tem mais de 20 anos, praticamente no poder aí né? Aí veio pra nossa mão e a gente tá aí, não deixando morrer nem deixando o tráfico entrar.” (Evaldo Mansur, Presidente do Social Olímpico Ferroviário)

A fala do presidente do Ferroviário, inscrita acima, é austera, veemente e, ao mesmo tempo, incisiva, no que se refere aos possíveis caminhos reservados ao clube: vive, morre ou o tráfico entra. Segundo informações dos membros da família Mansur, houve um episódio em que traficantes da região tentaram “tomar conta”, assumindo a administração do clube. A ação desses traficantes foi rechaçada pela família, que “soube administrar bem a situação”. Mas o que levaria um traficante a “entrar”, a financiar, patrocinar ou mesmo assumir o controle de um clube de futebol amador? Estes financiadores promovem este apoio aos clubes por diversos motivos: propaganda, publicidade, simpatia ao clube, pretensa aproximação com a comunidade através do futebol, enfim, os interesses e as motivações são vários. Ora, por um lado, tem-se o interesse do clube em aumentar sua arrecadação, por outro se tem o interesse do patrão em melhorar sua imagem diante da comunidade. Há, nesse sentido, uma troca simbólica através da qual certa quantia em dinheiro se transfigura em prestígio diante da comunidade. A noção de reciprocidade pode ser de grande valia neste caso, sendo que ao financiar o clube de futebol amador da comunidade, promovendo, pelo menos em tese, o bem desta comunidade – na medida em que o esporte ainda é associado a valores sociais positivos, por assim dizer –, o patrão espera ser agraciado com a aprovação e

reconhecimento. Mesmo que os objetivos de cada um sejam demasiadamente distintos, podemos afirmar que estes padrões do tráfico estão para o futebol amador assim como o Banco BMG³³ está para o futebol profissional, ou seja, este banco, a fim de arregimentar mais clientes, paga milhões para expor sua marca nas camisas dos clubes, tornando-se cada vez mais conhecido diante do mercado, diante dos potenciais clientes; e os traficantes, mesmo sem expor uma marca numa camisa ou numa placa, oferecem aos clubes capital suficiente para sanar as dificuldades financeiras, acreditando estar prestando um serviço para a comunidade esperando por reconhecimento e prestígio.

Cabe dizer que não foi possível, sobretudo, devido aos riscos, a realização de entrevista ou um contato mais estreito com este tipo de financiador do futebol amador, os quais preferem continuar no anonimato, como, obviamente, era de se esperar. Todavia, durante o trabalho de campo realizado no Social Olímpico Ferroviário, em diversas oportunidades, os mandatários do clube deixaram transparecer que existem diversos tipos de patrocinadores, pessoas, inclusive traficantes, que financiam algum clube. Diante das dificuldades em administrar um clube de futebol amador, Gilmar Mansur disse:

“A dificuldade de um clube de futebol amador é financeira. Futebol amador sempre carece de questão financeira. No caso aqui do Ferroviário, eu posso falar aqui do Ferroviário. Aqui a gente não tem patrão. Sempre tem um poderoso bancando né, fazendo aquela coisa. Igual tem na escola de samba esses patrão ai. Mas aqui não!”

As dificuldades impostas aos clubes de futebol amador de Belo Horizonte, como se pode perceber, são, principalmente, de ordem financeira, sendo o clube amador, devido à forma como é administrado, incapaz de arrecadar o suficiente para se sustentar neste contexto de adversidades. É interessante notar, na mesma medida, que estas instituições informais, pouco ou nada burocratizadas, organizadas precariamente, à revelia do controle estatal, tais como os clubes de futebol amador, são dotadas de grande porosidade em relação a ação dos “padrões”, os quais não hesitam em impor ali seu

³³ Banco que estampa sua marca na maioria dos clubes de futebol da primeira e segunda divisão do Campeonato Brasileiro.

controle se esse se reverter em algum tipo de benefício³⁴. Processo semelhante ocorre nas escolas de samba do Rio de Janeiro, nas quais, notoriamente, há uma presença marcante de poderosas figuras criminosas, tais como “bicheiros” e traficantes, que financiam as escolas. O tom da declaração do mandatário do Ferroviário dá a entender, ainda, que os clubes de futebol amador que são “bem sucedidos financeiramente”, que não enfrentam as dificuldades financeiras - inerentes a este tipo de futebol, como se viu - desfrutam de patrocínios ou financiamentos advindos de fontes obscuras, dos patrões, creditando apenas a esses últimos a responsabilidade pelo bom desempenho de um clube frente às adversidades. Quando indagado acerca da situação em que o clube se encontra atualmente, situação essa, muito mais degradante do que de outros clubes do futebol amador da cidade, o mandatário do Social Olímpico Ferroviário, credita a falta de sucesso do clube ao fato de que:

“(…) nós não temos traficante na cabeça, não mechemos com isso, nosso time é limpo, tem 80 e tantos anos de história. Nunca teve nada disso, trabalhamos com dinheiro da renda do próprio campo. Então não tem supérfluo, não tem luxo não tem nada. Foi, na história do Ferroviário, foi um time que era bancado pela rede ferroviária, com a rede foi privatizada, acabou, quando ela era da rede, a rede custeava os gastos. Então era um time até, com um certo poderio.”

Como elucidado acima, não se constitui em tarefa fácil para os clubes conseguir este tipo de apoio financeiro, porém é essencial consegui-lo. Pode-se observar, ainda, que os clubes que se mantêm através do financiamento de traficantes são vistos como “clubes sujos”, pois o Ferroviário, em que “Nunca teve nada disso, trabalhamos com dinheiro da renda do próprio campo”, é um clube *limpo*, ou seja, livre do controle dos patrões das drogas.

Neste tipo de modalidade administrativa se percebe a existência de duas ramificações: clubes cuja administração é expropriada pelos traficantes, os quais passam a controlar pessoalmente o clube e clubes cuja administração permanece nas mãos das pessoas “comuns”, as quais não tardam em aceitar os incentivos financeiros oferecidos pelos traficantes. Em ambos os casos, o clube que alcança esta “dádiva”, vive épocas de

³⁴ Este benefício é muito mais simbólico do que propriamente material: prestígio, status e etc.

prosperidade, já que consegue arcar com as altas despesas - para os padrões amadores, nunca é demais lembrar - para a realização de uma simples partida, por exemplo. Segundo Gilmar Mansur:

“(...) um jogo do futebol amador (...) não sai por menos de R\$ 300,00 a R\$ 350,00 reais. Tô falando pra ele aqui, você tem roupa pra lavar, juiz, você tem que dar um lanche pra um jogador que chega com fome. Na hora de ir embora ele quer tomar um refrigerante, quer comer alguma coisa que passou um tempo aqui. São em torno de 4 passagens, pega duas passagens, mora longe. Tem o marcador de campo. Então quer dizer, fica em torno de R\$ 300,00 a R\$ 350,00 reais. Tem o escolar, uma despesa muito grande que falta patrocínio, que a gente precisa mais é um patrocínio. Nós trabalhamos muito no Ferroviário. Com patrão, não! Igual têm muitos clubes amadores que tem essa coisa, essa lavagem de dinheiro, nós, a história do Ferroviário é muito boa e limpa.” (Gilmar Mansur, Presidente do Social Olímpico Ferroviário)

Novamente, percebe-se que a referência adotada pelo mandatário do Ferroviário para designar os clubes de futebol que aceitam incentivos financeiros, que são patrocinados ou controlados pelo “patrão” baseia-se na dicotomia “clube limpo” e “clube sujo”. Há um orgulho latente em relação ao fato de que o Ferroviário é um clube com uma história limpa. Como se percebe os “clubes sujos” estão presentes no cotidiano das relações entre os clubes de futebol amador na cidade. Sendo um tema delicado, tratado sempre com muita parcimônia e cuidado pelos informantes, os quais estiveram reticentes no trato de informações mais aprofundadas acerca deste tipo de modalidade administrativa. Nesse sentido, é tarefa difícil identificar com maior precisão: quais são estes clubes, a quais bairros pertencem, estão localizados apenas nas proximidades de vilas, aglomerados e favelas - como tendemos a pensar quando falamos de traficantes de drogas -, que tipo de vínculo se constrói entre clube e patrões, qual seria a cota de patrocínio oferecida por eles a determinado clube de futebol amador, qual a função mais específica do clube de futebol amador nas organizações criminosas, como os traficantes fazem uso deste clube, dentre outras coisas

7 MINEIRINHO ESPORTE CLUBE³⁵: O CONTRAPONTO

“Eu sou atleticano, tipo assim, já fui da Galoucura e tudo. Mas a minha paixão mesmo, assim, dentro do futebol, principalmente futebol amador, é o Mineirinho!” (Damião, Presidente do Mineirinho Esporte Clube)

O Mineirinho Esporte Clube é um clube de futebol amador localizado na comunidade do Alto Vera Cruz³⁶, zona leste da capital mineira, considerado um dos mais violentos aglomerados da cidade. Como se nota, este clube é capaz de arrebatrar os corações, cativando os moradores desta comunidade com maior intensidade do que os clubes de futebol profissionais, como o próprio Clube Atlético Mineiro. Diferentemente de outros clubes da cidade o Mineirinho é um clube que resgata e preserva sua história e seus ídolos. O clube inicia suas atividades em fins dos anos de 1970 e sua trajetória é de muitos títulos tanto nas categorias de base quanto no amador, como observa o atual presidente do clube:

“é o seguinte: o Mineirinho em relação à fundação, que eu saiba, a data de fundação é de 10/05/ 76, que é o ano que foi filiado o Mineirinho. Antes de ser Mineirinho era Alto do Minério. Ai quando foi filiado na federação passou a ser Mineirinho Esporte Clube. E assim, o Mineirinho, assim, teve a época de ouro dele que é bi-campeão amador da cidade, que não é fácil ser campeão. Se eu falar com você que é fácil é mentira! Tanto que depois o Mineirinho não foi bi-campeão. O Mineirinho foi vice campeão duas vezes e voltou a ser campeão de novo entendeu? (...) então o clube surgiu através de amigos, dessas pessoas que gostavam mesmo e tal. E depois foi, filiou ai o Mineirinho. Foi bicampeão amador em 84/ 85 (...). O Mineirinho é bi campeão da Copa Centenário 2000/2006. O Mineirinho é bi campeão de juniores da Copa Cafunga, em 2011/2012. O Mineirinho é campeão da Copa dos Campeões amador, em 2007. Foi até o ano que eu estreei como presidente. O Mineirinho é tri-campeão

³⁵ Ver imagem do símbolo, do escudo do Mineirinho Esporte Clube em “Anexo 16”.

³⁶ Ver imagem do campo do Mineirinho em relação à favela em “Anexo 17”.

de júnior da DFA, em 93/94 e 2010. Então, quer queira quer não, são títulos né. Por que não é fácil ser campeão, ainda mais em BH.” (Damião, Presidente do Mineirinho Esporte Clube)

O clube surge das entranhas da favela do Alto Vera Cruz, isto é, a partir da iniciativa de amigos, de “parceiros” da própria comunidade. Desta forma, podemos inferir que o caso do Mineirinho captura a essência do futebol amador; este clube é uma manifestação esportiva, lúdica e cultural das pessoas daquele canto da metrópole. Nota-se que o clube tem um currículo invejável dentro do futebol amador da cidade: diversos títulos dos campeonatos e torneios mais disputados, nas mais variadas categorias em diferentes épocas. Isso pode ser considerado uma evidência clara de que o clube vem se reinventando ao longo dos anos para não ser vítima do ostracismo que, como se viu, é capaz de findar, facilmente, com um clube de futebol amador. Ora, mesmo num cenário adverso que imprime sérias dificuldades aos clubes de futebol amador da cidade de Belo Horizonte, ainda é possível perceber a existência de clubes que, mesmo não sendo “clubes sujos” ou semi profissionais, mantiveram a pujança e o apelo por parte da comunidade - mesmo com o passar dos anos, com a pressão da metrópole, com a desprestigição do futebol amador diante das populações mais jovens e etc. - permanecendo no cenário do futebol amador da cidade enquanto equipes fortes que sempre estão disputando e vencendo torneios e campeonatos. Optou-se por trazer um destes casos à tona como forma de ampliar a análise do futebol amador e demonstrar o quão complexo é este universo na cidade. Como ficará exposto, não é possível fazer generalizações vazias acerca do futebol amador, já que o Mineirinho Esporte Clube contraria todas – ou quase todas – as expectativas em torno do que se tratou até o momento, servindo-nos como um contraponto e, portanto, um caso que enriquece sobremaneira este trabalho. Os dados recolhidos serão apresentados em dois tópicos cada um dos quais abordando dimensões diferentes do mesmo clube. Espera-se que cada uma destas dimensões seja capaz de capturar aquilo que diferencia este clube do Social Olímpico Ferroviário, por exemplo.

7.1 Dimensão comunitária

Não há uma regra geral relativa ao vínculo criado pelas comunidades ou bairros e os clubes de futebol amador. Há, ao contrário, uma grande diversidade de formas de relacionamento entre a comunidade e os clubes, variando de acordo com uma série de elementos, dentre os quais podemos citar, classe sociais, faixa etária daqueles que participam, localização espacial do bairro ou do campo de futebol e etc. Nesse sentido, nota-se que há uma inequívoca influência da esfera social, em seus variados aspectos, em relação aos clubes de futebol amador da cidade, na medida em que as características do bairro, da comunidade da qual surge, da qual emana o clube de futebol amador são fatores determinantes, inclusive, do desempenho destes clubes em campo. É importante abordar esta questão pelo fato de que é possível observar a existência de diversos clubes de futebol amador, com diferentes perfis, em diferentes locais da cidade de Belo Horizonte. Sabendo que não seria possível estudar todos eles com a profundidade que este estudo propõe e requer, cabe apresentar e discutir um destes casos para que se tenha uma noção mais ampla acerca do que se está tratando aqui, contemplando de maneira mais abrangente o complexo e diversificado universo do futebol amador na cidade. Pode presenciar uma série de jogos entre clubes de futebol amador em locais em que aparentemente este tipo de futebol mantém a pujança e o apelo por parte da comunidade ou bairro. Foram jogos concorridíssimos em que havia mais de mil pessoas se amontoando e se espremendo nos alambrados e cercas de tela que separam o campo de futebol destes espectadores, situação contrária àquela verificada no Social Olímpico Ferroviário. Nestes casos, pude observar que se trata de clubes que mantêm e a cada dia aumentam seus vínculos com a comunidade a qual pertencem.

Este forte vínculo se faz presente, sobretudo, em vilas e favelas. Nestes locais é comum encontrar mais de um campo de futebol aberto à comunidade, nos quais um ou mais times mandam seus jogos. O campo do Mineirinho é muito requisitado não só pelos clubes dos bairros e comunidades próximas, como também pela própria FMF que sempre realiza ali partidas válidas pelos campeonatos que organiza. É importante salientar que o campo do Mineirinho é um espaço muito valorizado pela comunidade do Alto Vera Cruz, como também por outras comunidades ao redor; através do campo se

estabelece uma relação de solidariedade entre os diferentes bairros da região, como nota abaixo:

“A federação, por exemplo, ela faz lá vamos supor a primeira fase tantos jogos dia tal campo do Mineirinho já tá no outro campo que a gente disponibiliza o campo. Nesse intervalo tem jogos, assim dia de sábado, de amigos que disputam um torneio. Essas coisas agente organiza torneio assim lá no campo entendeu? O campo é pra comunidade usar também não quer dizer por exemplo que é blindada só a comunidade aqui não. Se você tiver seu time lá da região leste, da nordeste ou da sul e quiser marcar um jogo aqui, se tiver um horário disponível e esse horário for te agradar você, você é bem vindo também entendeu? Nós não temos aquele negócio de só uma comunidade que entra aqui não. É um campo assim bem requisitado a federação por exemplo manda semi final de vez em quando pra cá. Final de alguns campeonatos de categorias de base, as vezes de amador. O mineirinho chegando ou não na Copa Itatiaia, todo ano tem jogo no nosso campo.” (Damião, Presidente do Mineirinho Esporte Clube)

Há assim uma relação direta entre: de um lado, a disponibilidade de campos de futebol para a comunidade e o surgimento de times que, de uma forma ou de outra, representam essa comunidade e com ela se identificam; por outro, o vínculo que se desenvolve entre a comunidade e o futebol amador. Não é difícil imaginar os motivos pelos quais as vilas e favelas - que vêm o futebol amador enquanto parte importante da vida comunitária – conseguem manter vívido o futebol amador, já que este tipo de lugar não são muito visados pelo empreendedorismo imobiliário que se alastrou por bairros, antes periféricos, tomando conta dos campos, findando, assim, com este espaço social. O Mineirinho Esporte Clube é considerado, nesse sentido, um tipo ideal de clube de futebol amador, já que preserva e amplia o vínculo com a comunidade, foi criado por membros da própria comunidade, é, portanto, fruto da espontaneidade criativa da comunidade do Alto Vera Cruz; o clube é algo em que as crianças aprendem a se apegar, se tornar adepto do clube já pode ser considerado uma tradição na comunidade do Alto Vera Cruz, pois:

“Foi campeão amador o Mineirinho quando eu era menino... menininho mesmo. O avô dele então, a família dele praticamente toda sempre viveu o Mineirinho, como minha família sempre viveu e vive entendeu? Então é uma coisa de geração para geração. Então é o seguinte vêi, a gente vai levando... a gente mexe com futebol porque gosta Mineirinho é assim um time que eu fui nascido e criado dentro dele, Felipe aqui também foi nascido e criado dentro do Mineirinho né Felipe? entendeu? Então assim a gente acaba abraçando a causa que não tem jeito né?” (Damião, Presidente do Mineirinho Esporte Clube)

Como se pode perceber, o clube é algo ao qual os moradores da comunidade criam fortes vínculos afetivos e sociais. Quando criança atual mandatário do clube assistia aos jogos e se encantava com os grandes jogadores que ali fizeram história, que conquistaram diversos títulos no futebol amador de Belo Horizonte. O apego ao clube, de acordo com o que relata Damião, é algo que ocorre naturalmente, algo irresistível e inexorável. O fato de que o clube seja um vitorioso no cenário futebolístico amador da cidade é, inequivocamente, fator cativante que catalisa uma formação mais acentuada de vínculos com as pessoas do lugar. O clube se torna, nesse sentido, um núcleo do pedaço, uma referência espacial, social, cultural, simbólica para a comunidade, passando a ser concebido enquanto local para além do futebol. A centralidade deste espaço – e do clube que a ele está vinculado - para a comunidade fica evidenciada na quantidade e diversidade de projetos sociais que são realizados no campo e, conseqüentemente, no clube, muitos dos quais são iniciativas do próprio Mineirinho:

“isto na época de mais melhorias, por exemplo, mais vestiários. Nós já pintamos os vestiários esse começo de ano através de parceiros. Nós ganhamos tinta pra pintar o campo, aí a mão de obra foi nós mesmo, diretores. Tamo dando uma melhorada dando visual, porque assim vêi, um local que usa igual tem projeto da prefeitura (...), tem Fica Vivo, tem Escola Integrada, o time do flamengo, os meninos sempre treina lá também. Então é um campo muito requisitado. Durante a semana tem treino de projeto de manhã, a tarde; de segunda a sexta e foi cancelado a noite. Sábado e domingo é jogo o dia todo. Então a gente tem que dar uma cuidada tem que tá cuidando tem que dar uma estrutura. Aí entra

atrás de vestiário, trocar parabólica, parabólica que tem muito tempo que não troca. (...) Você vê é um campo que tá aqui, tem um cuidado, tá sendo cuidado direitinho. Se você reparar direitinho (...) os vestiários já tão com cara nova. Já foram pintados, pintamo por dentro e por fora a gente tem esse cuidado de tá cuidando, porque é o seguinte: não é meu, não é dele. não é seu! É de todo mundo entendeu? Então tem que preservar!” (Damião, Presidente do Mineirinho Esporte Clube)

Há uma preocupação manifesta do mandatário do clube em se empenhar para “cuidar” e melhorar o campo³⁷, na medida em que é um local muito requisitado tanto pelas demandas do próprio clube – no que tange jogos e treinos – como pela comunidade de um modo geral. Vale lembrar que o campo é um local em que vários projetos sociais são realizados pelos governos estadual e municipal. Para Damião o campo cumpre uma “função social dentro da comunidade”, pois:

“Não tem jeito de você pensar num clube de futebol de várzea dentro da comunidade que é o Alto do Vera Cruz, que já foi uma das comunidades mais violentas dentro de BH, você tá tirando o menino do mundo das drogas, que naquele momento de lazer ali você tem certeza que ele não está mexendo com droga. A gente tem, por exemplo, quem joga de manhã, tem café da manhã depois tem um almoço e quem joga à tarde, geralmente, depois do jogo tem uma resenha. Fazer um time hoje em dia você tem o mínimo disto, tem que dar condição de material, por exemplo, chuteira uniforme. Agente só não paga jogador. Jogador que não mora no bairro a gente dá passagem.” (Damião, Presidente do Mineirinho Esporte Clube)

De acordo com o mandatário do Mineirinho, o clube de futebol não pode ser concebido alheio, à parte da comunidade: os dilemas, os anseios, as mazelas, as peculiaridades deste pedaço da metrópole, de alguma forma se manifestam Mineirinho. Fica claro, nesse sentido, de que forma o contexto específico no qual o clube se insere - ou seja, numa comunidade pobre e violenta, na qual as drogas, assim como a falta de

³⁷ Ver imagens do campo do Mineirinho em “Anexo 18”.

recursos financeiros ou até mesmo de alimentos, fazem parte do cotidiano das pessoas³⁸ - atua diretamente sobre o comportamento, sobre a organização do clube. Este laço mais estreito entre o clube e a comunidade faz com que os quadros das diversas categorias sejam compostos por jogadores do lugar. Neste tipo de clube há uma grande disponibilidade de jogadores ao contrário de outros clubes, por exemplo, o Ferroviário. Percebe-se, pois, que não se faz necessária a remuneração a jogadores, já que há grande disponibilidade na própria comunidade ou nas comunidades vizinhas, como observa Damião:

“a maioria dos jogadores moram, são do bairro ou da região. O júnior do Mineirinho, por exemplo, todo mundo mora aqui ou é do Taquaril, Saudade, Jonas Veiga, Granja, Alto do Vera Cruz. É assim, pertinho. Então não tem jeito de você pagar passagem pro cara assim, é pertinho mesmo. Tem algumas pessoas que são de fora, mas aí vem o carro, vem o cara, às vezes vem de carro traz três, quatro pessoas. Então aí agente dá uma medida da gasolina; tudo isso ajuda e a amizade que a gente conquista muita amizade dentro do futebol eu graças a Deus eu assim eu tenho bastante amigo sou uma pessoa nova, mas eu consigo lidar no meio das pessoas mais adultas e até então eu sou um dos presidentes mais novos do futebol de BH” (Damião, Presidente do Mineirinho Esporte Clube)

Como se observa, através do futebol amador as pessoas se encontram, convivem, através dele as pessoas “conquista muitas amizades”, criam laços fortes com outras pessoas. O clube de futebol e o futebol amador são formas de lazer das pessoas que vivem naquela comunidade. Não é difícil imaginar o fato de que, por se tratar de uma comunidade pauperizada, a maior parte das pessoas do lugar deva ter um leque de opções de lazer bem limitado, a julgar pela, possível, falta de recursos. O clube figura, nesse sentido enquanto uma opção de lazer gratuita – na medida em que não se cobra

³⁸ Em algumas oportunidades pude presenciar o uso de drogas tanto no campo do Mineirinho quanto no campo do Ferroviário. O espaço do campo é utilizado pelos usuários, sobretudo de maconha, como um reduto seguro, como um local em que se fuma tranquilamente sem ser incomodado por “bicos” ou pela polícia.

mensalidade e o clube, ainda, oferece alimentação e transporte – e mais acessível às “famílias” daquele lugar. Estabelece-se, pois, uma espécie de reciprocidade entre o clube e a comunidade, como nos diz Damião:

“eu dou importância grande porque é o seguinte: no momento igual eu falei os meninos, as pessoas tão participando de alguma coisa dentro da comunidade eles tão saindo, estão fora do mundo errado. Que é lógico quem sou eu pra culpar, julgar alguém, mas a ideia da gente é tirar as pessoas do outro lado entendeu? É o maior objetivo é esse. (...) Eu acho que a importância do Mineirinho para a comunidade é grande é uma importância grande porque é o seguinte têm meninos, igual da categoria de base, que quando vai costuma levar o pai, a mãe, o irmão, a irmã, namorada, o cachorro, o gato, alguma coisa. Assim, então tá todo mundo da comunidade envolvido (...). É uma troca entre a comunidade e o clube, na lógica é uma troca, um depende do outro pra sobreviver” (Damião, Presidente do Mineirinho Esporte Clube)

A lógica de troca à qual se refere o mandatário do Mineirinho pode ser lida como uma dependência do clube para com a comunidade e da comunidade para com o clube. Esta íntima relação se faz presente no cotidiano do clube e da comunidade, os compartilham uma mesma realidade. A comunidade do Alto Vera Cruz torce e se mobiliza pelo clube. O episódio da mudança do campo no interior da comunidade lança luz sobre este aspecto. O atual campo do Mineirinho é um campo novo, já que fora construído há cerca de 15 anos. Quando o terreno em que se localizava o campo antigo fora utilizado para construção do posto de saúde, a comunidade não titubeou e “correu atrás” de outro local para construir o campo. Foi doado um terreno nos limites do Alto Vera Cruz com o Taquaril, próximo à divisa dos municípios de Belo Horizonte e Sabará. O local era relativamente afastado da comunidade, porém isso não impediu a mobilização de um grande número de pessoas que, através do programa municipal do Orçamento Participativo, conseguiu os recursos necessários à construção do novo campo. As pessoas, os moradores vivenciaram, experimentaram a vida social a partir do clube de futebol amador que de alguma forma as representa. Segundo Damião:

“(...) por exemplo, o campo do Mineirinho antigamente era aonde é o posto de saúde. Era pequenininho. menor do que o de lá; não tinha vestiário nem nada. Não tinha estrutura, e os cantos do campo não era alambrado. Ai quando fez o posto de saúde aqui, o Mineirinho ganhou terreno lá (...) e foi feito pelo Orçamento Participativo ai correu atrás da verba pra construir o campo. (...) Aquele campo lá tem quatorze a quinze anos mais ou menos. Eu vivenciei essa mudança porque eu cansei de jogar menino nesse campo aqui, acompanhava o Mineirinho aqui a transição daqui pra lá eu vivi ela toda. No começo véi, você fica sem saber como que vai ser mesmo né? Até adaptação porque ali já é Granja de Freitas aqui é dentro do bairro, no miolo do bairro. Então você perde um pouquinho da identidade e tal. Mas isso ai é só um tempo mesmo igual já tem mais ou menos quatorze, quinze anos que tem o campo hoje em dia. (...) Ai ficou o acesso fácil . Antigamente tinha ponte não tinha a Avenida Santa Terezinha aberta nem nada. Quando fez o campo lá não tinha aquele tanto de prédio em volta só tinha o campo a própria cabine que você viu lá. Só tinha os vestiários” (Damião, Presidente do Mineirinho Esporte Clube)

O papel central desempenhado pelo campo e pelo clube no contexto desta comunidade é indiscutível. O novo campo que fora construído mediante a participação direta da comunidade, que num primeiro momento estava afastado do “miolo do bairro”, direcionou o crescimento da comunidade, servindo enquanto referência espacial para este crescimento, na medida em que o local até então afastado, pelo qual não circulavam muitas pessoas, passa a ser concorrido e movimentado, atraindo a atenção das pessoas, dos novos moradores. O clube é concebido, portanto, como um bem da comunidade, sendo que o próprio mandatário atual do clube expôs esta visão quando avaliava seu trabalho à frente da presidência:

“O clube é formado por pessoas que gostam mesmo, querem ser diretor, uma coisa bem família mesmo. O Mineirinho é um time, tipo assim, igual eu falo pro pessoal, eu sou presidente não sou o dono do Mineirinho. O clube é da comunidade porque é o seguinte, eu vou, do jeito que já passaram vários

presidentes, eu também sou passageiro. Ninguém é eterno no clube” (Damião, Presidente do Mineirinho Esporte Clube)

O atual presidente do clube afirma e reafirma que o clube não é sua propriedade, nem de ninguém individualmente. A posse coletiva deste clube faz surgir no mandatário uma permanente preocupação para com a comunidade, para a qual há sempre uma prestação de contas. Essa pressão positiva da comunidade em relação ao clube conduz o mandatário a buscar constantemente promover melhorias no clube, beneficiando, de alguma forma, a comunidade. Em outras palavras, o clube transcende a figura de um presidente, diretor, treinador jogador ou qualquer outra tomada individualmente, na medida em que, independentemente, da ação de um ou de outro o clube continuará a existir, continuará a exercer suas atividades; o interesse maior é o benefício da comunidade.

7.2 Dimensão administrativa

De acordo com o modo como os clubes e o futebol amador foram tratados neste estudo, não se poderia creditar o sucesso do Mineirinho apenas à dimensão comunitária, embora ela contribua decisivamente para este sucesso, como se procurou demonstrar. Como visto anteriormente, o papel desempenhado por certas figuras, certos indivíduos na organização, na administração destes clubes de futebol amador é uma variável preciosa, cujo trato é imprescindível neste momento. As qualidades enquanto dirigente de futebol amador e as estratégias administrativas utilizadas por estas figuras têm muito a dizer acerca da realidade destes clubes, acerca da realidade social na qual estão inseridos. O atual presidente do Mineirinho é jovem, com apenas 36 anos de idade. Como sempre viveu nesta comunidade, ele acompanhou quase toda a história do clube tendo participação direta no Mineirinho na qualidade de torcedor, jogador e dirigente:

“Eu sempre fui jogador e diretor. Sempre gostei do Mineirinho. Já joguei em outros times: joguei no Minas de Betim, no Vila Rica de Sabará, já joguei em Contagem, entendeu? Mas minha casa sempre foi Mineirinho. Eu nasci e fui criado no Mineirinho. Minha família é Mineirinho. É só você passar lá em casa, lá na minha rua, e você vai ver, você vai chegar lá em casa rápido: o muro rosa com o escudo do Mineirinho grandão. Eu moro aqui, portanto, eu sou bem, bem dedicado ao Mineirinho mesmo. É assim é um clube que eu gosto. Igual, eu sou atleticano mas quando o galo perde eu não sinto tanto quando o Mineirinho perde” (Damião, Presidente do Mineirinho Esporte Clube)

Além de ser uma pessoa que sempre esteve envolvida com o futebol, seja amador ou não, o atual mandatário do clube cresceu na comunidade e aprendeu desde criança a “ser Mineirinho”. Esta relação de afeto dos moradores da comunidade para com o clube de futebol amador é algo, como se nota, que se aprende em casa, em família. Com Damião não foi diferente: apesar de ser “rodado”, com grande experiência no futebol amador, de ter participado de diversos times, em diferentes locais e cidades, ele acaba sempre “voltando para casa”. Esta experiência no futebol amador e todo o conhecimento por ele acumulado durante esta trajetória, habilitou-o a se tornar um dirigente do clube. Sobre o processo de ascensão à presidência ele diz:

“(…) mas aí falaram você é presidente do Mineirinho, você conhece jogador, você que corre atrás de jogador de fora. Então seria bom se você virasse presidente. Agente continua ajudando da maneira possível. Então e a gente corre atrás de patrocínio né? Agente coloca algumas placas, algumas pessoas pagam mensalidade do carnê do sócio torcedor, que quando eu criei o site eu criei o carnê sócio torcedor. Eu quero muito é sobreviver disso. De vez em quando faz uma rifa de uma chuteira, de uma bola, de uma camisa. Agente organiza alguns eventos de vez em quando para arrecadar fundos pro Mineirinho e vai vivendo. É o time que a gente gosta. É que o time tem muita gente pra cobrar. A torcida é apaixonada igual a do galo mesmo, igual à torcida de time grande mesmo. (...) Tem gente que, se o time chegar na final, deixa de almoçar pra ir pra final (...)” (Damião, Presidente do Mineirinho Esporte Clube)

Para que uma pessoa se torne dirigente deste clube, basta que preencha dois requisitos, a saber, a pessoa deve “ser daquele pedaço” e deve possuir conhecimento *sobre* e prestígio *no* futebol amador. Os conhecimentos e o prestígio acumulados por Damião durante uma longa trajetória no futebol amador foram fatores decisivos no que tange sua ascensão à presidência do clube, como se percebe. A esta experiência adquirida no futebol amador foi agregada uma visão administrativa que mescla estratégias modernas/inovadoras e tradicionais. As estratégias tomadas pelo mandatário – sejam elas tradicionais e/ou modernas/inovadoras - objetivam, basicamente, angariar maiores recursos para a manutenção do clube. Podemos inferir que o apego às formas tradicionais de se administrar um clube do futebol amador é fruto da cobrança permanente da comunidade em relação à gestão do clube; há uma vigilância constante dos rumos seguidos na diretoria, já que na “torcida apaixonada” do Mineirinho tem “muita gente pra cobrar”. Apesar de considerarmos o Mineirinho enquanto um caso de sucesso diante das dificuldades às quais estão expostos os clubes de futebol amador em Belo Horizonte, este clube não é exceção a estas dificuldades. Como observa Damião estão sendo tomadas estratégias que escapam, em larga medida, das formas tradicionais de se administrar um clube de futebol amador. O mandatário inovou, sobretudo, quando criou um site, imortalizando e divulgando o clube na rede mundial de computadores. Além disso, inspirado nos clubes de futebol profissional, lançou o programa de sócio torcedores que permite uma participação efetiva dos sócios no cotidiano do clube.

Apesar de ser considerado enquanto um caso de sucesso em se tratando da situação vivenciada pelos clubes de futebol amador da cidade, o Mineirinho, como qualquer outro clube do futebol amador, vive sérias dificuldades financeiras. Sanar estas dificuldades é o grande desafio administrativo dos dirigentes de clubes de futebol amador e, no Mineirinho, este quadro não é diferente. A este respeito diz Damião:

“Administrar um clube de futebol amador é, mais ou menos, uma mágica. Não queira saber. Toda semana a gente faz uma mágica diferente, igual eu te falei faz uma rifa, é, por exemplo, as mensalidades que, às vezes, ela já entrou já tem dono. Porque tem conta de água, luz e ai, por exemplo, quando não tem outro jogo no campo, ai aperta mais ainda. Tempo de chuva então! Ai você tem que

fazer mágica, muita mágica véi. Então, o dinheiro do clube vem do carnê do torcedor, das placas de publicidade. (...) Você viu que hoje em dia não são muitas. Não é todo mundo que quer pagar. (...) Hoje então você tem que correr atrás mesmo. Você tem que chegar e tem que ter coragem e pôr a cara. Tem que convencer a pessoa. Eu criei o site justamente por isso. Eu chego pra pessoa e, vamos supor, o produto que eu vender o produto do Mineirinho eu falo: ‘aqui gostaria de colocar (...), eu sou presidente do Mineirinho Esporte Clube (...) o que você acha de colocar uma placa de publicidade sua lá no meu campo e tal. Ai o cara fala, mas ai o que eu posso fazer. A situação é essa... essa... e essa. Ai o cara as vezes fala: ‘pô, mas este valor pra mim é caro!’. Então tá bom, vamos baixar este valor ai pra você. O quê que você acha? Por que tem cara que, às vezes, você fala com ele 150, 200 reais todo mês o cara assusta. (...) É difícil, por que fica caro um jogo. (...) Igual domingo que vem, o júnior joga fora e o amador joga fora. Parte especial de manhã e de tarde. De manhã e a tarde parte especial. (...) Fica quatrocentos reais e é mais barato (...) porque agente conseguiu ônibus mais barato porque qualquer ônibus hoje em dia é no mínimo de trezentos reais. Então você já vê que é uma mágica e tanto. Fora o café da manhã, fora passagem de jogador, por exemplo, que não mora no bairro, fora uma resenha depois do jogo, lavagem de roupa. Então você já viu que assusta. Tem que ser mágico. Tem que ter uma varinha de condão bem boa e se ela falhar um dia, você tá enrolado.” (Damião, Presidente do Mineirinho Esporte Clube)

O mandatário detalha as despesas e como tais despesas oneram as finanças do clube. Estas despesas dizem respeito a gastos com alimentação e, quando necessário, transporte de jogadores que não são moradores da comunidade (menor parte como se viu), contratação de ônibus para deslocar o time pela cidade, lavagem dos uniformes após as partidas e etc. O dirigente procura desenvolver estratégias, meios, maneiras pelas quais o clube possa ampliar sua arrecadação financeira. Nesse sentido, o campo desempenha papel central, já que a boa parte do que o clube arrecada provém das placas de publicidade ou aluguel do campo. O campo é, inequivocamente, o bem mais precioso de um clube de futebol amador, não só pela sua importância esportiva ou lúdica, como também de no que tange ordem econômica, a saúde financeira do clube. Todavia, os

rendimentos arrecadados a partir do campo de futebol não são suficientes para manter as atividades do clube. Assim sendo, Damião, de forma bem humorada, diz que precisa “fazer mágica”, precisa ter uma infalível “varinha de condão” para colocar em dia as contas do clube. Não há exageros por parte do mandatário no que diz respeito aos seus dotes mágicos, na medida em que, de fato, devido à condição financeira precária, foi preciso desenvolver estratégias administrativas, formas de se arrecadar fundos, pouco usuais no cenário do futebol amador belo-horizontino. Dentre estas estratégias pouco usuais, que aqui chamo de modernas, salta aos olhos a criação do web site do clube, pois *“como as maiores dificuldades é a financeira, agente tem que convencer, igual eu te falei, a gente tem que vender a marca Mineirinho pra conseguir atingir algumas metas”* como afirma Damião. O mandatário concebe o clube enquanto uma marca, um produto a ser vendido no mercado e a criação do endereço eletrônico para o Mineirinho é a consolidação deste processo. Ao visitar o site, logo se percebe que é possível comprar produtos do time (canecas, bonés, agasalhos, camisetas, chaveiros, enfim souvenirs de todos os tipos e para todos os bolsos). Além disso, através do site a pessoa interessada pode se tornar sócio torcedor mediante o pagamento de uma mensalidade que gira em torno de R\$20,00. Mesmo que este mecanismo de arrecadação não seja capaz de encher os cofres do clube, é inegável que se cria uma ligação muito mais forte entre o torcedor, neste caso o sócio, e o clube.

Uma das estratégias mais enfáticas adotadas pelos dirigentes do Mineirinho, sem a qual não seria possível “fechar as contas no final do mês”, e que destoa da maior parte dos clubes de futebol amador da cidade, diz respeito a não pagar nenhum tipo de remuneração aos jogadores que vestem a camisa do clube. Sobre este assunto, Damião comenta:

“Complicado porque tem time que investe mesmo entendeu? Então é assim: a gente vai levando. É um time, assim, que hoje em dia tem uma estrutura boa, mas assim ainda não é aquela estrutura cem por cento. O time da gente, a gente não paga jogador, porque, no futebol amador, se pagar jogador você morre; seu time acaba. Você cai no esquecimento. Igual muito time da várzea fizeram isso. (...) o Santo André, que era time que pagava, fazia muita frente, tanto é que,

igual te falei: pagou tanto jogador que hoje em dia tá na segunda divisão. (...) é não tem condições [de pagar jogador]. (...) não tem condições, porque eu não vou tirar de dentro da minha casa, por mais que eu goste de futebol amador” (Damião, Presidente do Mineirinho Esporte Clube)

Como dito anteriormente, há uma preocupação permanente por parte dos dirigentes do clube em realizar uma boa administração. Para o dirigente do Mineirinho, a realização de uma boa administração passa pela não remuneração a jogadores. É inegável que clubes tais como o Mineirinho, isto é, que mantém ou até mesmo ampliam os vínculos com a comunidade, tendem a ter maior disponibilidade de potenciais jogadores, o que diminui sobremaneira a necessidade de contratação de jogadores “de fora”. Como se pode observar, na visão de Damião, clubes que adotam esta estratégia de remuneração de jogadores, acabam por cair no esquecimento. Para ilustrar esta ideia, o mandatário cita o exemplo do time do Santo André, cuja administração “tanto pagou” para jogadores, que atualmente se encontra na segunda divisão do futebol amador da cidade.

Esta obstinação em ser reconhecido diante à comunidade por sua boa gestão frente ao clube, pode ser explicada pelo fato de que o atual presidente do Mineirinho é uma pessoa que tem uma liderança indiscutível na comunidade. Seu trabalho frente ao clube e o prestígio inerente ao cargo de presidente do Mineirinho - levando em conta a relevância do clube para a comunidade em geral - além do envolvimento mais substancial com questões que permeiam a vida social em vilas e favelas para além do futebol, tornam esta figura uma das principais lideranças da comunidade do Alto Vera Cruz. Nesse sentido, o atual presidente procura deixar um legado para seus sucessores e para a própria comunidade:

“complicado porque é o seguinte: a gente acaba mexendo com futebol a semana toda. É olhar documentação, porque eu sou do tipo do cara, assim, eu não sou aquele tipo, eu sou igual a um professor. Como diz o famoso ditado: sou igual a São Tomé: gosto de ver pra crer! Então eu gosto de tá sempre... documentação eu gosto de chegar lá, entregar na federação, conferir depois se tá tudo ok. Se tiver

faltando alguma coisa, eu sou bem caxias. Porque amanhã ou depois se der algum erro, fui eu que errei. Não quer dizer que eu queira abraçar o mundo, mas, assim, eu confio nas pessoas. Tem as pessoas que me ajudam, igual ao Barulho, o Moisés que tava aqui com você. Também nós somos junto praticamente vinte e quatro horas. Então agente procura fazer as coisas dentro da lei. Agente não gosta de fazer as coisas por baixo dos panos nem nada, porque amanhã ou depois, se der alguma coisa de errado eles não vão olhar no Mineirinho, por exemplo, a torcida vai olhar: ‘o presidente Damião é que fez coisa errada’, entendeu? E aí (...) quer dizer (...) é meu nome que está em jogo. Então eu sou um cara que gosto das coisas bem, mas eu procuro tá sempre certinho pra amanhã ou depois eu ter o direito de me defender o direito de defesa. Então eu sou bem chato com relação ao horário os meninos do júnior, por exemplo, quando o jogo é fora, o café da manhã é na minha casa nove horas da manhã. Deu nove e um, nove e dois, quando chega lá eu já falo: ‘Aqui, você não tem relógio na sua casa não? Tem horário não?’. Porque é o seguinte: é o mínimo ou então fala que não vai jogar, porque às vezes você fica esperando jogador, jogador sai pra gandaia, chega virado, então tem que ter compromisso” (Damião, Presidente do Mineirinho Esporte Clube)

De um lado há a preocupação por parte do mandatário em salvaguardar seu nome, sua integridade, já que, como ele mesmo enfatiza, ele gosta de fazer “tudo certinho” para que, no futuro, as pessoas da comunidade, a torcida do Mineirinho, não o acuse de ter realizado nada errado, “por baixo dos panos”. Por outro lado há uma preocupação em preservar e fortalecer o próprio clube, concebido para além da figura do presidente ou qualquer outro dirigente, pois na opinião de Damião “*igual eu te falei, o campo e o clube não é meu! Vou morrer e vai ficar aí*”. Como o clube é um patrimônio da comunidade, e continuará a ser mesmo após a gestão de Damião, busca-se resolver as coisas “dentro da lei” para que ninguém tenha motivos para duvidar do clube e da gestão. Ora, as atribuições de um presidente de clube de futebol amador esbarram em uma infinidade de pequenas funções dentre as quais está a resolução de questões puramente burocráticas. Estas questões são resolvidas entre o clube e a FMF, com a qual o presidente procura estabelecer relações mais estreitas e amigáveis:

“agente tem um tanto de amizade [na FMF], tanto quando agente faz festival ou promove alguma coisa no meio de algum evento e agente costuma convidar o pessoal da federação. Eles costumam vir e, assim, tranquilo demais. Tem o telefone celular dos que organiza o campeonato. A federação liga, a gente conversa, entendeu? Amizade bem ampla. (...) Com certeza isso que é ...que se não tiver [uma boa relação com a federação], meu filho, primeira brecha que tiver, cai” (Damião, Presidente do Mineirinho Esporte Clube)

Nota-se que o estabelecimento de boas relações dos clubes para com a FMF é algo essencial sob a perspectiva do clube, tanto que, de acordo com o que diz o mandatário do Mineirinho, o clube que não desenvolve boas relações, o clube que não cria laços fortes com a FMF, “logo cai”. Assim como no futebol profissional, no qual os presidentes dos grandes clubes devem transitar pelas diversas esferas da vida social, relacionadas à sua atividade, buscando fortalecer o clube, no futebol amador isso não é tão diferente. Os mandatários dos clubes procuram parceiros, patrocinadores, criam amizades no interior das instituições organizadoras e controladoras deste tipo de futebol, criam alianças entre os clubes amadores, enfim há uma busca incessante pelo aprimoramento e melhoramento das condições do clube, da agremiação no universo do futebol amador da cidade. A este respeito diz Damião:

“eu acho que conhecimento [na administração de um clube de futebol amador] é primordial, porque é o seguinte: o Mineirinho tem o campo lá, mas o Ás de Ouro, que é [um time] da região aqui, que disputa o campeonato, mandou seus jogos lá, que não tem campo. O Riviera, por exemplo, que tá mexendo no campo deles, vai mandar o jogo lá. O Palestra, que é do Taquaril, que não tem campo, vai mandar o jogo lá. O time novo do Taquaril, da segunda divisão, vai mandar jogo lá. Então aqui, eu te falei cinco times né? Com o Mineirinho, seis times mandando os jogos deles no campeonato dentro do campo do Mineirinho. Ai agente divide horário: um joga 13h, um joga às 15h, outro joga as 17h; atendendo no mínimo seis agremiações num campo só. Tem gente, tem campo

que não quer abrir a porta. O campo é dele, ele cede no máximo pro outro. Tem a richa, tem a rivalidade. Acho que a rivalidade tem que ser dentro do campo. Fora do campo todo mundo tem que ser amigo. Até pro futebol amador sobreviver. Por que não adianta se eu pensar só no Mineirinho (...)”(Damião, Presidente do Mineirinho Esporte Clube)

Esta relação aberta, de solidariedade para com os outros clubes é encarada como algo extremamente positivo, como o diferencial de sua administração frente ao clube, como seu maior trunfo administrativo. Pode-se inferir que há uma visão de que os clubes devem se ajudar reciprocamente. Mesmo que haja a rivalidade, essa deve circunscrever-se apenas dentro de campo, pois fora dele “todo mundo tem que ser amigo”; os clubes devem se esforçar conjuntamente para fortalecer o futebol amador como um todo.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscar-se-á neste momento ponderar acerca dos resultados obtidos nesta pesquisa, avaliando em que medida os objetivos propostos foram alcançados. Espera-se, contribuir de alguma forma para os estudos sociológicos do futebol amador, elaborando alguns apontamentos. A ideia inicial desta pesquisa quando ainda muito incipiente, antes mesmo do início do curso de mestrado em sociologia do Programa de Pós Graduação em Sociologia da UFMG, era estudar a diminuição, até aquele momento hipotética, dos campos de futebol abertos às comunidades espalhadas pela cidade de Belo Horizonte. Esta hipótese inicial de que há um processo de diminuição dos campos de futebol abertos à comunidade - nos quais um sem número de clubes de futebol amador mandava seus jogos, disputavam torneios e campeonatos - claramente se confirma e pode ser evidenciada ao longo da apresentação dos dados de campo. Conforme a pesquisa foi se desenvolvendo, fez-se necessário recortar de forma mais sofisticada o objeto de estudo. Nesse sentido, a tarefa de se estudar o futebol amador não foi das mais simples, já que, dentre outros motivos, não foram realizadas muitas pesquisas – sociológicas, antropológicas ou mesmo históricas – acerca do futebol amador como um todo, ou acerca dos clubes de futebol amador, especificamente. Percebe-se a existência residual de alguns estudos que têm no futebol amador seu objeto, porém apenas parte de tais estudos tiveram alguma serventia para esta dissertação. Isso se deve ao fato de que cada um deles contempla realidades muito particulares, específicas, como por exemplo, a realidade do futebol amador no município de Juazeiro do Norte em Pernambuco ou da cidade de São Paulo; assim, somente parte destes trabalhos pôde ser aproveitada. Não havia, portanto, referenciais teóricos ou metodológicos - exclusivamente voltados para o futebol amador - mais sólidos para o desenvolvimento desta pesquisa.

Havia, ao contrário, trabalhos, ideias e conceitos de alguns autores consagrados que, de uma forma ou de outra, voltaram suas atenções para o estudo de práticas de esporte e lazer na modernidade, sobretudo o futebol, e que foram de grande valia para o desenvolvimento desta pesquisa. A partir de perspectivas das mais variadas áreas do conhecimento, seja da sociologia, história, antropologia ou filosofia, cada um destes autores contribuiu sobremaneira para o desenvolvimento deste estudo, tanto no que diz

respeito a aspectos teóricos quanto no que tange a questões de ordem metodológica. A utilização destes autores se deu, primeiramente, no sentido de promover um recorte do objeto de estudo em questão mais sofisticado, mais elaborado. O futebol amador passa a ser concebido, desta forma, entre as noções de esporte e jogo. Cada uma destas noções foram construídas a partir das ideias de Norbert Elias e Yohan Huizinga. Estas noções ofereceram subsídios preciosos para a consecução da pesquisa, na medida em que muitas das características de cada uma delas, indubitavelmente, compõem o universo do futebol amador. O caráter lúdico do futebol amador, assim como, a forma como o contexto social mais amplo se manifesta neste futebol - ou seja, o futebol amador enquanto reflexo do contexto, da configuração social - ficam, pois explicitados.

Além destes dois pensadores, que dirigiram suas pesquisas para questões mais universais da vida social humana, recorreu-se a outros dois autores brasileiros, que se voltam para o contexto específico do Brasil e cujas ideias também foram largamente utilizadas aqui. Trata-se de José Magnani e Arlei Damo.

Segundo Arlei Damo, os pesquisadores que conhecem no futebol seu objeto de estudo, devem tomar algumas precauções, já que não existe apenas um futebol, mas sim vários futebolis. Cada uma destes diferentes tipos de futebol apresenta características particulares que os diferencia uns dos outros. Damo demonstra que o futebol amador ou de várzea é um dentre os vários tipos de futebol. O futebol amador – ou comunitário, tal como nomeia o autor - seria uma matriz futebolística que transitaria entre o futebol espetacularizado e o futebol bricolado, ou seja, entre o futebol profissional e o futebol das “peladas”. Por este motivo no futebol amador é possível perceber a existência de elementos que o aproxima do futebol profissional e outros que o distancia sobremaneira deste tipo de futebol.

Durante trabalho etnográfico em um bairro da periferia da cidade de São Paulo, Magnani cria o conceito de pedaço. A utilização deste conceito permitiu a ele analisar mais substancialmente o pequeno pedaço da metrópole no qual se dava sua pesquisa, a saber, a comunidade Três Corações. Foi constatado por ele que nos bairros ou comunidades metropolitanas, nestes pedaços, existem lugares, locais que são referências espaciais e sociais para os moradores. Dentre estes lugares, dentre estes locais se destaca o campo de futebol. O futebol amador ou de várzea é, portanto, um dos mecanismos mais efetivos de socialização e sociabilidade existentes nos pedaços da

metrópole. Há, assim, uma íntima relação entre, por um lado, o campo de futebol – enquanto um núcleo do pedaço –, as agremiações ou clubes de futebol amador que são criados e que mandam seus jogos nestes campos e, por outro, a comunidade na qual se localiza o campo e o clube de futebol amador. O futebol amador é, pois, fruto da ação de moradores, de colegas e amigos do bairro, da comunidade, os quais se juntam em torno de uma agremiação, de um clube, de um grupo, em torno de um interesse comum.

A partir das ideias destes autores foi possível definir com maior rigor para onde, para o quê, para quem o pesquisador lançaria seu olhar quando da realização da coleta de dados. Ora, as alternativas metodológicas para a consecução deste estudo, no que diz respeito à coleta de dados, não eram tão vastas. Isso se deve, sobretudo, às próprias características do objeto de estudo, na medida em que não existe, ainda, qualquer pesquisa levada a cabo a partir de amostras mais amplas, mais globais capaz de traduzir o complexo universo do futebol amador no Brasil como um todo. Desta forma, os trabalhos que até então foram produzidos ou publicados relacionam-se a realidades muito específicas: o futebol amador em Juazeiro do Norte, o futebol amador na capital de São Paulo e etc. Foi possível perceber, contudo, que a cidade, o espaço no qual o campo de futebol se encontra, o local em que clubes de futebol amador são criados e mantêm suas atividades, é uma variável relevante que precisa ser considerada com o maior cuidado. Era preciso, assim, promover uma pesquisa capaz de contemplar a realidade específica do universo futebolístico amador de Belo Horizonte. Através desta perspectiva esperava-se desenhar o cenário no qual se insere este tipo de futebol na capital mineira. Para tal, optou-se por promover dois estudos de caso de tradicionais clubes do futebol amador da cidade: o Social Olímpico Ferroviário e o Mineirinho Esporte Clube. Por meio de uma vivência mais visceral nos clubes pesquisados, poder-se-ia compreender mais eficazmente quais os elementos permeiam, influenciam ou determinam o comportamento, a ação e os rumos dos clubes e, conseqüentemente, do próprio futebol amador em Belo Horizonte. Vale ressaltar que não foi realizada uma etnografia *do* e *no* clube de futebol amador em questão, principalmente, pelo fato de que, por se tratar de um clube amador, suas atividades circunscrevem-se, basicamente, aos finais de semana e feriados; não há atividades regulares, cotidianas, no clube, a não ser os treinamentos das categorias de base. Não sendo possível, assim, viver no clube, como o fizeram muitos pesquisadores cujos objetos de estudo é uma comunidade, um

bairro (tal como quando Willian Foote White pesquisava o bairro de Cornville) ou uma tribo indígena, por exemplo.

Apesar do fato de que o trabalho de campo tenha se efetivado, basicamente, aos finais de semana, isso não comprometeu a coleta de dados, já que é, justamente, nestes dias que em um clube de futebol amador acontecem os jogos, os maiores encontros, maior presença de pessoas; sábado ou domingo são os dias em que ocorrem os grandes eventos nestes clubes, em seus campos. Podemos dizer que o final de semana está para o pesquisador que tem no futebol amador seu objeto de estudo, assim como, estariam os dias em que ocorre uma cerimônia ou festa religiosa para um sociólogo da religião. Aos sábados e aos domingos foi possível observar com maior intensidade o movimento criado pelos frequentadores, quem e de onde são estas pessoas, as conversas, as opiniões, os posicionamentos, os gestos, os discursos, dentre outras coisas que mediavam as relações entre as pessoas que para ali se dirigiam nestes dias. O que quero aqui dizer é que não houve qualquer comprometimento à qualidade dos dados e informações, na medida em que foram, juntamente com as entrevistas formais e informais realizadas, suficientes para decodificar parte do complexo e rico universo do futebol amador na cidade de Belo Horizonte.

O caso do Ferroviário revelou que os clubes de futebol amador da cidade estão expostos a um quadro de sérias dificuldades. Embora na visão dos mandatários deste clube estas dificuldades se devam, basicamente, à falta de recursos, o trabalho de campo revelou que tais dificuldades estão para além de meras questões financeiras. É inegável que a falta de recursos é uma realidade comum dos clubes de futebol amador de Belo Horizonte e que engessa grande parte destes clubes em diversas ocasiões. Porém ela não é a única responsável pelas dificuldades impostas a estes clubes no cenário metropolitano, como se observou. Foi possível perceber que outras variáveis contribuem decisivamente para a precariedade em que se encontram muitos clubes de futebol amador da cidade. Nesse sentido, destaca-se a menor adesão por parte da população mais jovem a este tipo de futebol, já que muitas das atividades de lazer desenvolvidas por estas gerações mais jovens escapam, em larga medida, do futebol amador, ou seja, a participação por parte dessas pessoas mais jovens em clubes de futebol de várzea se vê demasiadamente diminuída nos últimos anos. Embora não tenha sido realizada qualquer tipo de pesquisa amostral que abarque um universo mais amplo,

esta inferência é sustentada a partir da experiência do pesquisador e de uma pequena triagem com amigos e colegas que se interessam por futebol de alguma forma, que se interessam, sobretudo, praticar o futebol na qualidade de jogadores. A grande maioria não pratica o futebol amador (nem como jogador, tampouco enquanto torcedor/expectador). A maior parte daqueles que ainda praticam o futebol, o fazem em quadras de aluguel de futsal ou futebol soçaito.

Agrega-se a isso o fato de que há uma extinção sistemática de diversos campos de futebol, o que praticamente inviabiliza a manutenção das atividades de um clube de futebol amador – o qual dificilmente sobrevive sem um campo próprio – gerando o desaparecimento de um grande número de clubes. Ora, é inegável que o fim de clubes de futebol amador enfraquece aqueles clubes que permanecem em atividade.

Constatou-se, ainda, uma diminuição, e em alguns casos até mesmo o desaparecimento, cada vez mais evidente da participação da comunidade no clube de futebol amador. Este movimento de arrefecimento do vínculo da comunidade em relação ao clube de futebol amador é, talvez, a principal causa do enfraquecimento de diversos clubes da capital mineira. Este enfraquecimento desvela-se diante dos olhos do pesquisador, dentre outras coisas, pela redução da disponibilidade jogadores para os clubes (os quais são oriundos, em sua maioria, do próprio bairro ou comunidade na qual se localiza o campo, o clube); dificuldades em formar bons times, times competitivos; queda do clube para divisões inferiores dos campeonatos amadores organizados pela FMF; pela diminuição do apelo e do engajamento da comunidade para com o clube; e etc.

É possível analisar este processo de transformações pelas quais passa o futebol amador a partir de algumas das ideias de Norbert Elias. A maior lição de Elias e de sua sociologia figuracional é que devemos pensar os fenômenos sociais a partir da sociedade na qual tal fenômeno se engendra. Concebendo os clubes e o futebol amador enquanto o fenômeno social sobre o qual se está produzindo conhecimento, para conhecê-lo de fato, para compreendê-lo de modo satisfatório, é necessário concebê-lo enquanto reflexo da sociedade; ou, partindo-se de uma perspectiva inversa, é possível conhecer mais aprofundadamente uma sociedade, tomada em seu sentido mais amplo, a partir das atividades esportivas, tal qual o futebol amador. Embora a sociologia figuracional de Elias seja permeada por um evolucionismo eurocentrista - contido,

principalmente, na noção de *processo civilizador* - esta perspectiva não deixa de ser útil para se conhecer determinadas realidades. Poderíamos dizer que a situação em que se encontram os clubes de futebol amador em Belo Horizonte é, sem dúvidas, reflexo de uma configuração social mais ampla, de um contexto urbano específico da cidade. Ora, uma das facetas fundamentais do processo civilizador é, inequivocamente, a urbanização, o crescimento das cidades. Em cidades tais como Belo Horizonte, cidades com um pouco mais de um século de história, as transformações na cidade, no espaço urbano, se processaram com uma velocidade inimaginável. Por isso, bairros que até bem recentemente – há cerca de 20 anos - eram bairros periféricos, distantes do centro da cidade e, conseqüentemente, menos valorizados pelo mercado imobiliário, passam a atrair os olhares dos investidores. A lógica das relações de mercado, a procura pelo lucro baliza este processo. Os campos de futebol existentes nestes bairros, muitos dos quais construídos em terrenos doados por particulares, pela prefeitura, ou mesmo pela União, passam a ser concebidos não a partir pelo seu valor social, da importância para os moradores destes bairros, mas sim a partir de seu valor de mercado. Desta forma, estes espaços cedem lugar a prédios, conjuntos habitacionais, condomínios, lojas, shoppings, postos de saúde, escolas, enfim qualquer coisa que se fizer necessária a construção naquele momento. Vale ressaltar que este processo se dá não apenas pela iniciativa privada, como também pelo Estado, configurando-se, portanto, como algo que extrapola a dicotomia mercado/Estado e deve ser tomado enquanto um movimento da própria cidade, de uma metrópole que cresce a níveis assustadores.

Esta configuração social baseada no crescimento urbano desordenado, desregulado, não favoreceu, em nada, os clubes de futebol amador da cidade, como se pode notar. Estes clubes se viram sufocados por esta insaciável pressão metropolitana, a qual demanda todo o tempo por novos terrenos, novos territórios, novas construções, novos empreendimentos, novas obras. Para ilustrar o que se está tratando aqui, basta pensar no caso da região central da cidade: não há sequer um campo de futebol nos bairros localizados no centro da cidade – como havia em tempos passados; nos tempos do amadorismo, o campo do América Futebol Clube na Av. Augusto de Lima, o campo do Clube Atlético Mineiro na Av. Olegário Maciel -; estes campos foram gradativamente sendo engolidos pelo crescimento urbano. Em outras palavras, pensando no contexto específico da cidade de Belo Horizonte, pode-se afirmar que nos locais em

que o processo civilizador se intensifica - tais como nas regiões centrais da cidade, num primeiro momento, e nas regiões periféricas, posteriormente – aumenta-se a possibilidade de extinção dos campos de futebol abertos à comunidade.

O Social Olímpico Ferroviário foi um dentre vários clubes de futebol amador que sofreu e ainda sofre muito com este processo de crescimento da cidade, de urbanização dos bairros periféricos. O bairro em que se localiza este clube, atualmente, é muito visado pelos empreendedores imobiliários, sobretudo, devido à sua localização privilegiada no território da cidade: o bairro fica próximo ao centro e suas ruas e avenidas fornecem acessos rápidos a vários pontos da cidade. Havia ao redor e nas proximidades do campo do Ferroviário uma “favelinha” (como dizem os moradores), uma comunidade para a qual aquele campo de futebol era uma das únicas opções de lazer disponíveis. Nesse sentido, constituía-se entre o clube e esta “favelinha” um vínculo afetivo, emocional, esportivo e lúdico muito forte. Percebeu-se que a partir do momento em que esta favela foi “urbanizada”, quando os moradores foram forçados a deixar o lugar, este vínculo deixa de existir e o clube passa a viver sérias dificuldades para manter-se em funcionamento.

Este crescimento urbano prejudica – não só em Belo Horizonte, mas na maior parte das grandes cidades brasileiras - os clubes de futebol amador sob dois aspectos distintos: por um lado, este crescimento tem findado com muitos campos - e, conseqüentemente, com clubes também - de futebol abertos às comunidades e bairros da cidade; e, por outro, este crescimento desconfigura, descaracteriza, deforma, as bases comunitárias e sociais sobre as quais estes clubes foram criados, concebidos.

Foi possível perceber que o futebol amador passa por um momento de transformações, através das quais os clubes se vêem na iminência de se reinventar, de repensar as formas pelas quais eles se relacionam com o espaço urbano, com a cidade, com o bairro. Não há, contudo, linearidade neste processo ao qual faço referência acima, pois seus efeitos se manifestam e são assimilados pelos clubes de futebol amador de maneira demasiadamente distintas. Não se verifica, nesse sentido, uma regra, um padrão estável, mas sim uma fluidez que permite que os clubes sobrevivam, apesar das dificuldades.

Fez-se necessário neste momento da pesquisa, constatar e identificar algum caso de clube de futebol amador que, mesmo diante das dificuldades que são impostas,

consegue manter-se em atividade de forma bem sucedida. Era preciso compreender melhor o que definia o sucesso e o insucesso, o apelo e o abandono, a pujança e o marasmo de um clube de futebol amador da cidade de Belo Horizonte. Buscou-se por um clube com características que escapavam, em alguma medida, daquelas verificadas no Ferroviário. O caso do Mineirinho Esporte Clube apareceu como uma valiosa fonte de dados para a pesquisa. Este clube está localizado numa das maiores favelas de Belo Horizonte, o Alto Vera Cruz, considerada, por muitos, como um dos locais mais violentos da cidade. Este clube pode ser considerado uma materialização das relações sociais que se estabeleciam naquela favela, ou seja, enquanto expressão espontânea, enquanto institucionalização/clubicização, como uma manifestação esportiva e lúdica dos anseios, dos interesses, das expectativas de um grupo de amigos, de colegas, de pessoas que gostavam de futebol e decidiram fundar um clube amador que representasse de alguma maneira sua comunidade. O Mineirinho surge em fins da década de 1970 e logo cativa a comunidade com muita raça, “amor à camisa” e diversos títulos no cenário amador da cidade; as pessoas do lugar têm orgulho em ser Mineirinho, em torcer para o clube, de modo que há uma cobrança permanente desta “torcida apaixonada” - em relação aos dirigentes, às pessoas que administram o clube - por bons resultados, já que o clube representa a comunidade, “carrega o nome” do Alto Vera Cruz. O clube passa a ser um patrimônio inestimável para aquela comunidade; todos os moradores são donos do clube; o clube é, na realidade, uma propriedade coletiva daquele pedaço da metrópole.

Como explicar o fato de que mesmo sendo afligido pelas mazelas financeiras comuns à grande maioria dos clubes de futebol amador da cidade, o Mineirinho se mantém enquanto um dos clubes mais difíceis de ser batido em campo, sobretudo quando jogando em casa? Esta íntima relação que se construiu entre a comunidade e o Mineirinho Esporte Clube, que é produzida e reproduzida nas relações cotidianas verificadas no lugar é, inequivocamente, a principal responsável pela “força” do clube no cenário amador de Belo Horizonte. A pesquisa de campo indicou, nesse sentido, que, atualmente, os clubes de futebol amador com maior prestígio, força, qualidade e competitividade são, exatamente, os clubes localizados em grandes favelas e aglomerados da cidade. Este vínculo estreito garante a disponibilidade e a reposição constante tanto de jogadores quanto de dirigentes, o que é de suma importância para

qualquer clube de futebol amador, como se viu anteriormente. Esta renovação constante possibilita a atualização permanente frente às transformações sociais, culturais, políticas, econômicas, esportivas, administrativas, gerenciais em relação as quais os clubes de futebol amador não podem ficar alheios, como se viu.

Aquilo que chamo de força ou sucesso do clube está relacionado, na mesma medida, ao fato de que o Mineirinho é blindado, digamos assim, pela favela do Alto Vera Cruz. Apesar de ter havido nos últimos anos um incipiente processo de urbanização nesta comunidade (construção de pontes e pinguelas, pavimentação e alargamento de algumas ruas e becos, canalização do córrego), inegavelmente, este processo não encontra tanta volúpia - quanto aquele verificado no bairro em que se localiza o Ferroviário, por exemplo - pois não há o interesse mais contundente por parte das construtoras, dos empreendedores imobiliários em adquirir terrenos ou levar a cabo qualquer tipo de empreendimento nestes locais. Nos locais mais favelizados da cidade, menos urbanizados, portanto, não há, por parte da metrópole, aquela pressão tão intensa que, como se viu, sufoca muitos clubes de futebol amador. O processo de urbanização ainda enfrenta nestes locais obstáculos difíceis de serem superados, como os, sempre traumáticos, processos de desapropriação de moradores, falta de registro de imóveis – já que os terrenos, geralmente, são invadidos -, grande mobilização da comunidade em prol de questões e problemas comuns a todos do lugar, existência de organizações, associações e outros tipos de grupos e etc.

Outro diferencial relevante do Mineirinho em relação ao Ferroviário e que deve ser considerado em qualquer estudo acerca de clubes amadores ou do futebol amador em geral diz respeito à gestão, à administração de cada um dos clubes. No Mineirinho a administração é regida por pressupostos mais modernos, mais atualizados às demandas, às contingências do momento. O mandatário do Mineirinho faz uma leitura mais lúcida da realidade à qual seu clube está submetida e, a partir, disso, é capaz de elaborar estratégias mais eficazes para superar o quadro de dificuldades. O atual presidente do clube é uma pessoa relativamente jovem, com 36 anos de idade, é, portanto de uma geração mais recente que acompanhou mais de perto as mudanças inerentes ao mundo moderno e isso, inequivocamente, contribui para que sua administração responda de maneira mais satisfatória às demandas que se fazem presentes, isto é, seja mais condizente à realidade atual na qual se inserem os clubes de futebol amador. A criação

do web site do clube, a implementação do programa de sócios torcedores, uma visão administrativa baseada em princípios mais gerenciais, assumindo que seu clube precisa atrair parceiros, patrocinadores, enquanto uma “marca” esportiva que precisa ser vendida, são alguns dos elementos que caracterizam esta administração mais moderna.

Embora ao caso do Mineirinho Esporte Clube tenha sido dedicado menos tempo de pesquisa em relação ao Social Olímpico Ferroviário, avalio que o tempo foi suficientemente satisfatório em relação à qualidade dos dados e informações coletadas nos quais se basearam algumas das ideias deste estudo. A comparação entre os dois clubes foi de suma importância para esta pesquisa, na medida em que permitiu confirmar e concluir que o futebol amador tem uma íntima relação com o espaço físico e social no qual se insere, ou seja, o meio social, com suas particularidades, com suas características próprias, influi diretamente sobre os clubes de futebol amador, determinando, muitas vezes, o sucesso, o apelo, a pujança, a qualidade, a finalidade, os objetivos, o tipo de organização, as metas, os planos, as estratégias e as diretrizes destes clubes.

A realização de uma pesquisa mais aprofundada acerca da realidade destes dois clubes forneceu subsídios suficientes para se ter uma compreensão mais ampla do futebol amador, como um todo. O futebol amador é um dos caminhos para se pensar as relações sociais na metrópole. Como afirmara Elias, o esporte, neste caso o futebol amador, pode ser um eficaz meio através do qual a sociedade pode ser conhecida, compreendida. O estudo demonstra que o futebol amador é um meio pelo qual se estabelecem fortes vínculos sociais entre as pessoas: as pessoas que ali se dirigem buscam participar de um grupo. Numa sociedade como a nossa, que isola as pessoas, que impessoaliza, racionaliza e burocratiza as relações sociais, é muito importante ter um grupo, um território, um pedaço e, nesse sentido, o futebol amador se torna uma forma de as pessoas se afirmarem enquanto indivíduos, de serem reconhecidas, uma forma de o indivíduo valorizar-se a si mesmo. Surge, assim, um sentimento de pertencimento: o indivíduo se sente parte de algo, de um grupo social, de uma comunidade, de um bairro, de um pedaço e isso é essencial para a vida social. Em outros termos, podemos dizer que na metrópole há um isolamento cada vez mais notório do indivíduo e o futebol amador cumpre esta importante tarefa de aproximar pessoas, como algo que catalisa a formação de grupos sociais. Todavia, este encontro que entre

as pessoas nos clubes de futebol, no futebol amador se dá muito mais pela movimentação em torno do clube, em torno do campo do que pelo jogo em si. É evidente que os jogos, as partidas, sobretudo, aquelas válidas pelas competições que movimentam o calendário do futebol amador, são os grandes eventos, que atraem mais pessoas às dependências do clube.

O futebol de amador é uma atividade de lazer por excelência, mesmo havendo indícios do que chamei de semi profissionalização. Pensado este tipo de futebol enquanto parte do arcabouço de lazer disponível às pessoas na sociedade, pode-se dizer que ele é algo mais social do que ver TV, jogar vídeo game ou navegar na internet, por exemplo. Portanto, acredito que, apesar do fato de que o futebol amador e os clubes de futebol amador estejam sofrendo com as transformações inerentes ao mundo moderno, este tipo de futebol dificilmente desaparecerá. Ainda há motivos para acreditar que o futebol amador continuará a ser praticado enquanto uma atividade de lazer e que clubes de futebol continuarão a atrair pessoas para suas dependências, seja para assistir ou jogar uma partida, seja para tomar uma cerveja, seja para conversar com amigos do bairro. Entretanto, a julgar pelo ritmo de expansão e crescimento da cidade de Belo Horizonte, não restam dúvidas de que, em muito pouco tempo, muitos clubes de futebol amador fecharão as portas, deixarão de existir, sobretudo, aqueles que estão em bairros ou locais visados por construtoras e outros empreendedores. É difícil imaginar que a quantidade de clubes que serão fundados superará os que desaparecerão; ou em relação a estes novos clubes que, por ventura, surgirem seria necessário um grande espaço de tempo para se estabeleça, se crie e se mantenha vínculos sociais mais estreitos.

Uma projeção mais otimista como essa depende, inteiramente de uma atuação mais eficaz dos dirigentes e mandatários dos clubes de futebol amador. Enquanto pessoas que não tem naquilo uma profissão, que não ganham para desempenhar sua função no clube, que não trabalham para o clube, seria impensável exigir demais dos dirigentes de futebol amador, porém, enquanto pessoas que detém o conhecimento e a experiência, eles são os principais atores responsáveis por elaborar novas maneiras, novas estratégias para ou reinserir a comunidade no clube ou manter o vínculo com essa; para conseguir patrocínios e parcerias. Portanto qualquer mudança que se fizer necessária deve, necessariamente, ser iniciativa do próprio clube e de sua administração,

isto é, é tarefa dos clubes se reinventar, já que não há qualquer apoio do Estado e a iniciativa privada procura outras formas de investimento capazes de dar lucro.

9 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHAO, B. O. L. ; SANTANA, T. J. S. ; SILVA, S. R. ; NICÁCIO, L. G. ; MELO, M. A. . O Futebol em Belo Horizonte no início do século XX: uma nova possibilidade de lazer. In: VIII Seminário O Lazer em Debate, 2007, Rio de Janeiro. VIII Seminário O Lazer em Debate, 2007.

ALABARCES, Pablo.; PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. *Futbologías: fútbol, identidad y violencia en América Latina*. 1a. ed. Buenos Aires: CLACSO, 2003. 271 p. (Grupos de trabajo de CLACSO)

BEVARI, Rafael Firmino. *Futebol de várzea: berço de insubordinações*. 2009. 85 p. Relatório Final de Projeto de Iniciação Científica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – Faculdade de Ciências Sociais.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. *Ofício de sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia*. 5. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2005;

_____. Como é possível ser esportivo? In: *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

DAOLIO, Jocimar. A superstição no futebol brasileiro *in Futebol, cultura e sociedade*. Campinas: Autores Associados, 2005. 150 p.

DAMO, Arlei Sander; OLIVEN, Ruben George. Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre e seus torcedores. 1998 257 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola Superior de Educação Física.

_____. Do dom à profissão : Uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. 2005. 435 p. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola Superior de Educação Física.

DUNNING, Eric; SHEARD, Kenneth. Barbarians, gentlemen and players: a sociological study of the development of rugby football. New York: New York University Press, 1979.

DURHAM, Eunice Ribeiro; CARDOSO, Ruth. A Aventura antropológica: teoria e pesquisa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. 156p

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. A busca da excitação. Lisboa: DIFEL, 1992. 421 p.

FILHO, João Lyra. Introdução à sociologia dos desportos. Rio de Janeiro: Bloch, 1974. 394 p.

FREYRE, Gilberto. "Prefácio" in O Negro no Futebol Brasileiro, 1947. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947.

GIULIANOTTI, Richard. Sociologia do futebol: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002. 248 p.

GOERG, Marcelo. Futebol de várzea: uma investigação sobre os valores presentes no cotidiano da prática. 2010. 51 p. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Escola de Educação Física.

GONÇALVES, Alana Mara Alves. Futebol amador: campo emergente de sociabilidade. 2002. 97 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará/Universidade Federal do Cariri.

HELAL, Ronaldo. Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1997, 133p.

HUIZINGA, Johan. Homo ludens: o jogo como elemento da cultura. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004. 243 p.

LOPO, Rafael Martins; ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Trabalho e Futebol da várzea nos jogos da memória: ensaio etnográfico sobre as relações de trabalhadores urbanos e o futebol de várzea na cidade de Porto Alegre. 2010. Ensaio apresentado na 27^o Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre 01 e 04 de agosto de 2010.

MARTINS, Sergio. Lazer, urbanização e os limites da cidadania in *et alli*. ISAYAMA, Helder Ferreira; LINHALES, Meily Assbu. Sobre lazer e política: maneiras de ver, maneiras de fazer. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. 164 p.

MAGNANI, Jose Guilherme Cantor. Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Brasiliense, 1984. 198p.

_____.Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade.3°.ed.-. São Paulo: UNESP; HUCITEC, 2003. 166 p.

_____; TORRES, Lilian de Lucca. Na metrópole: textos de antropologia urbana. 2.ed. São Paulo: EDUSP: FAPESP, 2000. 319p.

MATTA, Roberto da. Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro in Roberto da Matta *et alli*. Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro, Pinakotheke, 1982.

_____A bola corre mais que os homens: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol. Rio de Janeiro: Rocco, 2006. 209 p.

MILLS, C. Wright. A imaginação sociológica. 4. ed. Rio de Janeiro: 1975. 246p.

MURAD, Mauricio. A violência e o futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje. Rio de Janeiro: FGV Ed., 2007. 194p.

MOURA, Rodrigo Caldeira Bagni. A Profissionalização do football em Belo Horizonte nas décadas de 1920 e 1930. Anais do XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte - Salvador – Bahia – Brasil 20 a 25 de setembro de 2009

NISBET, Robert A. La formacion del pensamiento sociológico. Buenos Aires: Paidós impressão, 1969, 2v.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. 374p.

PESAVENTO, Sandra J. O Imaginário da cidade: visões literárias do urbano; Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. -2.ed.-Porto Alegre: Ed.Universidade/UFRGS,2002.

RIBEIRO, Raphael Rajão; Borges, Maria Eliza Linhares. UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. A bola em meio a ruas alinhadas e a uma poeira infernal: os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921). 2007. 180f., enc.: Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

RODRIGUES FILHO, Mário. O Negro no Futebol Brasileiro. (4 edição). Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. “O fim do passe e a modernização conservadora no futebol brasileiro (2001-2006)”. [Tese de doutorado em sociologia]. UFRGS. Porto Alegre, 2007.

ROSENFELD, Anatol. Negro, macumba e futebol. Campinas, SP: UNICAMP; São Paulo: EDUSP, 1993. 106p.

SILVA, Marcelino Rodrigues da; SOUZA, Eneida Maria de UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. As mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mário Filho. 2003. 243 f., enc.: Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

SOUZA NETO, G. J. A invenção do torcer em Belo Horizonte: “da diminuta concorrência a formidável massa humana”. In: XVI CONBRACE, III CONICE, 2009, Salvador. Anais XVI CONBRACE, III CONICE, 2009.

SOUZA NETO, G. J. ; SILVA, S. R. O advento do lazer em Belo Horizonte ou das “festas e diversões”: um estudo dos hábitos de divertimento na ‘cidade moderna’ a partir do Minas Geraes. Revista *Licere*, Belo Horizonte, v.12, n.2, jun./2009

VELHO, Gilberto. A utopia urbana: um estudo de antropologia social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. 115p.

WEBER, Max. Ciência e política: duas vocações. [13 ed.]. São Paulo: Cultrix, 2005. 124p.

WHYTE, William Foote. Sociedade da esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. 390 p.

10 ANEXOS

Anexo 1

Imagem do campo do Social Olímpico Ferroviário no bairro Esplanada, região leste de Belo Horizonte. À esquerda do campo percebe-se o Ribeirão Arrudas e a Avenida dos Andradas e à direita a linha ferroviária. É importante notar como o campo é cercado por todos os lados pela cidade.



Fonte: Google Earth

Anexo 2

Campo do Mineirinho Esporte Clube localizado na comunidade do Alto Vera Cruz, região leste de Belo Horizonte. Pode-se ver claramente, pelo ângulo em que a fotografia foi tirada, como a favela está bem em frente ao campo. A avenida dos Andradas e o

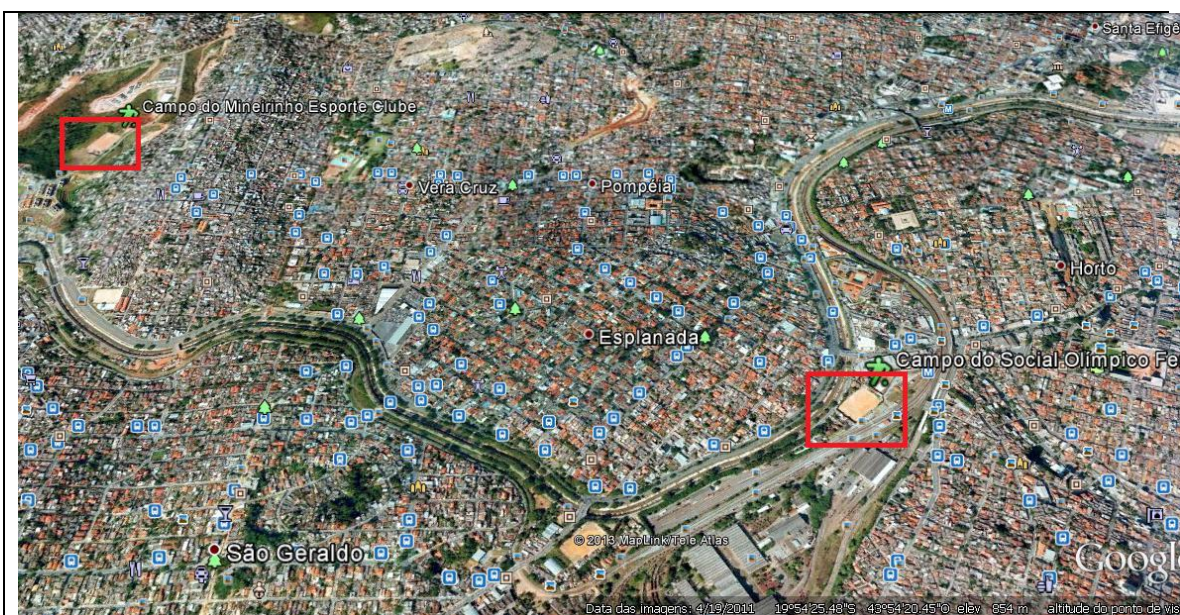
Ribeirão Arrudas podem ser vistos no lado superior direito da imagem.



Fonte: Google Earth

Anexo 3

Imagem da localização dos campos dos dois clubes pesquisados. Os campos de cada um dos clubes estão destacados em vermelho. Há uma pequena distância entre os mesmos de modo que estão na mesma região da cidade.



Fonte: Google Earth

Anexo 4

Abaixo imagens do trailer localizado em frente à entrada do campo, como se pode observar. O trailer é um dos principais espaços de convivência e socialização e sociabilidade para os clubes de futebol amador.





Anexo 5

Imagens do campo do Ferroviário. As duas primeiras fotografias retratam a entrada do clube, a terceira seria uma visão do campo a partir dos vestiários do time da casa.







Abaixo imagem do campo a partir das arquibancadas localizadas no lado oposto aos vestiários do time da casa.



Anexo 6

Imagem do beco que dá acesso ao campo. Visão do campo para a entrada, para o trailer. Pode-se notar que ainda há casas remanescentes da “favelinha”, tanto à esquerda quanto à direita da imagem.



Anexo 7

Imagem do campo do Ferroviário. Os vestiários dos visitantes e da arbitragem estão à esquerda da imagem. Uma pequena parte do campo, o alambrado, assim como, o banco de ferro podem ser vistos à direita da imagem. A generosa sombra formada pela árvore aparece no centro da imagem.



Anexo 8

Imagem dos vestiários do clube da casa, os quais estão bem ao lado do campo, como se pode notar. No local há uma melhor visão do jogo pelo fato de estar localizado bem no meio do campo e ali geralmente ficam as pessoas mais próximas aos jogadores ou pessoas que mais ligadas ao clube.



Anexo 9

Clubes que compõem o Módulo I do DFAC em 2012		
Equipe	Bairro	Fundação
Aliança Futebol Clube	Planalto	
Alvorada Futebol Clube	Nova Gameleira	1937
Araribá Esporte Clube	Pedreira Prado Lopes	1957
Âs de Ouro Futebol Clube	Alto Vera Cruz	12/12/1982
Associação Atlética Cachoeirinha	Cachoeirinha	31/1/1951
Associação Atlética Felicidade	Felicidade	15/10/1941
Associação Atlética Juliana	Juliana	
Associação Atlética Popular	São Paulo	12/5/1951
Associação Atlética Portuguesa	Providência	6/6/1975
Associação Atlética Santa Lúcia	Aglomerado Santa Lúcia	
Associação Atlética Serrana	Serra	
Associação Atlética Tupinense	Tupi	1965
Associação Esportiva Paulo VI Futebol Clube	Paulo VI	
Associação Esportiva Suzana	Suzana	1953
Associação Esportiva Unidos do Vale	Vale do Jatobá	1971
Associação Ferroviária Esportiva	Pedreira Prado Lopes	1964
Associação Recreativa Verona Futebol Clube	Aparecida	
Bandeirante Futebol Clube	Nova Granada	1978
Betânia Esporte Clube	Betânia	
Bonfinense Esporte Clube	Morro das Pedras	7/4/1979
Campo Verde Futebol Clube	São Tomaz	
Clube Atlético Nacionalense	Morro das Pedras	
Clube Recreativo Atlantic	São Lucas	5/7/1996
Esporte Clube Jonas Veiga	Jonas Veiga	
Esporte Clube Poliéster	Pedreira Prado Lopes	
Esporte Clube Santa Maria	Santa Maria	Set/59
Grêmio Mineiro de Esportes	Santo André	21/4/1947
Grenal Esporte Clube	São Gabriel	10/9/1970
Havaí Futebol Clube	Havaí	
ICA Futebol Clube	Jardim Vitória	17/12/1954
Inconfidência Esporte Clube	Concórdia	11/6/1944
IX de Março Futebol Clube	Cabana do Pai Tomaz	9/12/1986
Kanápoles Futebol Clube	Conjunto Santa Maria	6/2/2003
Mineirinho Esporte Clube	Alto Vera Cruz	10/5/1976
Nacional Futebol Clube	Jardim Felicidade	2/12/1945
Pitangui Esporte Clube	Lagoinha	27/5/1936
Radiante Futebol Clube	Lagoa	1/1/1981
Remo Atlético Clube	Nossa Senhora da Glória	

Roma Esporte Clube	Concórdia	
Saga Esporte Clube	São Gabriel	1972
Santa Mônica Futebol Clube	Santa Mônica	1960
São Bernardo Esporte Clube	São Bernardo	3/10/1937
São Luiz Futebol Clube	Vila Ventosa	12/4/1984
Social Olímpico Ferroviário	Horto	2/5/1928
Sociedade Esportiva Danúbio	Nossa Senhora da Glória	
Sociedade Esportiva Nazaré	Nazaré	
Sociedade Esportiva Real Madri	Vila Ventosa	
Taça de Ouro Futebol Clube	Itapoã	22/2/1968
Fonte: http://www.futebolbh.com.br		

Anexo 10

Campeões Módulo I - DFAC		
Ano	Campeão	Vice
1975	Popular	Inconfidência
1976	Pompéia	Santa Cruz
1977	Popular	Pitangui
1978	Nacional do Carmo	Venda Nova
1979	Ferroviário	Monte Azul FC
1980	Pompéia	Popular
1981	São Jorge	Santa Cruz
1982	Santa Maria	Esportingue FC
1983	Itamarati	Santa Maria
1984	Mineirinho	Santa Maria
1985	Mineirinho	Ferroviário
1986	Araribá	Mineirinho
1987	Cidade Nova EC	Santo André
1988	Coritiba EC	Santo André
1989	Santo André	Mineirinho
1990	São Bernardo	Estrela do Vale
1991	Ferroviária	Santa Cruz
1992	São Bernardo	Sarandí
1993	Suzana	Santa Cruz
1994	São Bernardo	Santa Maria
1995	Santa Maria	São Bernardo
1996	Alvorada	Suzana
1997	Popular	Suzana
1998	Campo Verde	Popular
1999	Cachoeirinha	Havaí

2000	Monte Negro	Jonas Veiga
2001	Oriente	Mineirinho
2002	Oriente	Antares
2003	Oriente	Riviera
2004	Jonas Veiga	Ferroviária
2005	Ferroviária	Atlantic
2006	São Luiz	Riviera
2007	Santa Catarina	Poliester
2008	Ferroviária	Santa Catarina
2009	Portuguesa	Inconfidência
2010	Ferroviária	Felicidade
2011	Portuguesa	Saga
2012	Portuguesa	IX de Março

Fonte: <http://www.futebolbh.com.br>

Anexo 11

Clubes do Módulo II do DFAC, separados por grupos – 2012

Grupo 1	Grupo 2
União da Vila	SJ Operário
A.Manchester	Marrocos
Santa Cruz	Novo são Lucas
Ideal	Beira Rio
Aldeia	Vista Alegre
Princesa Izabel	Tupinambás

Grupo 3	Grupo 4
U.E. Castanheira	Parque Riachuelo
Santa André	Principal
Serronovorient	Oriente
Carlense	Prointer
Avante	Serra Madre
Interlagos	Nacional

Grupo 5	Grupo 6
Inst. Agrônômico	Céu Azul
União	Ouro Preto
Riviera	Cafelândia
Manchester	Águia de Fogo
JUSG	Naja
Paranaense	Saudade

Grupo 7	Grupo 8
Estrela do Vale	Monte Verde
Estrela Azul	Cachoeira
Rio Petrópolis	Racing
Aiuruoca	Pompéia
Cruz Azul	Palestra
Inter	Atalanta

Fonte: <http://www.futebolbh.com.br>

Anexo 12

Resumo do regulamento dos campeonatos do Módulo I e Módulo II do DFAC - 2012
FASE 1 - 48 times
Nesta fase todos se enfrentam dentro do grupo classificando os 4 melhores
FASE 2 - 24 times
6 chaves de 4 times classificando os 2 melhores para a 3ª fase
FASE 3 - 12 times
3 chaves com 4 times cada classificando os 2 melhores para a 4ª fase
FASE 4 - 06 times
2 chaves com 3 times cada classificando os 2 melhores para as semi finais
FASE 5 - 04 times
Semi finais em turno único
FINAL
Decisão

Fonte: <http://www.futebolbh.com.br>

Anexo 13

Campeões Torneio Corujão Rede Globo Minas	
2004	Oriente/ BH
2005	Jonas Veiga/ BH
2006	Ferrovária/ BH
2007	Ferrovário /Sabará
2008	Ferrovária/ BH
2009	Portuguesa/ BH
2010	Fluminense /Mocamboiro
2011	Ferrovária/ BH
2012	Renascença/Betim

Fonte: <http://www.futebolbh.com.br>

Anexo 14

CAMPEÕES COPA ITATIAIA			
Edição	Temporada	Campeão Geral	Vice
52	2012	Grêmio Morro Alto (Vespasiano)	Santa Cruz
51	2011	Inconfidência	Brumadinho
50	2010	Friogoarnaldo (Contagem)	Inconfidência
49	2009	Friogoarnaldo (Contagem)	Araribá
48	2008	Brumadinho	Printer (B. Santa Lúcia)
47	2007	Vasco (Esmeraldas)	Bonfinense (Morro das Pedras)
46	2006	Campolina (Esmeraldas)	Santa Catarina (Pedreira Prado Lopes)
45	2005	Santa Catarina (Pedreira Prado Lopes)	Vila Rica (Sabará)
44	2004	Vila Rica (Sabará)	Araribá
43	2003	Canto do Rio (Brumadinho)	Atlantic
42	2002	Bandeirantes (Igarapé)	Mineirinho
41	2001	Santa Cruz (BH)	Pedro Leopoldo
40	2000	Fluminense (Mocamboiro)	Vista Alegre
39	1999	Minas (Betim)	Inconfidência
38	1998	Sertanejo (Prudente de Moraes)	Santa Cruz
37	1997	Friogoarnaldo (Contagem)	JUSG
36	1996	Santa Maria (BH)	Friogoarnaldo
35	1995	Friogoarnaldo (Contagem)	Santa Maria
34	1994	São Bernardo (BH)	CAP (Pompeu)
33	1993	CAP (Pompeu)	Tupinense
32	1992	Minas (Betim)	Mineirinho
31	1991	Minas (Betim)	São Bernardo

30	1990	Estrela do Vale (BH)	Minas
29	1989	Friçoarnaldo (Contagem)	Santo André
28	1988	Santo André (BH)	Friçoarnaldo
27	1987	Santo André (BH)	Minas
26	1986	Venda Nova (BH)	Vasco (Esmeralda)
25	1985	Santa Cruz (BH)	Pedro Leopoldo
24	1984	Venda Nova (BH)	Resplendor
23	1983	Pedro Leopoldo (Pedro Leopoldo)	Venda Nova
22	1982	Venda Nova (BH)	Pedro Leopoldo
21	1981	Pompéia (BH)	Campolina
20	1980	Santa Cruz	Santa Tereza
19	1979	Santa Tereza	Inconfidência
18	1978	Santa Cruz	Floresta
17	1977	Rosário	Pitangui
16	1976	Real Madrid	Pitangui
15	1975	Real Madrid	Cachoeirinha
14	1974	Independente - Mannesman	Frimisa
13	1973	Pitangui	ESAB
12	1972	ESAB	Pitangui
11	1971	Santa Cruz - Renascença	Horto - Sagrada Família
10	1970	ESAB	Cachoeirinha
9	1969	Ideal (S. J. da Lapa)	Pitangui
8	1968	Batalhão Escola - PMMG	Pompéia
7	1967	Matadouro	Clube Atlético Derivados
6	1966	Clube Atlético Derivados	Piratininga
5	1965	Havana	Pinheiros
4	1964	Celeste	Batalhão Escola - PMMG
3	1963	Novo Celeste	São José da Lapa
2	1962	Leopoldina	Suburbano
1	1961	Pompéia	Barreiro

Fonte: <http://www.futebolbh.com.br>

Anexo 15

Clubes de futebol amador de Belo Horizonte identificado pelo bairro em que se localiza

Clube	Bairro	Clube	Bairro
Águia Dourada Esporte Clube	Jardim Guanabara	Esporte Clube Santa Maria	Santa Maria
Ajax Esporte Clube	Santa Efigênia	Esportingue Futebol Clube	São Bernardo
Aldeia Futebol Clube	Serra	Estope Futebol Clube	Vila São José
Aliança Futebol Clube	Planalto	Estrela Azul Futebol Clube	Trevo

Almax Futebol Clube	Vila São José	Flávio Marques Lisboa Futebol Clube	Flávio Marques Lisboa
Alvorada Futebol Clube	Nova Gameleira	Galo Esportivo Dom Bosco	Dom Bosco
Antares Esporte Clube	Palmeiras	Grêmio Mineiro de Esportes	Santo André
Araribá Esporte Clube	Pedreira Prado Lopes	Grenal Esporte Clube	São Gabriel
Ás de Ouro Futebol Clube	Alto Vera Cruz	Havaí Futebol Clube	Havaí
Associação Atlética Aiuruoca	São Paulo	Ica Futebol Clube	Jardim Vitória
Associação Atlética Bahia	Serra Verde	Inconfidência Esporte Clube	Concórdia
Associação Atlética Benfica	Aparecida	Instituto Agrônômico Futebol Clube	Instituto Agrônômico
Associação Atlética Cachoeirinha	Cachoeirinha	Inter Futebol Clube	Sagrada Família
Associação Atlética Clube Pássaro Verde	Concórdia	Interlagos Esporte Clube	Brasil Industrial
Associação Atlética Cruz Azul	Serra	IX de Março Futebol Clube	Cabana do Pai Tomaz
Associação Atlética Felicidade	Felicidade	Januarense Esporte Clube	Dom Cabral
Associação Atlética Juliana	Juliana	Jardim Europa Esporte Clube	Jardim Europa
Associação Atlética Ouro Preto	Ouro Preto	Kanápoles Futebol Clube	Conjunto Santa Maria
Associação Atlética Popular	São Paulo	Leblon Esporte Clube	Jardim Leblon
Associação Atlética Portuguesa	Providência	Malhorca Futebol Clube	Pedreira Prado Lopes
Associação Atlética Raça Negra	Novo São Lucas	Manchester Futebol Clube	Rio Branco
Associação Atlética Santa Lúcia	Aglomerado Santa Lúcia	Mangueira Esporte Clube	Jardim Vitória
Associação Atlética Santo André	Santo André	Marrocos Futebol Clube	Jardim Leblon
Associação Atlética Serrana	Serra	Matadouro Futebol Clube	São Paulo
Associação Atlética Tupinense	Tupi	Milionários Futebol Clube	Milionários
Associação Atlética Vargem Grande	Novo Olaria	Mineirinho Esporte Clube	Alto Vera Cruz
Associação Desportiva Monte Negro	Céu Azul	Monte Azul Esporte Clube	Esplanada
Associação Desportiva Oriente	Céu Azul	Monte Verde Futebol Clube	Jardim Leblon
Associação Esportiva Águia de Fogo	Saudade	Nacional Futebol Clube "Nacional do Carmo"	Calafate
Associação Esportiva Baluarte	Betânia	Nacional Futebol Clube	Jardim Felicidade
Associação Esportiva Estrela do Vale	Vale do Jatobá	Najá Futebol Clube	Santa Efigênia
Associação Esportiva Ideal Futebol Clube da Vila Pinho	Vila Pinho	Novo São Lucas Esporte Clube	Novo São Lucas
Associação Esportiva JUSG	São Gabriel	Palmeirense Futebol Clube	Nossa Senhora da Glória
Associação Esportiva Paulo VI Futebol Clube	Paulo VI	Paraíso Esporte Clube	Paraíso
Associação Esportiva Princesa Izabel Futebol Clube	Vila CEMIG	Parque Riachuelo Futebol Clube	Paraíso
Associação Esportiva Santa Tereza	Santa Tereza	Pastoril Futebol Clube	Dom Cabral
Associação Esportiva Saudade	Saudade	Pitangui Esporte Clube	Lagoinha

Associação Esportiva Suzana	Suzana	Pompéia Futebol Clube	Pompéia
Associação Esportiva Tupinambás	Horto	Principal Futebol Clube	Santa Lúcia
Associação Esportiva União da Vila		Primavera Futebol Clube	Primavera
Associação Esportiva Unidos do Vale	Vale do Jatobá	Prointer Futebol Clube	Santa Lúcia
Associação Ferroviária Esportiva	Pedreira Prado Lopes	Racing Esporte Clube	Universitário
Associação Independente de Recreação e Desportos	Vale do Jatobá	Radiante Futebol Clube	Lagoa
Associação Manchester	Vila Cafezal	Real Pompéia Esporte Clube	Saudade
Associação Marieta Futebol Clube	Vila Marieta	Remo Atlético Clube	Nossa Senhora da Glória
Associação Palestra Futebol Clube	Taquaril	Reunidos Esporte Clube	Alto dos Pinheiros
Associação Recreativa Itamarati Futebol Clube	Ouro Preto	Rio Petrópolis Futebol Clube	Independência
Associação Recreativa Verona Futebol Clube	Aparecida	Rio Verde Futebol Clube	São Lucas
Atalanta Futebol Clube	Jardim Montanhês	Riviera Atlético Clube	Alto Vera Cruz
Avante Futebol Clube	Serra	Rocinha Esporte Clube	
Bandeirante Futebol Clube	Nova Granada	Roma Esporte Clube	Concórdia
Bandeirão Futebol Clube	Sumaré	Saga Esporte Clube	São Gabriel
Bangu Atlético Clube	Jardim América	Santa Amélia	Santa Amélia
Betânia Esporte Clube	Betânia	Santa Catarina Futebol Clube	Pedreira Prado Lopes
Bonfinense Esporte Clube	Morro das Pedras	Santa Cruz Futebol Clube	Santa Cruz
Cachoeira Futebol Clube	Novo Aarão Reis	Santa Mônica Futebol Clube	Santa Mônica
Cafelândia Futebol Clube		São Bernardo Esporte Clube	São Bernardo
Campo Verde Futebol Clube	São Tomaz	São Jorge Esporte Clube	Vila São Jorge
Cantagalo Futebol Clube	São Gabriel	São Luiz Futebol Clube	Vila Ventosa
Carlense Futebol Clube	Jardim Guanabara	Serra Madre Futebol Clube	Pindorama
Cercadinho Futebol Clube	Vila Ventosa	Serronovorientes Futebol Clube	Pedreira Prado Lopes
Céu Azul Futebol Clube	Céu Azul	Social Olímpico Ferroviário	Horto
Cidade Nova Esporte Clube	Cidade Nova	Sociedade Américo Futebol Clube	Santa Mônica
Clube Atlético Nacionalense	Morro das Pedras	Sociedade Esportiva Danúbio	Nossa Senhora da Glória
Clube Recreativo Atlantic	São Lucas	Sociedade Esportiva Granja de Freitas	Granja de Freitas
Clube Recreativo Beira Rio	Serra Verde	Sociedade Esportiva Nápoli	Tupi
Colar Esporte Clube	Aglomerado Santa Lúcia	Sociedade Esportiva Nazaré	Nazaré
Comercial Esporte Clube	Barreiro de Baixo	Sociedade Esportiva Novo Aarão Reis	Novo Aarão Reis
Comerciário Futebol Clube	Jardim dos Comerciantes	Sociedade Esportiva Real Madri	Vila Ventosa
Coritiba Esporte Clube	Nossa Senhora da Glória	Sociedade Esportiva São José Operário	Dona Clara

Dom Bosco Futebol Clube	Dom Bosco	Sport Club União	
Douradense Esporte Clube	Alto Vera Cruz	Taça de Ouro Futebol Clube	Itapoã
Esporte Clube Castelo	Gameleira	União Esportiva Castanheira	Castanheira (Barreiro)
Esporte Clube Jonas Veiga	Jonas Veiga	Univila Esporte Clube	
Esporte Clube MHM	Calafate	Vista Alegre Futebol Clube	Vista Alegre
Esporte Clube Paranaense do Parque São João Batista	Cabana do Pai Tomaz	Wesperança Futebol Clube	Cardoso
Esporte Clube Poliéster	Pedreira Prado Lopes		

Fonte: <http://www.futebolbh.com.br>

Anexo 16

Escudo do Mineirinho Esporte Clube pintado na parede dos vestiários.



Anexo 17

Pode-se ver na imagem abaixo a localização do campo do Mineirinho Esporte Clube em relação à comunidade do Alto Vera Cruz. Nota-se que o campo está à esquerda, na

parte alta da fotografia e a favela ocupa todo o restante da imagem.



Fonte: Google Earth.

As fotografias abaixo foram tiradas na parte alta da comunidade. Ao fundo nota-se claramente a grande favela que circula o campo do clube.



Anexo 18

Imagens do campo do Mineirinho Esporte Clube.



